



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO**



APOSTILA DE CINOTECNIA

**Osasco-SP
2014**

Apostila de Cinotecnia

Versão 2

Capitão Rubens Fabiano Soares Prado

Médico Veterinário, Mestre em Ciências Veterinárias
Hospital Veterinário – Academia Militar das Agulhas Negras

Capitão Otavio Augusto Brioschi Soares

Médico Veterinário, Doutor em Medicina Veterinária
Seção de Cães de Guerra/Centro de Reprodução e Distribuição de Caninos – 2º Batalhão de Polícia do Exército

PRINCÍPIOS DE ENFERMAGEM VETERINÁRIA

ANATOMIA E FISIOLOGIA CANINA

1. OSTEOLOGIA

Osteologia é o ramo da anatomia que se dedica ao estudo dos ossos que, somados aos ligamentos e cartilagens, constituem o esqueleto. Os ossos são órgãos vivos que podem adoecer, ficar fino com o desuso, hipertrofiar com o aumento de peso e cicatrizar caso venham a fraturar.

O esqueleto é a porção passiva do sistema locomotor (os músculos são a porção ativa) e suas principais funções são:

- Sustentação do restante do corpo;
- Funciona como um sistema de alavancas para a locomoção;
- Proteger órgãos internos (pulmões, coração, cérebro, etc);
- Produção de células e constituintes sanguíneos (hemocitopoiese, via medula óssea vermelha);
- E ainda age como depósitos de minerais, auxiliando na regulação da concentração de cálcio e fósforo no sangue, via ação de hormônios.

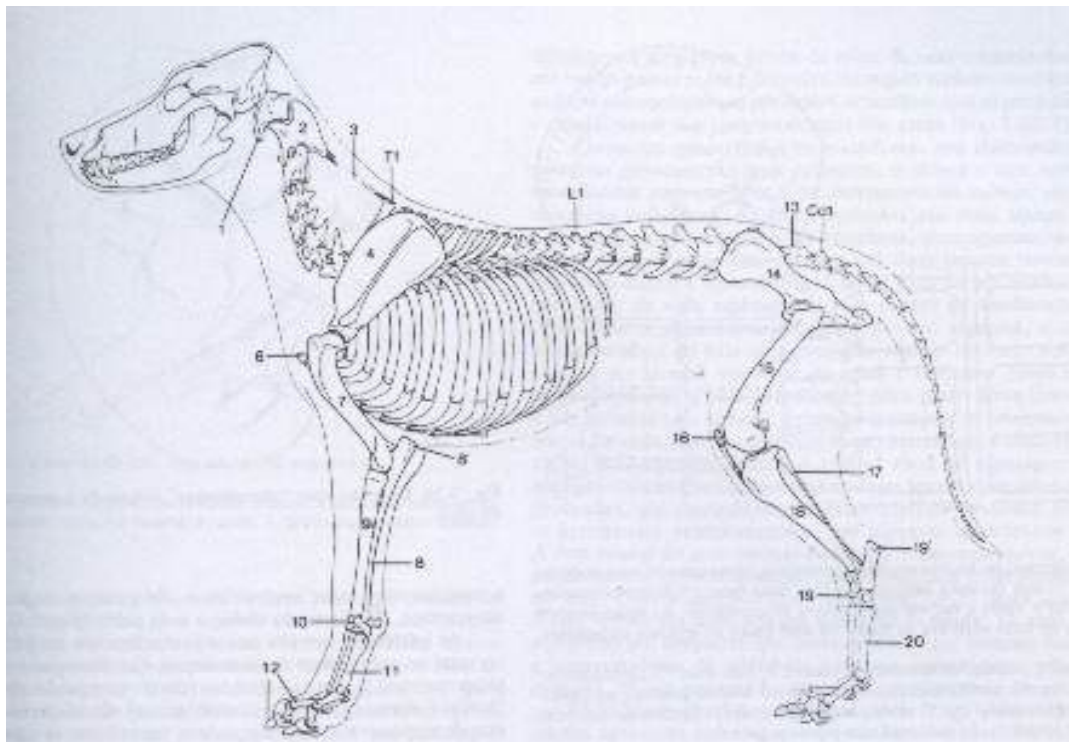
O esqueleto pode ser dividido em esqueleto axial (formado pelos ossos da cabeça, pescoço e tronco), esqueleto apendicular (formado pelos ossos dos membros torácico e pélvico), esqueleto visceral (ossos associados a alguns órgãos como o osso peniano).

Esqueleto axial: Cabeça, coluna (vértebras cervicais, torácicas com as costelas e o esterno, vértebras lombares, sacrais e coccígeas).

Esqueleto do membro torácico: Escápula, úmero, rádio e ulna, carpo, metacarpo e falanges.

Esqueleto do membro pélvico: Coxal / pelve (íleo, ísquio e púbis), fêmur, tíbia e fíbula, tarso, metatarso e falanges.

As articulações são os pontos de contato entre os ossos e algumas servem para unir firmemente os mesmos, já outras proporcionam livre movimentação.



Esqueleto canino

2. MIOLOGIA

O agrupamento em feixes de células especializadas na contração e no relaxamento (células musculares) forma massas macroscópicas denominadas músculos. Existem cerca de 200 a 250 pares de músculos que podem ser individualizados e identificados no animal.

Os músculos estão sob comando do sistema nervoso e são a porção ativa do aparelho locomotor. As contrações executadas pelas fibras (células) musculares deslocam peças ósseas (porção passiva) para a produção dos movimentos de um segmento do animal.

Cada músculo tem seu nervo motor, que se distribui em todas suas células, e quando estimulado provoca a contração muscular. Se essa contração resulta de um ato de vontade o músculo é dito voluntário, do contrário diz-se que é involuntário.

Outra classificação baseia-se na presença ou não de estrias nas células musculares (músculos estriados ou lisos). Tais estrias correspondem à disposição dos miofilamentos de actina / miosina, que são responsáveis pelo encurtamento celular e contração.

Os músculos lisos têm esses miofilamentos dispostos de maneira não organizada, ao contrário do estriado. Músculos lisos compõem a maioria das vísceras ocas, vasos sanguíneos e glândulas. A contração dessas células é lenta e involuntária, via sistema nervoso autônomo (SNA).

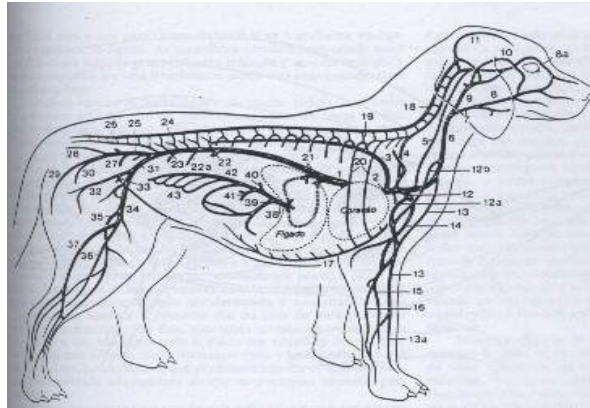
Os músculos estriados subdividem-se em cardíaco e esquelético. O cardíaco é um tipo especial e involuntário. Suas células são ramificadas e comunicam entre si, dando movimentos vigorosos e rítmicos praticamente independentes do sistema nervoso central (SNC), o SNA interfere apenas na mudança de ritmo.

O músculo estriado esquelético é aquele que é, geralmente, fixado pelo menos por uma extremidade ao esqueleto. Sua contração é rápida, vigorosa e está sob comando do indivíduo (voluntário). Tais músculos fixam-se aos ossos por meio de tendões (forma cilíndrica) ou aponeuroses (forma laminar), que são formados pela soma do tecido conjuntivo existente no interior dos músculos. Alguns destes músculos podem não se ligar a ossos, estando sob a pele (mm. Cutâneo) ou como esfíncteres (píloro, cárdia, ânus).

3. SISTEMA CARDIOVASCULAR

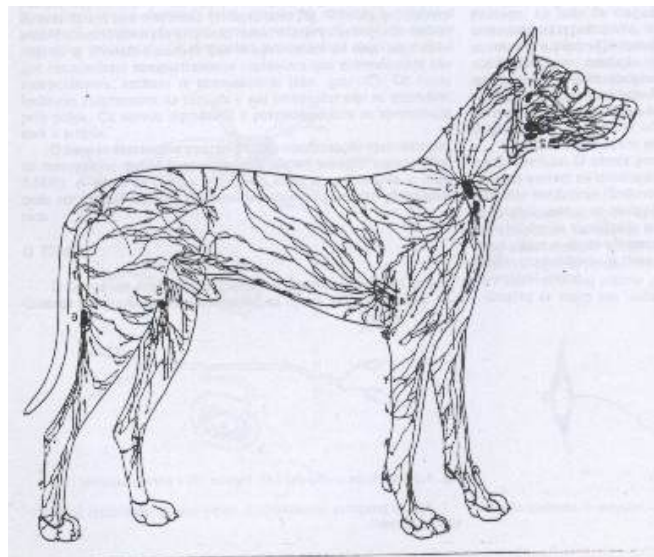
O sistema circulatório é composto por artérias, vasos que levam sangue do coração aos órgãos e tecidos; veias, vasos que trazem o sangue dos tecidos e órgãos ao coração; capilares, que são vasos finíssimos onde ocorrem trocas metabólicas entre o sangue e o tecido irrigado, sendo a conexão entre as menores veias e artérias do organismo. Além disso, tem uma “bomba”, o coração, composta por quatro câmaras (átrio esquerdo e direito, e ventrículos esquerdo e direito).

Tais vasos formam dois circuitos chamados: Grande circulação, ou sistêmica, e pequena circulação, ou pulmonar. A grande circulação é responsável por levar sangue oxigenado (arterial) do ventrículo esquerdo do coração a todas as partes do organismo, com exceção do pulmão, e trazer o sangue desoxigenado (venoso) dos tecidos ao átrio direito do coração. A pequena circulação transporta o sangue venoso do ventrículo direito para o tecido pulmonar, onde este será re-oxigenado, e retornará ao ventrículo esquerdo. Essas duas circulações, em conjunto com o coração formam uma rede através da qual o sangue circula sem cessar.



Sistema circulatório do cão

O sistema circulatório conta ainda com o auxílio do sistema linfático, que é composto por vasos e capilares linfáticos, além dos linfonodos localizados ao longo das vias linfáticas. Os capilares linfáticos recolhem o excesso de líquido extravasado dos capilares sanguíneos (a linfa) e, através dos vasos linfáticos, o conduzem, passando pelos linfonodos, novamente para a circulação desembocando em grandes veias. Esses linfonodos localizam-se ao longo das vias linfáticas e agem como “sentinelas” alertando o organismo, pois são formados por células de defesa (linfócitos e células fagocitárias) capazes de detectar qualquer substância estranha ao organismo (bactérias, vírus, etc) que estiver presente na linfa, e reagir contra ela com a produção de células de defesa e anticorpos.



Sistema Linfático do cão

O sangue é composto de células especializadas (hemácias ou eritrócitos, leucócitos ou glóbulos brancos, e plaquetas) suspensas numa substância líquida (plasma). A circulação constante do sangue proporciona que todas as células do organismo realizem suas várias funções, sejam nutridas e protegidas mantendo a homeostase (manutenção equilibrada das condições normais do organismo).

Os eritrócitos são responsáveis pelo transporte do oxigênio aos diversos tecidos. Os leucócitos são cinco diferentes células responsáveis, de uma forma geral, pela defesa do organismo.

As plaquetas são porções celulares (partes / fragmentos) de uma célula maior (megacariócito) da medula óssea que as origina. As plaquetas contêm em seu interior uma série de substância envolvidas e necessárias ao processo de coagulação. Assim as plaquetas estão diretamente envolvidas no processo de coagulação sanguínea e formação dos “tampões hemostáticos”. Sendo assim, a deficiência de plaquetas no sangue pode ocasionar demora na coagulação sanguínea e hemorragias.

4. SISTEMA RESPIRATÓRIO

Dentro do sistema respiratório, os órgãos principais são os pulmões (esquerdo e direito), onde se realizam as trocas gasosas do ar inspirado com o sangue nos alvéolos (hematose). Além dos pulmões, o sistema respiratório é composto por uma série de órgãos auxiliares (vias aéreas) pelos quais o ar é conduzido para dentro e para fora dos pulmões.

O ar (rico em oxigênio e pobre em gás carbônico) é levado para o interior dos pulmões através do movimento do músculo diafragma e dos intercostais, que criam uma pressão negativa no interior dos pulmões proporcionando a entrada de ar nos mesmos (inspiração). Esses mesmos músculos, ao se relaxarem, desencadeiam a saída do ar (rico em gás carbônico e pobre em oxigênio) do interior dos pulmões após as trocas gasosas (expiração).

As vias aéreas além de conduzirem o ar, o aquecem, umidificam e filtram retirando impurezas e patógenos, atuando na defesa do organismo.

O percurso do ar inspirado (que entra) é:

- Narinas
- Fossas nasais
- Nasofaringe
- Faringe
- Laringe (formada por um conjunto de cartilagens)
- Traquéia
- Brônquios
- Bronquíolos
- Alvéolos

5. SISTEMA URINÁRIO

O sistema urinário compreende os rins (dois), que filtram o sangue formando a urina. Essa urina é conduzida pelos ureteres, ductos que liga os rins até a bexiga. Esta, por sua vez, armazena a urina até que essa possa ser expelida ao exterior via uretra, ducto que liga a bexiga ao exterior do animal.

Os rins filtram o plasma, retirando desse filtrado as substâncias e produtos do metabolismo que possam ser nocivas ou inúteis ao organismo (excretas), eliminando-as através da urina. Além disso, reabsorve do filtrado as substâncias que podem ser reaproveitadas pelo organismo como glicose, aminoácidos, sais e, principalmente, água sendo fundamental ao equilíbrio hidroeletrólítico do organismo.



Sistema urinário do cão

6. SISTEMA GENITAL

O sistema genital masculino é constituído pelos testículos (dois) que são responsáveis pela produção dos espermatozoides e hormônios masculinos (testosterona); um sistema de ductos (epidídimo e ducto deferente) que transporta os produtos dos testículos para a uretra; glândulas acessórias (próstata e ampulares) que contribuem com substâncias para o sêmen; o pênis, órgão copulador masculino que deposita o sêmen nas vias reprodutoras femininas; e as adaptações cutâneas, escroto que reveste os testículos, e prepúcio que reveste o pênis.

O sistema genital feminino é composto pelos ovários, responsáveis pela produção de óvulos e hormônios femininos (progesterona e estrógeno); tubas uterinas, que são ducto que coletam o óvulo e o conduz aos cornos uterinos; útero, dividido em um corpo muito curto (2 a 3 cm) de onde saem dois cornos delgados e longos; cérvix, que é um espessamento no colo uterino; vagina; e vulva (porção externa visível).

7. SISTEMA NERVOSO

O sistema nervoso (SN) é o sistema responsável por captar as informações do meio em que o animal vive, processá-las e responder, reagindo adequadamente às mudanças. O sistema nervoso é constituído por uma unidade básica, uma célula altamente especializada para a condução de estímulos, o neurônio.

Uma mudança no meio provocará um estímulo, que será reconhecido por um órgão receptor (ex. pele, língua, ouvido, olho, nariz), essa informação é enviada ao SNC via neurônio, processada pelo SNC, e a resposta ao estímulo retorna por um neurônio a um órgão efector (ex. músculo). Os órgãos efetores e receptores são estruturas isoladas ligadas por uma rede de neurônios.

Apesar de o sistema nervoso ser formado por um complexo integrado, ele é didaticamente dividido em partes de acordo com a localização das suas porções em: Sistema nervoso central (encéfalo e medula espinhal), e sistema nervoso periférico (nervos cranianos e espinhais).

O SN também pode ser dividido de acordo com sua “função” em: Sistema nervoso somático (SNS), responsável pelas funções “animais” que têm maior controle voluntário e consciência, e determinam a relação do ser com seu meio exterior (ex. movimentação, mastigação); e Sistema nervoso autônomo (SNA) ou visceral que é responsável pelo funcionamento do meio interno, das vísceras do animal (ex. controle da frequência cardíaca, movimentos intestinais), com menor controle voluntário e consciência. No entanto os dois Sistemas trabalham em conjunto e colaboração.

O SNA também é dividido em Simpático e Parassimpático. Cada uma destas porções tem um neurotransmissor quase que específico (adrenalina no Simpático e acetilcolina no Parassimpático) o que dá a cada uma dessas porções ações opostas. Assim o SNA controla, de acordo com a necessidade, a ação maior ou menor de um determinado órgão. Exemplo: o Simpático age no coração com adrenalina aumentando a frequência cardíaca, e o parassimpático diminuindo com a ação da acetilcolina “...Reação de luta ou fuga...”.



8. ÓRGÃOS DOS SENTIDOS

a. OLHO:

O olho é o órgão responsável pela visão. É formado pelo bulbo do olho, e outras estruturas acessórias como músculos oculares (movimento), pálpebras (proteção) e aparelho lacrimal (umedecem). O sistema visual do cão é adaptado para ter uma boa visão em condições de luminosidade baixa, têm bastante sensibilidade ao movimento (reconhece um objeto em movimento a 800-900 m, contra 550m se for objeto parado). Tem também percepção acurada de profundidade e conseguem avaliar bem as distâncias. Quanto à acuidade visual, os cães enxergam bem objetos a 50-30 cm de seus olhos, sendo que objetos mais próximos têm imagens embaçadas, necessitando do uso do faro, o tato e o paladar. A visão das cores é parcial, é como se o cão fosse daltônico.

b. ORELHA:

A orelha não só permite que o cão escute (ouça) como também é responsável pela sensibilidade do equilíbrio (movimento da cabeça em relação à gravidade). Os estímulos sonoros (ondas) são captados pela orelha externa e direcionados pelo meato acústico para dentro da orelha (orelha média). As ondas sonoras fazem vibrar o tímpano e esse transmite essas vibrações aos ossículos auditivos (martelo, bigorna e estribo), que por sua vez transmitem as ondas à orelha interna onde serão transformadas em impulsos nervosos e levadas por neurônios até o SNC.

c. ÓRGÃO OLFATÓRIO:

O olfato é muito mais desenvolvido no cão que no homem. Caninos podem detectar substâncias transportadas pelo ar a concentrações incrivelmente baixas. Um homem tem 5 milhões de células olfatórias, ao passo que um Pastor Alemão tem 200 milhões, mas há variações no número dessas células (e da capacidade olfatória) entre as raças. Estima-se que a sensibilidade olfatória dos cães seja cem mil vezes maior que a de um ser humano.

d. ÓRGÃO GUSTATÓRIO

A língua, mais especificamente nas papilas da língua é o principal local onde se encontram os receptores gustatórios, responsáveis por receber os estímulos da gustação.

e. A SENSIBILIDADE CUTÂNEA

A maior parte dos estímulos do meio ambiente é sentida pelo cão através do tato pela cútis (pele). Sensações de pressão, calor, frio, dor – desde a mais leve até o mais forte - são captadas por receptores sensoriais cutâneos e transmitidas, via impulso nervoso, ao SNC.

9. PELE

O maior órgão do corpo do cão é a pele, que recobre o organismo e funciona como barreira ao protegê-lo de agressões externas. A espessura da pele varia muito com o local e a raça, mas toda pele é dividida em três camadas (epiderme, derme e subcutâneo ou hipoderme). A pele canina possui glândulas sebáceas (secretam óleo) que lubrifica e impermeabiliza a cútis e a pelagem, e retarda o crescimento bacteriano. Devido a isso não se recomendam banhos frequentes nos cães, pois retiram o óleo protetor e acarretam problemas dermatológicos.

Os cães também possuem glândulas da cauda, circum-anais e dos sacos anais, que são responsáveis pelos “ferormônios” caninos, funcionando como marcadores territoriais e de reconhecimento, são uma “carteira de identidade”.

Os pelos atuam como proteção mecânica e como isolante térmico, além dos pêlos táteis que funcionam como sensores. Os coxins são as almofadas plantares e palmares sobre as quais os cães caminham, e são recobertos por pele bastante espessa. Os coxins são os únicos locais onde se encontram glândulas sudoríparas no cão, e a secreção funciona como marcador territorial ou de trilhas da matilha.

10. APARELHO DIGESTIVO

Compreendem o aparelho digestivo os órgãos relacionados à recepção, digestão mecânica e

digestão química, além da absorção dos alimentos, nutrientes e água, e eliminação de substâncias não aproveitáveis. O trato digestivo é constituído pela boca (com 42 dentes, no cão), esôfago, estômago, intestino delgado e intestino grosso, além de glândulas como as salivares, fígado e pâncreas.

Funções:

-Boca: Preensão, mastigação e salivação. Além de defesa e agressão.

-Esôfago: conduzir o bolo alimentar da boca (mais especificamente da faringe) ao estômago.

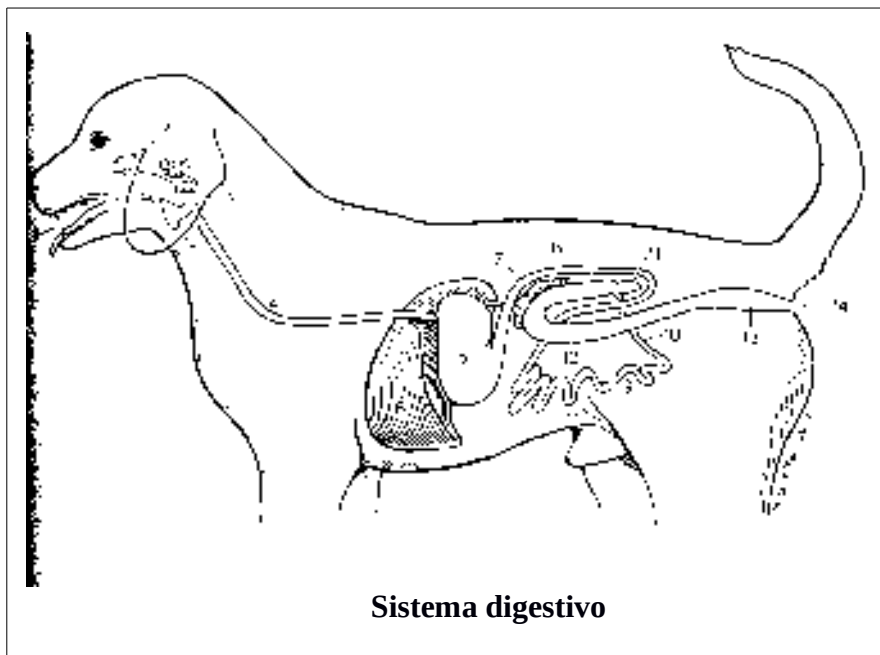
-Estômago: Possui dois esfíncteres (cárdia no esôfago e piloro no Intestino delgado). Parte do trato onde se inicia a digestão, através da ação do ácido clorídrico e enzima pepsina produzidos nesse órgão.

-Intestino delgado (duodeno, jejuno e íleo): Principal órgão de digestão e absorção de nutrientes. Digestão através de enzimas pancreáticas e secreções hepáticas (do fígado).

-Intestino grosso: Relacionado principalmente à absorção de água e vitaminas produzidas pela fermentação bacteriana (ex. Vit. K).

-Fígado: Maior glândula do corpo, e desempenha diversas funções vitais. Produz bile para a emulsificação de gorduras (auxilia na digestão de gorduras). Além disso, é muito importante no metabolismo de proteínas, carboidratos e gorduras. É ainda mais importante sua função de desintoxicar o sangue ao receber o sangue que vem do trato gastrointestinal (sistema porta-hepático) carregado de produtos (benéficos ou não) absorvidos durante a digestão.

-Pâncreas: Produz um “suco” com diversas enzimas responsáveis por digerir carboidratos, proteínas e gorduras. Além disso, produzem insulina e glucagon, hormônios importantes no controle da concentração de glicose no sangue.



Sistema digestivo

PATOLOGIA CANINA

1. TRAUMATOLOGIA:

a. CONTUSÃO:

É um trauma fechado causado por agentes físicos mecânicos (contundentes), que acaba por romper o subcutâneo, mas mantêm a integridade da pele e/ou mucosa. A superfície do agente traumático é geralmente romba (arredondada) e ampla. Diferencia-se da ferida por essa ser aberta.

O grau de lesão vai depender dos tecidos abaixo da pele que foram atingidos e do sentido da força do objeto; no caso de massas musculares as lesões são menores, já tecidos duros (cartilagens e ossos) têm lesões mais graves. Os sintomas são dor, principalmente na periferia (nervos destruídos no foco).

A contusão divide-se, de acordo com o grau de lesão dos tecidos e vasos, em:

Contusão de primeiro grau (Equimose), que são mais leves com pequenas lesões de capilares e filamentos nervosos, com dor ao redor e hiperemia (avermelhamento) periférica;

Contusão de segundo grau (Hematoma), de intensidade maior que a anterior, com extravasamento sanguíneo em cavidades naturais ou neoformadas e ruptura de vasos de maior calibre. Ao se palpar pode ser notada crepitação devido à quebra de coágulos, ou flutuação.

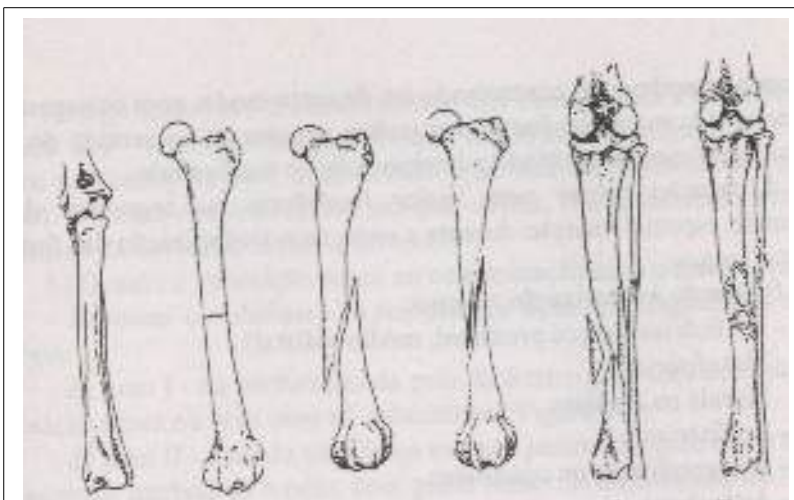
Contusão de terceiro grau, na qual, apesar do não rompimento da pele (que pode esfacelar facilmente), os tecidos abaixo estão triturados, ocorrendo destruição, necrose e gangrena total no foco da contusão.

b. FERIDA:

São traumatismos abertos, na pele ou mucosas, podendo atingir o tecido subcutâneo ou planos mais profundos (músculos, ossos, tendões, cavidades naturais). Podem ter causas variadas, por exemplo: por mordeduras, por incisão (cacos de vidros), por arrancamento, por arma de fogo, etc. Os principais sintomas são dor, hemorragia, separação das bordas da ferida. Podem ocorrer fenômenos sistêmicos (choque, hipertermia, trombose, etc). Por romperem a barreira natural da pele, estão predispostas a infecções.

c. FRATURA:

A fratura é a “quebra” de um osso, analogamente à ferida é a “ferida” do osso, e pode ser completa (fragmentos ósseos se separam) ou parcial (fragmentos não se separam). Os sintomas são dor intensa no foco da fratura, principalmente ao toque e movimento, mobilidade anormal e deformação (fraturas completas) e crepitação (ruídos de “creck”, ao roçar dos ossos). O tratamento é cirúrgico no caso das completas, ou imobilização (incompletas).



Fraturas

d. ENTORSE:

É o deslocamento ou distensão da articulação, de forma brusca em movimento que ultrapassa seu limite fisiológico, ocasionando desvio incompleto e momentâneo das superfícies articulares dos ossos envolvidos. Comum nos cães, em articulações com movimentos extensos e não protegidas por músculos e tendões, utilizados em terrenos acidentados. Os sintomas são: equimose (pode ocorrer), inchaço da região afetada, ruptura de tendões e fibras (pode ocorrer), dor intensa no início (diminui com o repouso).

e. LUXAÇÃO (luxar = descolar):

Ocorre quando a articulação é desfeita, ocorrendo deslocamento permanente das superfícies articulares que perdem o contato entre si. Cães são bem susceptíveis, principalmente os de trabalho mais pesado e com contrações musculares potentes, a articulação mais sensível a isso é a coxo-femural. Sintomas são dor no início e quando se tenta reduzir (colocar no lugar) a luxação, além da incapacidade funcional da articulação, deformação e encurtamento do membro.

2. PATOLOGIA GERAL:

a. DISPLASIA COXO FEMURAL:

É uma doença onde ocorre alteração no desenvolvimento da articulação da cabeça do fêmur com o acetábulo (no osso coxal), que afeta principalmente cães grandes, principalmente o Pastor Alemão. Inicia-se geralmente aos 04 meses, e têm causa multifatorial (não é uma causa específica, mas a junção de vários fatores) como genética, alimentação (super nutrição, excesso de cálcio, vit D3, ou deficiência nutricional), meio ambiente (piso liso), músculo pectíneo, instabilidade articular, massa muscular pélvica (crescimento desproporcional).

Os sintomas são andar cambaleante, alargamento da região coxo femural, claudicação, dificuldade de levantar, andar, correr e subir escadas, dor articular. O diagnóstico é feito através de radiografia e necessita que o animal esteja anestesiado. Tratamento é paliativo (condroprotetores, antiinflamatórios, osteotomia). A prevenção é a seleção genética (radiografar os cães reprodutores e eliminar os positivos da criação), ambiental (evitar pisos lisos), e nutricional (evitar super nutrição, obesidade, anabolizantes, excesso de suplementação).

b. TUMORES (CÂNCER OU NEOPLASIAS):

É uma massa anormal de tecido, de crescimento excessivo e sem coordenação e controle, e que não desempenha nenhuma atividade útil ao organismo. A característica fundamental é a falta de coordenação entre tecido normal e aquele anormal em crescimento. Os mais comuns no cão são tumores mamários, papiloma, tumores testiculares, mastocitoma.

Os tumores têm causas diversas, podendo ser por agentes químicos (tabaco, nicotina, anilina, benzina), físicos (luz solar, radiação), hormonal (anticoncepcionais), viral, etc.

c. ABCESSO:

É uma coleção de material purulento contido numa cavidade (sob a pele, ou em órgãos internos). Os sintomas são inflamação local (dor, calor, rubor, inchaço), aumento de volume circunscrito, febre e flutuação (se palpável). O tratamento consiste em acelerar a maturação com compressas quentes, com drenagem cirúrgica após a maturação, com antibioticoterapia posterior.

d. PIOMETRA:

Afeta somente as fêmeas, pois é uma infecção uterina com acúmulo de pus dentro do útero. É uma patologia grave que pode levar o animal a óbito. Os principais sintomas são: Corrimento purulento na vulva e vagina (pode não ocorrer se for piometra fechada), febre, anorexia (animal não come), o animal pode apresentar muita sede e urinar muito.

Essa patologia é desencadeada por ação hormonal, e pode ocorrer em animais que tiveram cio recentemente, ou animais tratados com hormônios anticoncepcionais. O tratamento é cirúrgico.

e. TORÇÃO GÁSTRICA:

Patologia grave que afeta principalmente raças grandes, de tórax profundo (Fila, Rottweiler, Pastores, Dogue Alemão). É ocasionada pela rotação do estômago dentro do abdômen, o que

compromete a circulação sanguínea no estômago e ainda impede o trânsito do alimento para o intestino ou para o esôfago.

O alimento pode parar no estômago e fermentar, o que produz gases e dilata o estômago. Isso pode comprometer a irrigação da porção caudal do animal e comprometer a respiração. É uma patologia de emergência que necessita de intervenção cirúrgica imediata.

Os sintomas são: Tentativas de vômito com pouco ou nenhum material, salivação, assimetria abdominal (quando visto de cima) com inchaço lateral esquerdo (se o estômago já estiver com gases), som timpânico à percussão, letargia, choque.

Prevenção: Fracionar a alimentação em, no mínimo, 2-3 vezes ao dia; evitando que o cão ingira grandes quantias de ração de uma só vez. Evitar exercícios por 1 hora após a alimentação. Evitar exercícios pesados, corridas e saltos após a alimentação.

SEMILOGIA DE CANINOS

1. CONTENÇÃO DE CÃES PARA EXAME CLÍNICO

A contenção se baseia na restrição da atividade de um cão por meios verbais, físicos ou farmacológicos, de forma a evitar que o mesmo provoque lesões em si ou mesmo em outras pessoas ou animais. Objetiva facilitar o exame clínico, a administração de medicações, realização de procedimentos (ex. cateterização urinária), e evitar automutilação (ex. colar elizabetano). As contenções podem ocasionar complicações como dispnéia (dificuldade de respirar), hipertermia e traumas aos tecidos.

A contenção verbal é iniciada de forma leve só evoluindo para métodos mais enérgicos se necessário, o que vai depender do ambiente, comportamento do animal, e desconforto causado pelo procedimento. Deve-se conversar com o cão ao se aproximar dele, em voz calma, usando o nome do animal, (evita que se assuste) principalmente se estiver olhando em outra direção. Fale energicamente se necessário, o "não" deve ser dito com tom claro e enérgico. O auxiliar deve se posicionar do lado oposto ao da pessoa que executa o procedimento.

A contenção física pode ser com o cão "em estação", "sentado" e "decúbito lateral".

Em estação, coloca-se o braço sob o pescoço do cão, de forma que o antebraço prenda seguramente a cabeça. Posicione o outro braço ao redor do trem posterior do cão. Puxe o cão contra o tórax de quem executa a contenção.



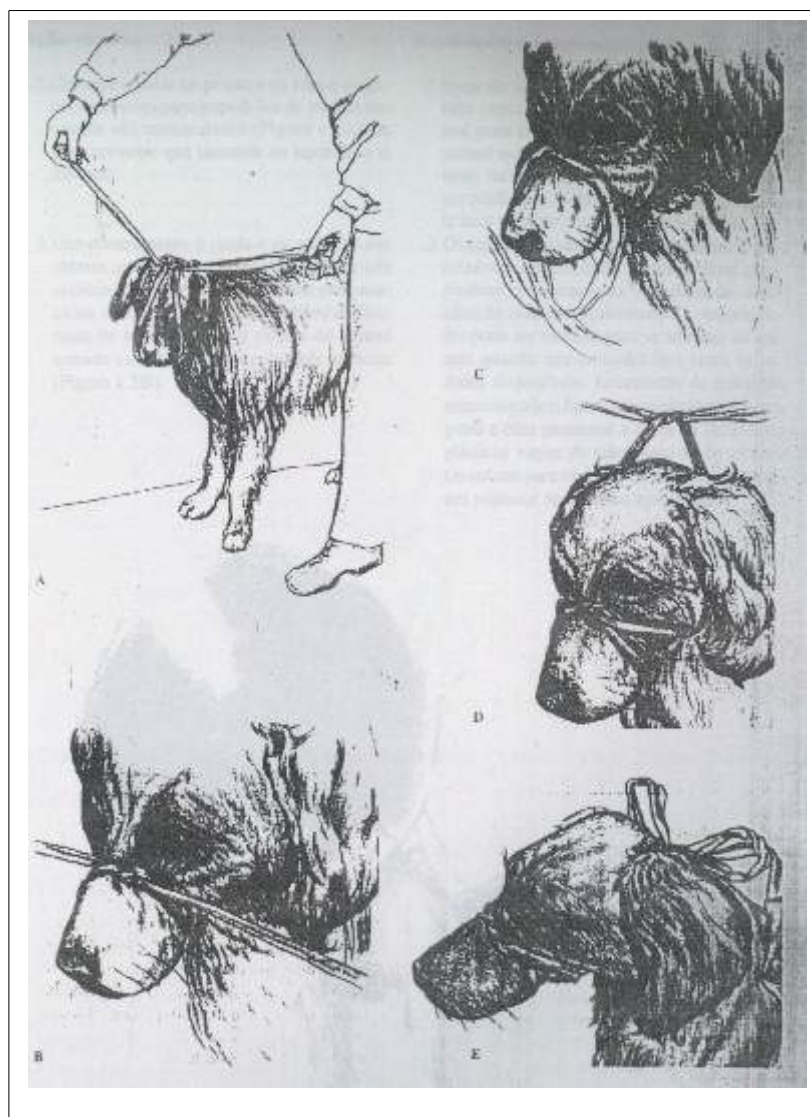
Sentado, coloca-se o braço sob o pescoço do cão de forma que o antebraço prenda seguramente a cabeça. Coloque o outro braço ao redor do trem posterior do cão. Puxe o cão contra o tórax de quem executa a contenção.



Em decúbito lateral, inicialmente com o cão em estação, aproxime-se dele e segure ambos os membros anteriores com uma das mãos, e os posteriores com outra (acima dos tarsos). Posicione o dedo indicador de cada mão entre os dois membros que estão sendo imobilizados. Deite o cão sobre a superfície, levantando os membros e deixando o corpo dele deslizar gradualmente de encontro ao corpo de quem realiza a contenção. Use o antebraço mais próximo à cabeça do animal para exercer pressão no lado da cabeça, mantendo-a imobilizada. Segure os membros junto ao carpo e tarso.



Também pode ser utilizada a mordação para garantir maior segurança durante o exame, caso o cão tenha um temperamento muito forte. Para isso pode-se utilizar uma mordação comercial ou focinheira, ou confeccionar uma alternativa com tiras de gaze ou de pano de mais ou menos 160 cm. Use tecidos resistentes ou ataduras duplas (dobradas). Faça uma laçada com meio nó e com diâmetro de aproximadamente o dobro do focinho do cão antes de aproximar-se dele. Posicione a laçada ao redor do focinho e da boca do animal, posicionando o meio nó sobre a superfície do fuço e aperte o nó rapidamente, tracionando as extremidades. Cruze as pontas livres da mordação sob a mandíbula do cão, mas não amarre. Posicione as pontas da mordação atrás das orelhas do cão e amarre com um laço. Para desfazer a mordação, puxe uma das pontas da mordação e desfça o laço.



2. TÉCNICAS DE ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAÇÕES

a. Via oral (VO) (comprimidos): alguns cães aceitam ingerir o comprimido misturado à ração ou em pedaços de carne ou salsicha, nesse caso não se deve esfacelar o comprimido para não perder o produto. Também não é indicado misturar o comprimido a líquidos como o leite, que podem neutralizar a ação de certos medicamentos e, além disso, não se tem a certeza de que o cão ingeriu todo o comprimido (sobras).

Alguns cães, mais desconfiados não ingerem comprimidos misturados à ração ou mesmo à carne, e a melhor forma é a administração manual do medicamento.

Para administrar manualmente via oral, inicialmente deve-se conter o cão em estação ou sentado, após o quê posicionam-se os dedos indicador e polegar de uma das mãos nas laterais da boca do cão (nas bochechas). Pressiona-se de modo a forçar o cão a abrir a boca e mantê-la aberta, e com a outra mão introduz-se o comprimido no ponto mais fundo e visível da boca sobre a base da língua. Fecha-se a boca do cão e mantém fechada por uns 10 segundos com uma das mãos, acariciando ao mesmo tempo a região da garganta, até perceber que o cão engoliu a medicação (sinal de deglutição ou lambida).

b. Via oral (VO) (líquidos ou suspensões): no caso de suspensões, agitar sempre a medicação

antes de ser fornecida. Pegar a quantidade a ser ministrada com o auxílio de uma seringa. Elevar em ângulo de aproximadamente 45° a cabeça do animal. Posicionar a seringa na lateral da boca, na comissura labial entre os dentes molares. Injetar vagarosamente a medicação, dando tempo para o cão deglutir a mesma.

c. Injeções subcutânea (SC) e intramuscular (IM):

Necessita-se de algodão, álcool 70% ou outro desinfetante de pele, seringa estéril, agulhas hipodérmicas estéreis, tricótomo (SFC). Primeiramente deve-se verificar as “seis correções”: paciente correto, via correta, tempo correto, frequência correta. Verificar a data de validade do medicamento e presença de substâncias estranhas.

LAVE AS MÃOS (controle de doenças entre os pacientes).

Selecione agulha e seringa apropriada (tamanho), e fixe a agulha à seringa.

Desinfete a rolha ou tampa do material a ser injetado com álcool 70% (remove contaminantes da tampa e poeira).

Remova a tampa da agulha e aspire ar em volume igual ao que será injetado.

Injete o ar dentro do frasco (pressuriza o frasco e facilita a aspiração da medicação).

Insira a agulha através do centro da tampa do frasco com cuidado, evitando danos a ela.

Inverta o frasco e posicione o bisel da agulha no interior do líquido do frasco. Segure o conjunto com a agulha voltada para o teto.

Puxe o êmbolo da seringa para aspirar a quantidade desejada de medicamento, e se possível mais 0,5 ml.

Enquanto segura o frasco e a seringa em posição vertical, dê “petelecos” na seringa para que as bolhas se direcionem ao canhão da agulha.

Empurre o êmbolo da seringa de volta ao volume desejado, forçando assim a saída das bolhas de ar para o frasco.

Remova a agulha do frasco e coloque, cuidadosamente, a tampa da agulha com apenas uma das mãos para evitar espetar-se com ela.

1) Injeção subcutânea:

Prepare o animal (contenção sentado ou em estação) e o material (conforme dito acima).

Pince uma dobra de pele entre o polegar e os demais dedos, no pescoço ou no dorso do animal.

Esfregue a pele sobre a região onde se pretende aplicar a injeção com algodão embebido em álcool 70% ou outro desinfetante.

Insira a agulha até o canhão, através da pele, no espaço subcutâneo (a agulha deve deslizar facilmente sob a pele, se houver resistência ela pode estar intradérmica ou intramuscular, deve-se redirecionar).

Tracione o êmbolo da seringa antes de injetar (verificar se há entrada de sangue, indicando que penetrou em algum vaso, se houver sangue refaça o procedimento em outro local). Se não for observado sangue, o medicamento deve ser injetado em velocidade moderada sob a pele.

Remova a agulha da pele e massageie o local.

2) Injeção intramuscular:

Prepare o animal (contenção sentado ou em estação) e o material (conforme dito). O volume máximo a ser injetado via IM no cão é 3 a 5 mls (cães médios a grandes)

Esfregue a pele sobre a região onde se pretende aplicar a injeção com algodão embebido em álcool 70% ou outro desinfetante.

Insira a agulha através da pele no interior do músculo, em ângulo de aproximadamente 45° a 90°. (A rápida introdução da agulha no músculo é menos dolorosa que a

introdução lenta)

Tracione o êmbolo da seringa antes de injetar (verificar se há entrada de sangue, indicando que penetrou em algum vaso, se houver sangue refaça o procedimento em outro local e músculo). Se não for observado sangue, o medicamento deve ser injetado em velocidade moderada.

Remova a agulha do músculo e massageie suavemente o local.



Locais indicados para injeções intramusculares



3. SINAIS CLÍNICOS:

Existem diversos sinais que um cão pode apresentar ao exame clínico, e tais sinais devem ser investigados e interpretados juntamente com o histórico relatado pelo dono do cão e anamnese. Assim é possível fechar um diagnóstico ou listar diagnósticos diferenciais a serem melhor esclarecidos em exame complementares (hemograma, radiografia, ultrassonografia, urinálise, raspado, etc).

O que se objetiva nessa parte da apostila será proporcionar conhecimento para avaliar se um cão está apresentando alguma patologia (doença).

a. Parâmetros a serem avaliados:

1) Coloração das mucosas: normalmente as mucosas são rosadas. Mas podem se apresentar rosa escuro - congestas (ex. choque séptico), rosa claro a branca (ex. anemia, choque, stress, hemorragia, erliquiose, babesiose), amareladas ou ictericas (ex. leptospirose, babesiose, insuficiência hepática).

2) Tempo de perfusão capilar (TPC): é visualizado através da rápida pressão digital sobre a mucosa (geralmente a gengiva), que fica mais clara no local da pressão e vai retomando sua coloração original (rósea normalmente), com o tempo (que NÃO DEVE ESTAR EXCEDENDO 2 SEGUNDOS). Com o TPC se avalia a circulação, volume sanguíneo e perfusão de sangue nos órgãos. Se o TPC estiver muito demorado (mais de 2 segundos) o animal não está perfundindo bem (ex. animal desidratado, ou que teve hemorragia e perdeu sangue).

3) Pulso arterial: verificado na porção medial da coxa na artéria femoral ou na carótida (no pescoço). Geralmente corresponde à frequência cardíaca. A frequência é contada em batimentos por minuto. Também se avalia se o pulso é forte, fraco, constante, ou filiforme.

4) Frequência cardíaca: obtida do lado esquerdo do tórax no 3° e 4° espaço intercostal

sente-se o choque do coração à parede do tórax, e pode ser contada a frequência cardíaca. (normal é 70 a 160 BPM em cães adultos de grande porte, e até 220 BPM em filhotes).

5) Frequência respiratória: contada ao se observar os movimentos respiratórios. Normal é de 20 a 30 RPM no cão adulto em repouso.

6) Temperatura: aferida com termômetro na mucosa anal. O normal é 38,5° C a 39,5°C. Abaixo disso é hipotermia, acima é hipertermia.

7) Turgor cutâneo e umidade das mucosas: é uma medida subjetiva da desidratação. Aferida através de pregas na pele, observando o tempo que elas levam para voltarem ao normal. Se demorarem mais de 2 segundos para voltar ao normal, e as mucosas do cão estiverem secas, o cão pode estar desidratado.

b) Sinais clínicos de animais que podem estar doentes:

1) Febre: é uma síndrome, envolvendo diversos sintomas, entre eles a hipertermia (aumento da temperatura corpórea), anorexia (perda do apetite), apatia (animal triste, quieto e parado), aumento da frequência respiratória (arfando), mucosas secas, polidipsia (bebe muita água).

2) Anorexia: animal sem apetite, não come.

3) Apatia: animal quieto, parado, triste e fraco. Reações lentas ou sem resposta a estímulos.

4) Alterações respiratórias: Tosse pode ser produtiva (com secreção nasal purulenta, catarro) ou improdutiva (seca, sem secreção). Espirros.

5) Vômito: refluxo de material do estômago, ocorre ânsia, náusea e movimentos prodrômicos, pode ocorrer presença de bile.

6) Regurgitação: refluxo de material do esôfago, sem náusea, ânsia ou movimentos prodrômicos, não há bile.

7) Alterações nas fezes: diarreia, presença de sangue nas fezes, fezes ressecadas, presença de vermes, presença de muco.

8) Alterações na pele: alopecia (área sem pêlo, “carecas”), prurido (coceira), escoriações (arranhões podem indicar auto lesão ao se coçar), balançar a cabeça, excesso de cerúmen ou pus, pavilhão auricular avermelhado (indicativo de otites).

9) Alterações na micção: aumento ou diminuição do volume, alterações na cor, frequência, dificuldade em urinar, dor ao urinar, sangue na urina.

10) Secreções oculares (purulenta ou serosa), nasais, vaginal ou prepucial.

11) Alterações na marcha: claudicação (anda mancando), não apóia o membro, dor no membro, andar cambaleante, incoordenação motora, andar em círculos.

DOENÇAS PARASITÁRIAS, BACTERIANAS E VIRAIS

1. DOENÇAS PARASITÁRIAS

a. Helmintos (vermes):

1) Ancylostoma (*Ancylostoma caninum*, *A. braziliense*, *A. duodenale*): São pequenos vermes (9 a 20 mm de comprimento), cilíndricos, de coloração branco-acinzentada ou vermelha. Hospedam-se no intestino delgado de cães e gatos, e a fêmea põe de maneira contínua uma grande quantidade de ovos que são eliminados nas fezes do hospedeiro (cão ou gato). No exterior (meio ambiente) os ovos “amadurecem” (na presença de oxigênio, umidade e temperatura adequada, ou seja, ambiente úmido e sombreados) (a ação direta dos raios solares prejudica a evolução dos ovos).

Dos ovos eclodem larvas que evoluem no substrato do meio, contaminando o solo, e ficam na superfície e porções altas do solo (folhas, grãos de areia) permanecendo à espera de um hospedeiro. A infecção do cão se dá por via oral, e as larvas vão para o intestino e se tornam adultas. Também ocorre infecção por penetração ativa através da pele, onde atingem a circulação sanguínea ou linfática, indo ao coração, pulmões, passam para os alvéolos pulmonares, sobem as

vias aéreas (são expectoradas) e deglutidas, indo então ao intestino e tornando-se adultas.

Outro tipo de infecção é a pré-natal. Cadelas prenhes contaminadas pelas larvas proporcionam que essas vão até o feto, e o filhote já nasce contaminado com o verme. Há ainda a infecção através do colostro, via saída de larvas no leite da cadela e contaminação do filhote.

São os vermes mais patogênicos (que mais prejudicam) os cães e gatos, sugam sangue e causam sangramento intestinal.

Sintomas: Anemia e palidez de mucosas (o verme é sugador de sangue), fezes com sangue digerido (tipo borra de café), apatia, e morte principalmente em filhotes.

ZOONOSE: Larvas de *A. braziliensis* podem penetrar na pele do homem, mas não completam seu ciclo (não vão até o intestino). Ficando restrita à pele com migrações nessa, ocasionando uma doença de pele com coceira (prurido) é o chamado “bicho geográfico”.

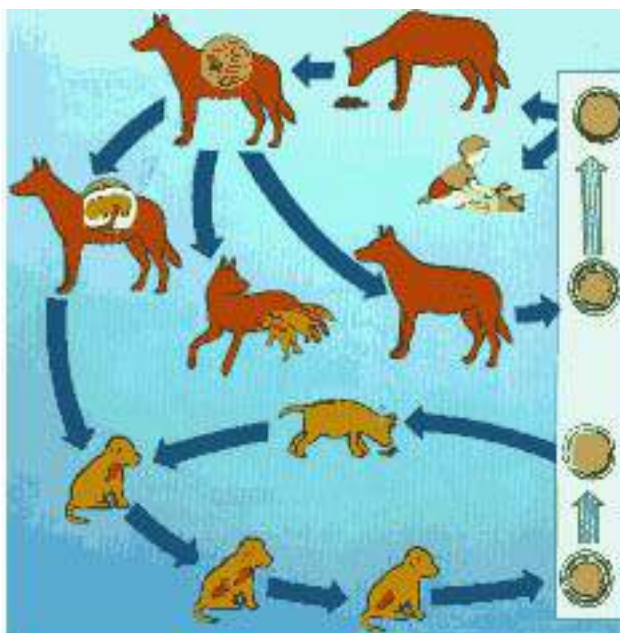
Profilaxia: Canis dentro do padrão (piso de concreto, tijolos, lajotas, etc. Declive para a água não empoçar.). Desinfecção dos canis (destruir ovos e larvas). Água de bebida potável, em recipientes limpos e higienizados diariamente. Exame de fezes dos cães. Tratamento dos cães com anti-helmíntico. Isolar os cães com parasito (positivo no exame) e tratá-los. Remoção e incineração de fezes acumuladas em jardins, quintais, canis, áreas de passeio. Solos argilosos podem ser tratados com solução de borato de sódio ou sal comum (0,5 Kg/m²), fatais às larvas. Educação sanitária do homem (evitar que cães defequem em local público, praias, praças; coletar as fezes).



Visão da “boca” do *Ancilostoma*

2) Toxocara (*Toxocara canis*): é um verme esbranquiçado e “grande”, podendo variar de 4 a 18 cm de comprimento. Hospeda-se no intestino delgado de cão e gatos e se alimenta das substâncias do quimo (bolo de nutrientes formado no intestino a partir da alimentação), e de tecido da mucosa intestinal. Os ovos são eliminados nas fezes e se desenvolvem em condições favoráveis (idem aos Ancilóstomos), evoluindo para larva infectante que permanece no ovo.

O cão se contamina via oral, ao ingerir o ovo com a larva, que é liberada no intestino e



Ciclo do *Toxocara*



Vermes adultos de *Toxocara canis*.

ZOONOSE: quando ovos infectantes são ingeridos pelo homem, as larvas são liberadas no intestino, o penetram na mucosa intestinal e caem na circulação sanguínea ou linfática. A partir daí podem ir para diferentes órgãos como fígado (ocasiona granuloma), globo ocular (ocasiona deslocamento de retina e cegueira), provocando diferentes patologias.

Sintomas: Filhotes “gordinhos” com proeminência do abdômen, perda de apetite, diarreia, pneumonia, vômitos com ou sem vermes.

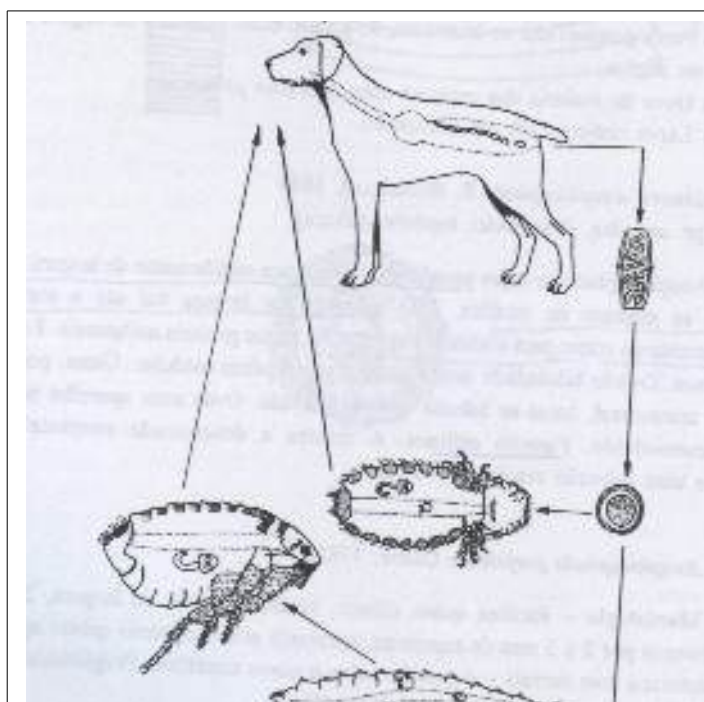
Profilaxia: Higiene é a medida mais importante, visto que os ovos são resistentes a ação de desinfetantes; limpeza das fezes das áreas, limpeza correta do canil; projetar o canil para que receba bastante luz solar; exame parasitológico; vermifugação; combate a roedores, minhocas, baratas, que são hospedeiros dos vermes.

3) Dipilidium (*Dipylidium caninum*): é uma taenia, que mede de 20 a 60 cm de comprimento, que acomete a cães e gatos (hospedeiros definitivos), e acidentalmente o homem. Parasita no intestino delgado dos carnívoros. Tem como hospedeiros intermediários a pulga (*Pulex irritans* e *Ctenocephalides canis* e *C. felis*) e o piolho (*Thricodectes canis*).

Seu ciclo é um pouco diferente dos anteriores, pois passa por um hospedeiro intermediário (pulga ou piolho). Os proglótides (pedaços do verme, uma espécie de cápsula com ovos) são eliminados espontaneamente do verme adulto e saem nas fezes. Os ovos vão se encontrar nos abrigos dos cães, nos pêlos e sujidades. Os hospedeiros intermediários (pulgas e piolhos, que também se alimentam de sujidades do cão) ingerem os ovos e contamina-se com a larva (cisticercóide). O cão ao se coçar acaba por ingerir pulgas e piolhos, e junto vem a larva, que vai ao intestino delgado e se transforma em verme adulto.

Sintomas: se em pequeno número de taenias, a saúde do cão não se altera, mas em grande número há inflamação da mucosa intestinal, dores, cólicas, diarreia, obstrução intestinal, emagrecimento, perda do apetite, e até manifestações nervosas (ataques epiléticos, incoordenação). Os proglótides também ocasionam prurido (coceira) anal, o cão pode andar sentado arrastando-se.

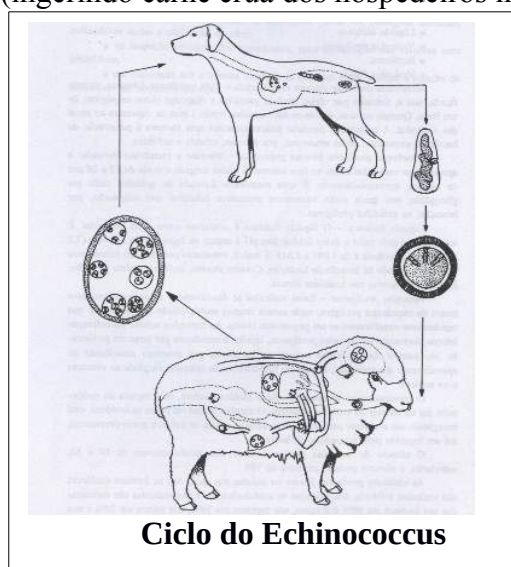
Profilaxia: tratamento dos cães afetados, combate a pulgas e piolhos, educação sanitária, limpeza e higiene do canil.



Ciclo do Dipilidium

4) *Echinococcus granulosus* e *Taenia hydatigena* são zoonoses, que podem provocar graves patologias nos seres humanos, sendo o cão o hospedeiro definitivo e ovinos (ovelhas), caprinos, bovinos, coelhos, e HOMEM os hospedeiros intermediários.

Não serão profundamente estudadas devido à baixa ocorrência em canis, onde se alimentam cães com ração industrial. Mas cabe ressaltar que os cães adquirem os vermes ao ingerirem carnes cruas ou mal cozidas dos hospedeiros intermediários (coelho, ovelha, suíno). Isso explica a importância de **NUNCA ALIMENTAR CÃES COM CARNES CRUAS OU VÍSCERAS!!!** O homem se infecta da mesma maneira (ingerindo carne crua dos hospedeiros intermediários).



5) VERMIFUGAÇÃO ESTRATÉGICA:

a) Cães recentemente adquiridos: vermifugar assim que chegar ao canil, repetindo após 15 dias.

b) Cães filhotes: aos 15 dias de idade é a primeira vermifugação, e a partir de então a vermifugação é quinzenal até os 03 (três) meses de idade. Após os três meses, vermifugar uma vez por mês até os 06 (seis) meses de idade. Após os seis meses de idade o filhote entra no esquema do cão adulto, que é de vermifugações trimestrais (a cada três meses).

c) Cães adultos: vermifugar quatro vezes ao ano, ou seja, a cada três meses.

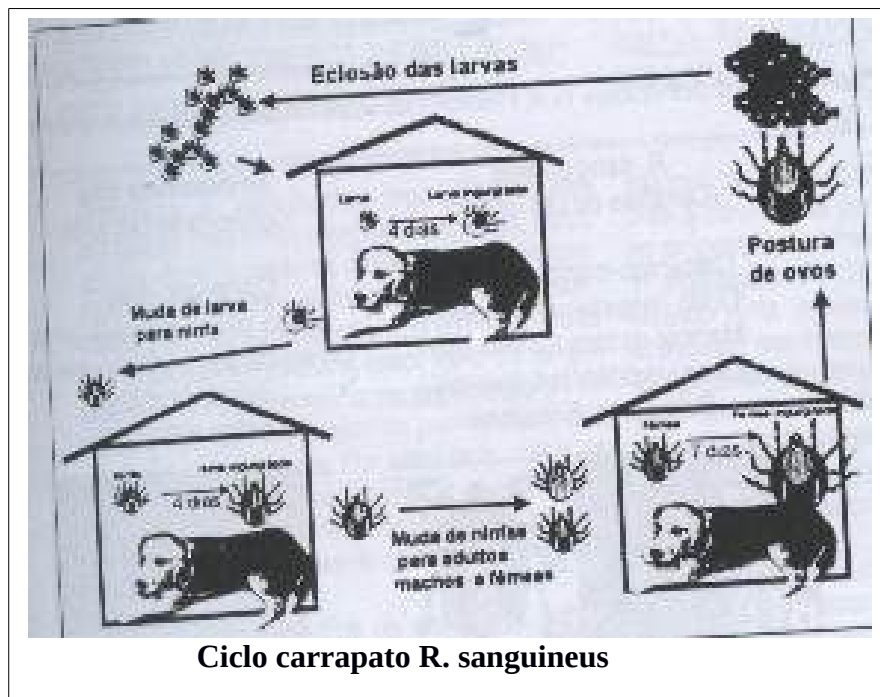
d) Cadelas: vermifugar antes da cadela cruzar, no dia em que parir, e após 15 e 30 dias depois do parto.

b. Artrópodos parasitas:

1) Carrapatos: os dois principais carrapatos que afetam os cães são o *Rhipicephalus sanguineus* e o *Amblyoma spp* (*A. aureolatum*, *A. cajennense*). O primeiro ocorre em ambientes urbanos, dentro e fora das residências, e áreas rurais e suburbanas. O segundo ocorre em áreas de matas, e rurais, pois são carrapatos nativos das matas brasileiras.

Carrapatos exercem a hematofagia (se alimentam de sangue), e por isso são vetores de uma série de patógenos que acometem o cão e o homem (ZOOSE). O *R. sanguineus* é vetor natural do protozoário *Babesia canis* (agente etiológico da babesiose canina), e da *Ehrlichia canis* (agente etiológico da erliquiose canina). O *A. cajennense* é vetor natural da *Rickettsia rickettsi* (agente etiológico da febre maculosa).

O ciclo de vida dos carrapatos passa por quatro fases: ovo, larva, ninfa e adulto.



O *R. sanguineus* tem hábitos nidícolas (ninho), ou seja, vive no ninho, toca ou abrigo do hospedeiro (cão). Quando não estão no cão estão escondidos nas frestas, rachaduras e buracos (onde também colocam seus ovos) do local onde o cão fica. Os locais preferidos por esses carrapatos são cabeça, pescoço, dorso, orelhas e espaços interdigitais (entre os dedos).

Os *Amblyomma spp* têm uma situação diferente. Vivem nas matas sobre diferentes espécies de mamíferos (raposas, lobos, capivaras, gambás) e quando os cães invadem a mata tornam-se hospedeiros acidentais. Nas matas esses carrapatos ficam de “tocaia” num ramo de mato ou arbusto, esperando algum hospedeiro passar. Afetam principalmente a cabeça e o pescoço dos cães.

Sabe-se que o *R. sanguineus* realiza até 2,5 gerações por ano, e que os carrapatos parasitando o cão só representam 5% da real população total de carrapatos naquele momento (outros 95% estão no ambiente).

Tratamentos: para o caso do cão afetado com *Amblyomma spp*, que afeta acidentalmente o cão, o uso de carrapaticidas só afetará os carrapatos que estão no cão, não havendo maneira de controlar a população de carrapatos nas matas. Portanto, devem-se tomar medidas preventivas evitando que o cão adentre em áreas de mata. Se a região tiver relato de ocorrência de “febre maculosa” (ZOOÑOSE), o cão deve ser sempre tratado com carrapaticida quando adentrar em áreas de mata.

No caso do *R. sanguineus* pode-se atuar no hospedeiro (cão) e no ambiente (onde se encontra a maior parte da população de carrapatos (95%). Somente o tratamento curativo no animal não surtirá efeito (só mata 5% da população de carrapatos). Para se atingir os 95% que estão no ambiente pode-se utilizar de dedetização, com produtos a base de piretróides na diluição recomendada por um Médico Veterinário, no ambiente (viável para cães confinados em canis, quintais, e pequenos ambientes). Devendo-se realizar quatro aplicações com intervalo de 14 dias entre elas, para eliminar a população de carrapatos no local. É importante lembrar que os carrapatos costumam subir pelas paredes, por isso a dedetização deve priorizar as paredes, além do chão onde o animal vive.

Em casos em que a área afetada pelos carrapatos é grande (grandes quintais e casas) fica inviável a dedetização e deve-se lançar mão de carrapaticidas de longa ação (coleiras carrapaticidas, fipronil, selamectim), ou ações preventivas no cão.

2) Pulgas (*Pulex irritans*, *Ctenocephalides spp*, *Tunga penetrans*): as pulgas, assim como os carrapatos, são hematófagas (na fase adulta). Uma pulga fêmea é capaz de colocar de 400 a 500 ovos, geralmente em locais sujos ou mesmo no hospedeiro (cão), do qual se desprendem posteriormente. O período de incubação depende da umidade e temperatura, mas é em média 7 a 8 dias no inverno e 2 a 5 dias no verão. As larvas nascem (se alimentam de sujidades do cão e excrementos das pulgas adultas) e, em boas condições, viram pupa em 1 a 2 semanas. O período de pupa é bem variável e vai de 5 até 360 dias (conforme a temperatura). O ciclo completo dura, em média, um mês no verão, já no inverno pode se prolongar por vários meses.

Importância das pulgas: Causando doenças de pele (dermatite alérgica à picada de pulga); incomodam os animais; são transmissoras de doenças (peste bubônica, tifo murino); são hospedeiros intermediários de helmintos (*Dipilidium*) que são zoonoses.

Há também a pulga penetrante (*Tunga penetrans*), é o popular “bicho de pé”, que penetra nos coxins dos cães e provoca muita dor e irritação, além de predispor ao tétano.

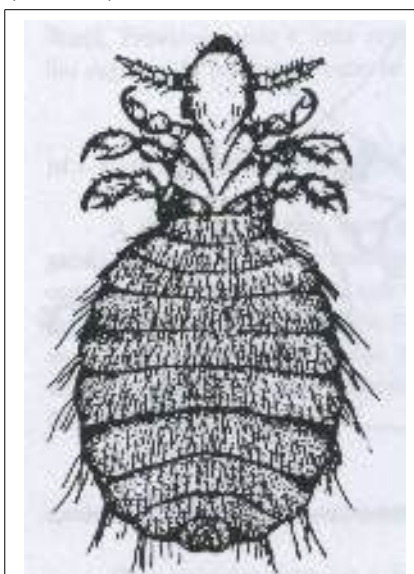
Controle Integrado: Visa à redução dos níveis de infestação a um nível tolerável. Integra controle do parasita, do meio ambiente e do hospedeiro, com a combinação de métodos mecânicos / culturais e químicos.

Controle mecânico / cultural: baseado na higiene, evitar “camas” para o cão (cobertores, travesseiros, panos) que servem de ninho para as larvas; limpeza do ambiente com água quente ou vassoura de fogo no local onde o cão fica; remoção da matéria orgânica; limpeza das áreas sombreadas, úmidas e protegidas da luz solar; uso regular de aspirador de pó no local de descanso do cão se for ambiente interno (queimar o filtro do aspirador após o uso).

Controle químico: recomenda-se tratar os animais e o ambiente com inseticidas, reguladores do crescimento e substâncias adulticidas com poder residual prolongado. Em ambientes externos pode-se utilizar piretróides, reaplicando 1 a 2 semanas após.

3) Piolhos (*Trichodectes canis* e *Linognatus setosus*):

Piolhos são insetos sem asas, pequenos e achatados dorsoventralmente. O *Linognatus* é um piolho sugador de sangue. O *Trichodectes* é um piolho mastigador, além disso, é vetor do *Dipilidium*. A infestação por piolhos é chamada “pediculose”, e cães de pêlos longos são mais afetados. Causam prurido (coceira) intensa, arranhaduras, anemia e debilidade.

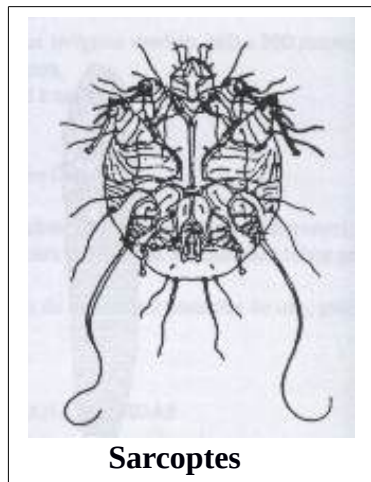


Piolho

Tratamento: Banhos com inseticida piretróide, repetindo após 14 dias, no cão e no ambiente.

4) Sarnas (*Sarcoptes scabiei*, *Demodex spp*, *Otodectes cynotis*). São todos ácaros.

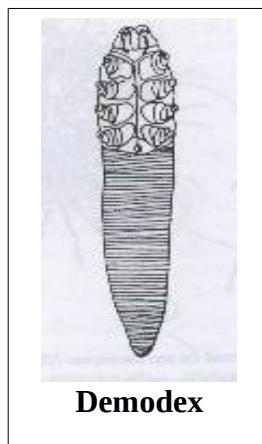
a) Sarna sarcóptica (*Sarcoptes scabiei*): é uma sarna bastante comum, principalmente em cães jovens e de pêlo longo, que causa grande processo inflamatório e alérgico na pele do cão com intenso e persistente prurido. Também representa sério risco à saúde pública (é uma ZOONOSE). Os ácaros têm preferência por regiões rarefeitas (orelha, abdômen, jarrete, cotovelo).



Sintomas: prurido intenso o dia todo; autotraumatismo; escoriações, descamações, perda de pêlos (rarefação).

Tratamento: sabões ou shampoos de tetraetiluran, com banhos diários durante 14 dias.

b) Sarna demodécica (*Demodex*): Também chamada sarna negra, é um processo inflamatório da pele dos animais, principalmente jovens, associada a disfunções imunológicas e desequilíbrio da flora da pele. É uma sarna de difícil terapia e que ocorre mais em cães de pêlo curto. O cão se contamina ao nascer, nas mamadas, e o ácaro se aloja nos folículos pilosos e glândulas sebáceas, ocasionando patologia se houver imunossupressão do hospedeiro. Assim pode gerar doença localizada ou generalizada. O tratamento deve ser orientado por um Médico Veterinário, devendo haver acompanhamento periódico.

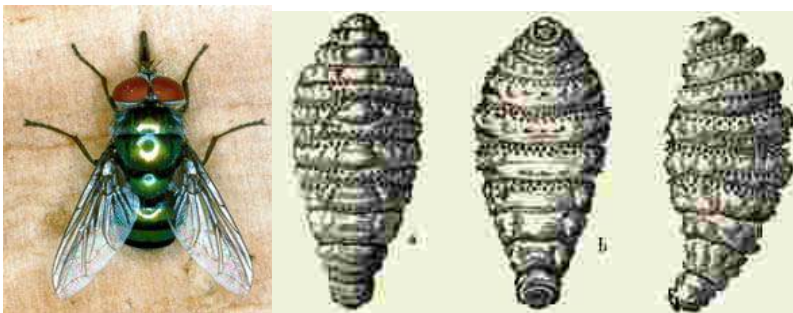


c) Sarna otodécica (*Otodectes cynotis*): é causada por um ácaro que se localiza no interior da orelha do cão, provocando prurido, irritação, inflamação e aumento da produção de cerúmen,

levando a um quadro de otite. O tratamento deve ser recomendado por Médico veterinário.

d) Profilaxia das sarnas: no caso da Sarcóptica e Otodécica, deve-se evitar que os cães tenham contato com cães vadios (de rua), ou mesmo cães que chegaram recentemente no canil (devem estar em quarentena ou isolados). No caso da Demodécica devem-se evitar situações estressantes, alimentá-los bem com ração de qualidade, vermifugar, vacinar, evitando-se imunossupressões em cães novos.

5) Moscas (*Dermatobia hominis*, *Cochliomyia* sp): as moscas, mais especificamente as larvas destas, são responsáveis por parasitar a pele e tecido subcutâneo dos cães. As larvas de *Cochliomyia* (mosca varejeira) alojam-se em ferimentos recentes ou áreas abertas por cirurgias, estabelecendo-se as “miíases” (bicheiras), que podem levar a lesões mais profundas se não for tratada, pois as larvas se alimentam de tecido vivo. As larvas de *Dermatobia* são levadas por outras moscas até o cão. A sua larva dá origem aos “bernes” (Dermatobiose).



Moscã “varejeira”

Larvas de *Dermatobia* (“bernes”)

Tratamento: as miíases e dermatobioses devem ser tratadas com a limpeza da ferida, retirada (com auxílio de uma pinça) e morte das larvas. Devem-se utilizar repelentes ao redor da ferida para evitar reinfestação.

Profilaxia: Higiene do canil e correto destino das fezes (evitar proliferação), inspecionar o cão sempre para detectar cedo as feridas e tratá-las. Usar repelente e bandagens nas feridas.

c. Doenças causadas por protozoários e rickettsias

1) Babesiose e Erliquiose:

A **babesiose** é uma doença causadora de febre, apatia, e hemólise (“quebra” das hemácias) devido à infecção das hemácias pelo protozoário (*Babesia* sp), levando o animal à anemia. A doença é transmitida por carrapatos, e o *Rhipicephalus sanguineus* é o principal vetor. A doença também pode ser adquirida com transfusões sanguíneas e através de fômites.

O vetor se infecta ao ingerir sangue contaminado (com as hemácias parasitadas), o protozoário se reproduz no carrapato e vai se localizar em sua glândula salivar. Quando o carrapato contaminado suga sangue de um cão ele acaba por transmitir o parasita para esse cão. No sangue do cão o parasita invade as hemácias, se multiplica nelas e as rompe, levando a anemia, febre, apatia, anorexia, hemorragias eventualmente, mucosas pálidas ou com icterícia e choque.

O tratamento deve ser orientado por Médico Veterinário, visto ser uma doença que pode se agravar, além de precisar de terapias de suporte (transfusão sanguínea, fluidoterapia, etc).

Profilaxia: combate aos vetores (carrapatos) é o principal meio de prevenir tal doença. Diagnosticar, isolar e tratar os cães doentes.

ZOONOSE: a babesiose é uma zoonose, que resulta geralmente em infecções brandas, mas também pode ocasionar graves infecções e até mortes. Os humanos são hospedeiros acidentais.

A **Erliquiose** é uma doença causada por rickettsias transmitidas por carrapatos (*Rhipicephalus sanguineus*) contaminados que, ao sugarem os cães, os infectam. Também pode ser

transmitida por transfusões sanguíneas.

Causa uma fase aguda: febre, apatia, anorexia, emagrecimento e trombocitopenia (diminuição do número de plaquetas no sangue) o que pode levar a sérias hemorragias. Numa fase subclínica os sintomas passam despercebidos, e numa fase crônica os sintomas são mais severos, com hemorragias, pancitopenia (diminuição de todas as células sanguíneas), e problemas renais (glomerulonefrite).

A doença pode acometer também de uma forma bem severa chamada Pancitopenia tropical canina, que tem alto índice de mortalidade e ocorre geralmente em cães da raça pastor alemão.

O tratamento deve ser orientado por Médico Veterinário, visto ser uma doença que pode se agravar, além de poder precisar de terapias de suporte (transfusão sanguínea, fluidoterapia, etc).

Profilaxia: combate aos vetores (carrapatos) é o principal meio de prevenir tal doença. Diagnosticar precocemente, isolar e tratar os cães doentes.

ZOONOSE: é uma zoonose emergente, que ocasiona febre, dor de cabeça, mal estar, trombocitopenia e leucopenia no ser humano. A maioria dos pacientes têm histórico de picadas de carrapatos.

d. Doenças bacterianas:

1) Leptospirose: causada pela bactéria do gênero *Leptospira*, que causa doença aguda e crônica no cão (nefrite e hepatite), além de infectar outros animais inclusive o homem (ZOONOSE). As infecções podem ser assintomáticas ou apresentar febre, icterícia, aborto, podendo até levar à morte.

A transmissão ocorre principalmente via urina de animais infectados (roedores são os mais comuns), que eliminam a bactéria por essa via. As bactérias podem penetrar na pele lesada, mucosas íntegras, ou ainda pode ocorrer infecção pela ingestão de água e alimentos contaminados.

Tratamento: orientado por Médico Veterinário.

Profilaxia: Vacinação; combate a roedores; correta armazenagem da ração; higiene do canil e comedouros; evitar contato com poças d'água e esgotos; detecção precoce, isolamento e tratamento dos afetados.

ZOONOSE: cuidado com a urina de animais contaminados e o contato com esses animais. Usar luvas, lavar sempre as mãos e áreas de contato. Higiene do canil.

2) Bordetelose (síndrome Tosse dos canis- Traqueobronquite infecciosa): doença altamente contagiosa que tem sua transmissão através de aerossóis (gotas eliminadas através da tosse). Animais sadios em contato com doentes podem contrair a doença. Assim torna-se uma doença que se espalha rapidamente em canis e locais de confinamento de cães. Tem maior ocorrência no inverno.

O sinal mais evidente é tosse repetida, curta e seca. Pode ser acompanhada por engasgos e movimentos de esforço de vômito. A tosse se agrava durante exercícios e excitação do cão. O cão não tem perda de apetite, e mantêm-se ativo em casos leves. Em casos mais graves pode haver evolução para pneumonia secundária, a tosse fica produtiva (com catarro, expectorando), o cão tem depressão, anorexia, apatia, rinite e sinusite, podendo levar o cão à morte.

Tratamento: orientado por Médico Veterinário.

Profilaxia: vacinação (a partir dos dois meses 1 dose, após isso 1 dose anual); quarentenas; detectar, isolar e tratar; higiene do canil; evitar contato com cães suspeitos.

e. Doenças virais:

1) Raiva:

Doença viral infecciosa (não é contagiosa), que acomete mamíferos em geral (cão, felinos, carnívoros silvestres, morcegos), inclusive o homem causando meningite e encefalite, e que invariavelmente evolui para a morte.

A transmissão se dá pela saliva contaminada inoculada (por mordida), leite (em morcegos), inalação (em cavernas com morcegos contaminados), transplante de órgãos.

O vírus inoculado penetra em neurônios, e anda no neurônio até o SNC onde inicia a lesão dos neurônios, e após sai e vai para outros locais (ex. glândulas salivares).

Nos cães o vírus já é eliminado de 2 a 5 dias antes dos sinais clínicos aparecerem.

Os sinais clínicos no cão se distribuem em três fases: melancólica, furiosa e paralítica.

Na fase melancólica o cão tem mudança de comportamento repentina, apresenta latido rouco, anorexia, salivação e preferem ficar em locais escuros.

Na fase furiosa (alguns cães podem não apresentar essa fase. Raiva muda) o cão fica agressivo, baba / espuma, morde tudo que vê, não reconhece os donos, tem a pupila dilatada, abandona o lar e sai andando sem rumo.

Na fase paralítica as lesões cerebrais se acentuam, e há paralisia de partes do corpo, perda de equilíbrio, pára de andar, fica deitado de lado, ocorre pedalagem, sialorréia intensa (baba muito), epilepsia, morte por paralisia dos músculos da respiração.

Diagnóstico e tratamento: orientado por médico veterinário (soro hiperimune e vacina). Após iniciados os sinais clínicos não há tratamento; o melhor é a prevenção.

Profilaxia: Vacinação anual dos cães; controle de cães vadios; campanhas anuais de vacinação; castração.

ZOONOSE: o vírus é muito frágil e qualquer produto o inativa (iodo, álcool, vinagre, sabão, suco de limão). Após ser mordido por qualquer cão ou outro animal, deve-se lavar o ferimento muito bem com água e sabão, manter o cão preso para observação e procurar imediatamente um posto de saúde para tratamento com vacina e soro (sfc).

2) Parvovirose canina:

Doença infecto contagiosa causada por um vírus que acomete cães jovens, caracterizando-se por diarreia intensa com alta mortalidade e infecções cardíacas em cães neonatos. Os primeiros relatos da doença no Brasil datam de 1980, em São Paulo, e atualmente a doença está disseminada em praticamente todo o país. Também afeta raposas, lobos, guaxinins, e outros animais silvestres.

O parvovírus é um vírus bastante resistente, permanecendo por até 03 meses em resíduos de fezes contaminadas, e há até 06 meses em condições normais de temperatura. Uma vez que o ambiente esteja contaminado, fica difícil eliminar o vírus do local. Uma maneira de desinfetar o ambiente é usar água quente sob pressão (retirar sujidades e gorduras), e usar água sanitária (hipoclorito de sódio) diluída na proporção de 1:8 (uma parte de água sanitária com 07 partes de água de torneira = 8 partes de solução). Devem-se evitar as moscas, que espalham os vírus ao carregá-los para outros locais.

A infecção é por via oral ou nasal, sendo necessário uma pequeníssima quantidade de vírus para iniciar a patologia. O cão doente elimina uma grande quantidade de vírus na diarreia. A transmissão pode ocorrer por moscas (pousam nas fezes), seringas contaminadas, transfusão de sangue, pêlos do animal contaminado, roupas que tiveram contato com o doente, sapatos e instrumentos (coleira, guia, etc).

A importância da doença está na alta mortalidade de filhotes que provoca, gastos veterinários e medicações e, além disso, interfere com a comercialização de animais de um canil.

Quando o animal tem a exposição ao vírus ainda no útero, ou com menos de 08 semanas de idade, o filhote tem uma infecção cardíaca podendo ocorrer morte súbita (arritmia cardíaca) ou morte aguda com menos de 10 dias de idade por infecção generalizada.

Se o filhote se infectar com idade maior que 08 semanas, esse desenvolve diarreia e vômitos constantes (gastroenterite) severa ou leve, podendo ocorrer sangue nas fezes. O filhote se desidrata rapidamente, pode desenvolver hipotermia, as mucosas ficam pálidas (anemia e choque), febre de até 41°C, linfonodos aumentados, secreção ocular, apatia e anorexia.

Tratamento: cães com doença leve ou severa devem receber tratamento de suporte imediato,

com fluidoterapia intensa, antibioticoterapia, antieméticos e protetores de mucosa gástrica. Procure rapidamente um Veterinário, essa doença pode levar a morte um filhote em poucos dias e até mesmo horas. Se o filhote estiver hipotérmico, aqueça-o com bolsas de água morna (40-45°C) ao redor dele. Tente fornecer fluidoterapia oral (soro caseiro) 05 mls a cada 30 minutos.

Profilaxia: Vacinação dos filhotes e de todos os cães do canil. Vacinação dos filhotes (3 doses) com 60, 90 e 120 dias de idade. Adultos devem ser vacinados anualmente; vacinação das cadelas antes de serem cobertas (não vacinar as cadelas prenhes!!!); higiene rigorosa do canil; quarentenas; isolar e tratar os doentes; filhotes devem ficar protegidos do contato com outros cães até completar o esquema de vacinação; equalizar as mamadas dos neonatos para que todos recebam o colostro e tenham proteção até uma idade mais avançada.

3) Cinomose:

Doença infecto contagiosa viral que acomete carnívoros (raposas, ferrets, leões, lobos, cães) e caracteriza-se por uma forma jovem que acomete o trato respiratório, digestivo, com secreções nasais e oculares, e uma forma tardia que afeta o SNC causando tremores musculares, incoordenação e outros sintomas nervosos. É uma doença de alta morbidade e mortalidade.

É um vírus pouco resistente à luz solar e temperatura, por isso a incidência da doença aumenta no inverno. O contágio se dá de forma direta (oro nasal) ou indireta (inalação, ingestão de água e alimentos contaminados). O vírus sai nas fezes, secreções nasais, orais e oculares dos cães contaminados. Também é possível transmissão transplacentária.

Os vírus podem suprimir a imunidade do hospedeiro predispondo a infecções secundárias. Podem acometer na forma subclínica, sistêmica ou central (SNC). A forma subclínica ocorre quando o animal tem boa imunidade e é caracterizada por febre, e sinais leves com apatia, anorexia, conjuntivite e tosse leve. A forma sistêmica ocorre em animais de imunidade baixa, com dois picos de febre, apatia, anorexia, conjuntivite, secreção ocular mucopurulenta, diarreia aquosa ou sanguinolenta, desidratação, tosse, pneumonia secundária, traqueobronquite (tosse dos canis, devido à queda da imunidade) e vômito.

A forma central acomete o SNC, podendo ser uma evolução da forma sistêmica. Acarreta sinais nervosos como espasmos, convulsões, rigidez cervical, entre outros.

Esse vírus também destrói as células olfatórias, causando sérias implicações em cães de faro.

O tratamento deve ser orientado por Médico Veterinário, sendo baseado em fluidoterapia e antibioticoterapia. Animais com sintomas nervosos podem não se recuperar, e até mesmo ser necessário eutanásia.

Profilaxia: higiene do canil, quarentena, isolar e tratar. Vacinação dos filhotes (3 doses) com 60, 90 e 120 dias de idade. Adultos devem ser vacinados anualmente.

5) ESQUEMA DE VACINAÇÃO:

a) Vacina Óctupla ou Déctupla: vacinação dos filhotes (3 doses) com 60, 90 e 120 dias de idade. Adultos devem ser vacinados anualmente.

b) Vacina anti-rábica: vacinação dos filhotes a partir de dois meses de idade (uma dose). Cães adultos devem ser revacinados anualmente.

c) Vacina contra traqueobronquite infecciosa (bordetelose): filhotes a partir dos 2 meses (uma dose). Adultos anualmente (uma dose).

NUTRIÇÃO CANINA

Há dois pontos principais a serem observados na nutrição canina: O cão e a ração.

No cão deve-se observar: peso, estado fisiológico (ex. gestante) e estado de saúde.

Na ração deve-se observar: Quantidade, Qualidade e Frequência. A quantidade diz respeito ao volume de ração que será fornecido diariamente. A qualidade se refere aos ingredientes que compõe a ração e sua digestibilidade. A frequência, enfim, é o número de vezes que o animal irá se alimentar no dia.

No organismo dos cães, a todo instante ocorrem reações produzindo e consumindo energia, que é perdida na forma de calor, movimento ou produção (ex. leite). Portanto, o que regula a quantidade de ração que o cão necessita é a quantidade de energia que o mesmo gasta durante um dia. O cálculo da necessidade energética diária de um cão é baseado no seu peso, e com base na composição da ração podemos calcular a quantidade de ração que deverá ser fornecida a um cão. Na ração os nutrientes que contém energia são os carboidratos, as proteínas (PB) e as gorduras (EE). Além disso, uma ração tem água, sais minerais, vitaminas e fibras, que não fornecem energia, mas têm papéis fundamentais.

A qualidade da ração pode ser avaliada pelos seus ingredientes (qualidade dos ingredientes), digestibilidade, e correto equilíbrio de aminoácidos, vitaminas e minerais proporcionais ao nível energético da dieta.

A frequência de fornecimento de ração a um cão pode variar. O fornecimento de pequenas porções várias vezes ao dia favorece a digestão e evita sobrecarga do trato gastroentérico. Em filhotes em desmame pode-se fornecer ração em pequenas quantidades de 5 a 6 vezes ao dia. Em filhotes pós desmame até 3 meses, 4 vezes ao dia. Dos três meses à idade adulta 3 vezes ao dia. Cães adultos, de 2 a 3 vezes ao dia. Cães doentes e em tratamento podem necessitar de uma frequência de alimentação diferenciada.

- Água:

É um elemento essencial na alimentação pois “... um cão pode passar semanas sem comer, mas não pode ficar mais de três dias sem beber...”. A água representa 84% do peso em recém nascidos e 50 a 60% do peso de um cão adulto. Após o oxigênio (necessário à respiração), a água é a segunda substância mais importante para um ser vivo para a sobrevivência em curto prazo. A perda de somente 10% da água do organismo pode levar à morte. No entanto o cão pode perder quase toda a gordura e proteína do corpo e manter-se vivo. A água é essencial para a termorregulação corpórea (ex. suor), meio de reações químicas para produção e queima de energia, meio líquido para o sangue e linfa, meio de excreção (ex. urina), entre outros.

Deve-se manter sempre água limpa e fresca, e potável (tratada) à disposição dos cães.

- Proteína:

As são grandes moléculas constituídas de uma cadeia de aminoácidos. Elas são responsáveis para o anabolismo (construção) do corpo na síntese de ossos, músculos, nervos, e outras estruturas e substâncias (hormônios, anticorpos). Durante a digestão das proteínas os aminoácidos dessas são liberados e absorvidos, sendo então recombinados para formar novas proteínas no organismo.

Proteínas podem ser de origem animal (carnes, ovos, queijo, leite, farinha de carne) e vegetal (farinhas de soja e trigo).

O estado fisiológico do cão e seu estado de saúde alteram sua necessidade de proteína na dieta. Uma cadela em gestação e lactação necessita de rações com proteína de alta qualidade, digestibilidade e no mínimo de 23% na ração. Assim como cães em crescimento que também têm essas necessidades de proteína. Já cães adultos, em manutenção, necessitam de no mínimo 18% de proteínas.

Ao contrário do que muitos pensam uma “super nutrição” (excesso de alimento, anabolizantes, excesso de suplementos sem orientação de um veterinário) não fará do cão mais

forte ou maior. Ao contrário, irá prejudicar seu crescimento, engordá-lo e predispor-lo a diversas doenças hormonais, metabólicas e ósseas.

- Gorduras (lipídeos):

Os cães gostam de gorduras na ração (dá a palatabilidade), e têm boa capacidade para digeri-las. Elas fornecem energia, dão palatabilidade, fornecem os ácidos graxos essenciais (série ômega 3 e 6), são matéria prima para produzir hormônios, óleos que protegem a pele, reserva de energia, protegem as células da oxidação, e ainda fornecem vitaminas lipossolúveis (Vit A, D, E e K).

Fontes de lipídeos são os óleos vegetais e animais e gorduras animais.

- Carboidratos:

Os carboidratos (açúcares, amido, glicogênio) são as fontes primárias de aporte de energia. Apesar de muitas vezes não estar diretamente presente na dieta, a glicose é essencial ao sistema nervoso, músculos e outros tecidos. Por isso ela é formada a partir de outros açúcares das dietas para suprir de energia tais órgãos e tecidos. O trato digestivo do cão é bem adaptado para digerir a maioria dos carboidratos e açúcares, à exceção da lactose (do leite) no cão adulto (pode gerar diarreia).

- Sais minerais:

Os sais têm diferentes funções no organismo: estrutural (nos ossos), química (reações metabólicas, contração muscular), co-fatores de enzimas (auxilia no funcionamento dessas). Sendo assim, é necessário um equilíbrio desses na ração. Ex. cálcio, fósforo, ferro, manganês, cobre, potássio, cloro, entre outros...

- Vitaminas:

São encontradas em diferentes alimentos, e são divididas em lipossolúveis e hidrossolúveis. O cão necessita de 13 tipos de vitaminas, cada qual com seu papel específico no metabolismo desse.

Excessos de vitaminas podem ser perigosos, pois podem levar a acúmulos (principalmente as lipossolúveis A e D) e intoxicar o cão.

- Fibras:

As fibras não são digeridas ou absorvidas pelo organismo do cão, mas são fundamentais na dieta. Elas têm um efeito regulador da motilidade gastro-intestinal, contribuem para o equilíbrio da flora intestinal, dão volume e evitam ressecamento das fezes e funcionam como “esponjas” ao limpar o trato digestivo. Uma ração deve ter, no mínimo, 5% de fibras.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA CONDIÇÃO CORPORAL

SUBALIMENTADO

1 Costelas, vértebras lombares, ossos pélvicos e todas as saliências ósseas visíveis à distância. Não há gordura corporal discernível. Perda evidente de massa muscular.



1

2 Costelas, vértebras lombares e ossos pélvicos facilmente visíveis. Não há gordura palpável. Algumas outras saliências ósseas podem estar visíveis. Perda mínima de massa muscular.



3

3 Costelas facilmente palpáveis podem estar visíveis sem gordura palpável. Visível o topo das vértebras lombares. Os ossos pélvicos começam a ficar visíveis. Cintura e reentrância abdominal evidentes.

IDEAL

4 Costelas facilmente palpáveis com mínima cobertura de gordura. Vista de cima, a cintura é facilmente observada. Reentrância abdominal evidente.



5

5 Costelas palpáveis sem excessiva cobertura de gordura. Abdômen retraído quando visto de lado.

6 Costelas palpáveis com leve excesso de cobertura gordura. A cintura é visível quando vista de cima mas não é acentuada. Reentrância abdominal aparente.



7

SOBREALIMENTADO

7 Costelas palpáveis com dificuldade; pesada cobertura de gordura. Depósitos de gordura evidentes sobre a área lombar e base da cauda. Ausência de cintura ou apenas visível. A reentrância abdominal pode estar presente.

8 Impossível palpar as costelas situadas sob cobertura de gordura muito densa ou palpáveis somente com pressão acentuada. Pesados depósitos de gordura sobre a área lombar e base da cauda. Cintura inexistente. Não há reentrância abdominal. Poderá existir distensão abdominal evidente.

9 Maciços depósitos de gordura sobre o tórax, espinha e base da cauda. Depósitos de gordura no pescoço e membros. Distensão abdominal evidente.



9

O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA CONDIÇÃO CORPORAL foi desenvolvido no Centro Nestlé Purina de Pesquisa e Desenvolvimento (Nestlé Purina Pet Care Center) e foi validado tal como documentado nas seguintes publicações:

Mowby D, Bartges JW, Moyers T, et. al. *Comparison of body fat estimates by dual-energy x-ray absorptiometry and deuterium oxide dilution in client owned dogs.* *Compendium* 2001; 23 (9A): 70

Lafomme DP. *Development and Validation of a Body Condition Score System for Dogs.* *Canine Practice* July/August 1997; 22:10-15

Kealy, et. al. *Effects of Diet Restriction on Life Span and Age-Related Changes in Dogs.* *JAVMA* 2002; 220:1315-1320

SANIDADE CANINA

1. Higienização das instalações

Para se ter um canil de qualidade, a higienização é um ponto muito importante, pois num ambiente limpo, arejado e seco o aparecimento de moscas será menor, não haverá mau cheiro e os animais estarão sempre limpos.

Basicamente, o esquema de higienização do canil é dividido em tarefas diárias e semanais/quinzenais, esse último no caso de um melhor nível de controle sobre o planejamento das atividades, controle de trânsito de pessoas e destino dado ao lixo.

a. Tarefas diárias:

A primeira e mais simples dessas tarefas é a coleta das fezes nas corredeiras ou nos boxes, que deve ser feita sempre que o animal defecar, para evitar o contato do animal com seus dejetos e o aparecimento de moscas, sendo que para isso o tratador deve estar sempre atento, observando as instalações regularmente.

Nas áreas destinadas ao exercício, a catação das fezes deve ser feita sempre que a área for utilizada, ao final de cada dia de exercícios e brincadeiras. Outra prática a ser feita nessa área é o corte da grama, o que facilita a limpeza e dá a área um aspecto mais apresentável.

A lavagem dos boxes, das corredeiras e gaiolas, quando essas são usadas, é uma tarefa diária, sendo que essa limpeza é mais superficial e tem o objetivo de evitar o acúmulo de sujidades e conseqüentemente o aparecimento de odor desagradável. Com esse fim, recomenda-se utilizar água e detergente, e como desinfetante uma solução de água sanitária comercial com água comum, na proporção de 1: 30, deixando agir e em seguida enxaguando bem pra que não fique resíduos, o que poderia queimar a boca do animal. Os desinfetantes derivados da creolina e os desinfetantes aromatizados com essência de pinho e similares não devem ser usados pois são cáusticos e tóxicos.

b. Tarefas semanais ou quinzenais:

Inicialmente devem-se deixar os boxes vazios, retirando os animais e removendo os estrados. Essa higienização consiste em lavar os pisos, paredes, telas e a área coberta com água, para remoção da matéria orgânica. Posteriormente deve-se fazer a desinfecção de todo o canil, utilizando-se um pulverizador costal e desinfetante não tóxico (a diluição deve ser feita segundo recomendações do fabricante), sendo que a aplicação deve ser feita nas paredes, pisos, telas e áreas cobertas. As gaiolas devem ser lavadas, assim como os quartos onde essas estão e posteriormente deve ser aplicado o desinfetante, principalmente nas gaiolas, piso e paredes.

Com o objetivo de reforçar a higienização, recomenda-se fazer uma desinfecção com vassoura de fogo nos pisos, paredes e telas. É um instrumento muito simples de ser usado e de extrema eficiência, basta ter um botijão de gás e uma mangueira acoplada ao lança chamas. A vassoura de fogo também é utilizada para o controle de ectoparasitas, após a aplicação de inseticida.

Uma outra questão de grande importância é o destino que é dado ao lixo. Recomenda-se que todo o material biodegradável seja queimado, sendo necessário para isso construir uma manilha de concreto, enterrada no solo e numa área próxima ao canil. Com isso evitam-se os problemas de transmissão de doenças através do lixo.

2. Higienização dos cães

A frequência com que é feita a higienização dos cães vai depender da raça, sendo que aqueles que possuem pêlo curto não precisam de muitos cuidados, porém as raças de pêlos mais longos requerem um tempo maior para sua higienização.

a. Olhos:

Use solução fisiológica ou água destilada e chumaço de algodão. A limpeza dos olhos deve ser feita regularmente nas raças pequenas cujos olhos são muito frágeis.

b. Orelhas:

O conduto auditivo deve permanecer sempre seco e limpo, em especial naqueles animais de orelhas caídas. Dessa forma, deve-se manter os pêlos do interior da orelha sempre curtos e limpar o pavilhão auricular com chumaço de algodão e éter, ou mesmo um produto especial, conhecido como Epiotic.

c. Unhas:

Precisam estar sempre curtas para não acumular sujeira. Lembrar que animais que vivem em local com chão abrasivo têm o desgaste normal das unhas, contudo pode ocorrer de a quinta unha não estar aparada e à medida que cresce, ela começa a penetrar na pata do animal. Uma dica para não esquecer esse cuidado, é sempre que for dar banho no cachorro dar uma olhada nas unhas, assim elas não passarão despercebidas.



Maneira correta de cortar a unha do cão

d. Dentes:

Aos 7 meses de idade o filhote tem sua dentição definitiva. Sempre verifique os dentes e toda vez que for banhar os animais, escove-os com escova e pasta dentais apropriadas (pasta dental sem flúor e escova dental humana infantil ou própria para cães). Em caso de tártaro, deve-se levar ao Médico Veterinário para anestesiá-lo e removê-lo, uma vez que pode causar gengivite e, por conseguinte, queda dos dentes. Essa remoção pode ser feita através de raspagem ou uso de ultrassom.

e. Pêlos:

A limpeza do pêlo varia conforme a raça do animal. De maneira geral, os animais de pêlos compridos, e mesmo os muito peludos, devem ser escovados diariamente. Independentemente da raça, é recomendável que se faça diariamente na época de troca dos pêlos, para que os mortos sejam removidos. A escovação, além de retirar sujeiras e pêlos velhos, permite melhor distribuição da gordura do pêlo e aeração da pele. A escovação deve ser feita em sentido contrário ao do pêlo, isto é, no sentido do rabo em direção à cabeça, de maneira cuidadosa e sem força. É indicado para cães de pêlo curto a escova *rastelo*, com cerdas de aço.

Outro cuidado básico é com o banho, que pode ser dado a cada 15 a 30 dias, de acordo com a pelagem do animal. Já no inverno, a frequência diminui, sendo indicado um banho por mês. Os filhotes podem ser banhados a partir de 60 dias de vida.

Independentemente da raça do animal, duas recomendações são importantes: é contra indicado o uso de produtos para seres humanos (a pele de cães é muito mais frágil que a de humanos); e preferir dias quentes para banhar o animal, por volta das 10:00 hrs. A temperatura da água também varia conforme a estação – morna ou fria na época do calor e quente na época do

frio. Antes de iniciar o banho, proteger os ouvidos do cão com pedaço de algodão, para evitar a entrada de água e possíveis problemas inflamatórios. Usar xampu neutro apropriado para cães. Pode também ser usado sabão neutro (de côco). Enxaguar bem e secar logo após. Recomenda-se deixar o animal um pouco no sol antes de levá-lo para o boxe.

Quando se desejar usar produtos contra pulgas, recomenda-se o uso de inseticidas fosforados que não se acumulam no organismo, na diluição e intervalos recomendados pelo fabricante. Outra base química recomendada é o piretróide, que é menos tóxica que a anterior.

Além de todas as recomendações acima relatadas, é necessário que os animais sejam mantidos em ambiente com temperatura agradável, pois a capacidade de perda de calor pelos cães é menor, já que não possuem glândulas sudoríparas. O piso deve ser antiderrapante e de fácil limpeza, com declividade e calha /ralo para o escoamento da água. Deve ser projetada uma pequena casa para proteção do frio e das chuvas, de tamanho proporcional à raça do cão e com um estrado de madeira para isolamento térmico do piso.

NOÇÕES DE PROCEDIMENTOS AMBULATORIAIS

Nessa parte do estudo veremos alguns procedimentos de enfermagem que poderão ser aplicados em caso de patologias resultantes principalmente de traumas como: feridas, ferida por mordedura, entorse, luxação, fraturas e traumas por espinhos de ouriço. Além disso, serão abordados aspectos sobre fluidoterapia oral de cães desidratados.

1. Feridas:

Como já visto anteriormente, as feridas são “aberturas” na pele ou mucosas atingindo subcutâneo e até mesmo tecidos mais profundos. O tratamento da ferida é baseado no controle da hemorragia, limpeza e proteção. Uma ferida limpa, seca e protegida cicatriza-se mais rapidamente.

Se a ferida é muito grande, e faz menos de 6 (seis) horas que ocorreu, ela poderá ser suturada. Encaminhe o animal a um médico veterinário para que ele analise e suture (sfc), melhorando a recuperação do cão.

Uma hemorragia pequena pode ser contida por compressão local com uma gaze ou pano limpo. Se houver hemorragia grande, com muito sangramento, contínuo, e o controle estiver difícil, coloque uma compressa sobre o local, um saco com água gelada sobre a compressa, e enrole uma faixa sobre o saco fixando-o no local. Após esses primeiros socorros procure um Médico Veterinário.

Se o sangramento é pequeno ou foi controlado, deve-se cortar os pêlos (tricotomia) deixando uma margem de 5 cm sem pêlos ao redor da ferida. “Lavar” a ferida com solução fisiológica (o soro fisiológico pode ser misturado a 10 mls de povidine). Para isso deve-se utilizar uma sonda uretral para explorar as margens e o interior da ferida e lavar essas partes, usando uma seringa para injetar a solução dentro da sonda. Lave a ferida várias vezes e retire restos mortos de tecidos (necroses), pus, miíases (retira com auxílio de uma pinça anatômica), corpos estranhos (grama, gravetos, areia, etc).

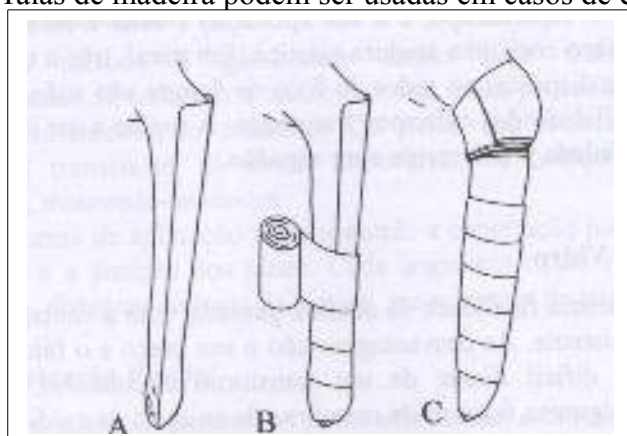
Após limpar bem a ferida, seque-a com uma gaze. Utilize uma pomada veterinária com antibiótico misturado a açúcar (uma parte de pomada para uma parte de açúcar) (pode ser utilizado mel como substituto), misture até ficar pastoso e aplique em toda a ferida. Após isso, pode-se utilizar repelentes de moscas (prevenir miíases) SOMENTE nas bordas da ferida (diretamente na ferida atrasa a cicatrização). Para finalizar, proteja a ferida com um curativo de gaze e esparadrapo (SFC). Realize a limpeza da ferida a cada 12 horas até a completa cicatrização.

2. Fraturas, luxações e entorses:

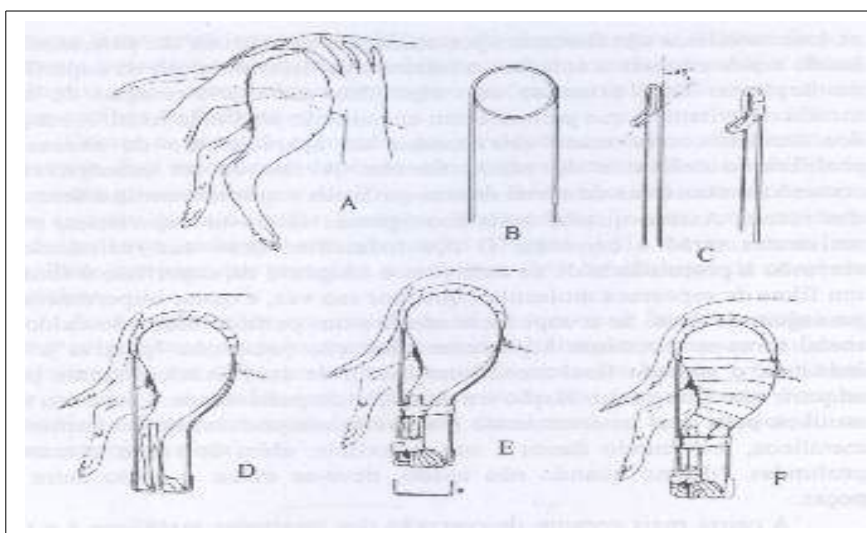
O princípio do tratamento dessas patologias é a imobilização das duas articulações do local lesado (uma acima e outra abaixo da lesão). Aqui aprenderemos dois tipos de imobilizações externas (membro torácico e membro pélvico). Tais imobilizações deverão ser usadas não para tratar, mas para minimizar os danos até que se possa ter o atendimento de um veterinário.

Para se imobilizar um membro, inicialmente o membro deve ser enfaixado, iniciando nos coxins (de baixo para cima no membro) até onde for possível ou necessário. As pontas dos dedos não devem ser enfaixadas e devem ser deixadas à vista. Isso serve para inspecioná-las após o membro imobilizado. Se as pontas dos dedos estiverem muito frias, ou muito inchadas (comparar com os dedos do outro membro), deve-se desfazer a imobilização. Deve-se tomar muito cuidado e não mexer o membro lesado (não lesar mais ainda), pois certamente estará doendo muito. Após o membro enfaixado, e a tala ou muleta confeccionada, coloque o membro nestes, ajuste, acolchoe com algodão e fixe o membro com esparadrapos.

Talas podem ser confeccionadas de canos de PVC, serrados longitudinalmente e moldados com ajuda de uma chama, ou folha de melaton cortada e dobrada. Deve-se tomar o cuidado de deixá-la uns dois ou três dedos mais comprida que o membro para que o animal não toque o membro no chão. Talas de madeira podem ser usadas em casos de emergência.



A muleta pode ser feita com arame, e deve-se tomar o cuidado de acolchoar as porções que entram em contato com o cão usando algodão e esparadrapo.



Após se imobilizar os membros, procure o atendimento médico veterinário (no caso de luxações e fraturas). Entorses devem ser imobilizadas por, no mínimo, 8 dias para que se curem. Também podem ser utilizadas compressas de água gelada ou gelo (logo após a lesão), ou água quente para diminuir o edema (inchaço) tardio, ambas por 10 minutos a cada 6 horas.

3. Espinhos de ouriço:

Espinhas de ouriço são comumente encontrados em cães que vão para a mata, ou cães de caça. Ao abocanharem o ouriço o cão é ferido pelos espinhos, que se soltam do ouriço e fixam-se no cão, geralmente na face e boca. Tais espinhos devem ser retirados um a um, com auxílio de uma pinça. A pele do cão, boca, língua, narinas, orelhas, patas devem ser inspecionados e palpados

cuidadosamente à procura de espinhos infiltrados. Após retirar todos os espinhos ou os que conseguir, procure um Médico veterinário para recomendar o antibiótico e retirar os espinhos restantes de locais difíceis que necessitem de anestesia do cão.

4. Fluidoterapia oral:

A fluidoterapia oral é baseada na reposição de líquidos e sais pela ingestão. Utiliza-se soro caseiro (uma colher sopa açúcar + 1 colher rasa de chá de sal + 1 litro de água potável), administrado com auxílio de seringa na lateral da boca.

A quantidade de soro a administrar num dia deve ser calculada com base no peso do cão. Deve-se dar 40 ml/kg/dia para repor os líquidos perdidos pela urina + 50 ml/kg/dia para repor a desidratação mínima de um cão (5%) + 50 ml/kg/dia se o cão estiver vomitando e/ou com diarreia. A soma dessa fórmula dá a quantidade de líquido (soro) a ser administrada ao cão durante 24 horas. Divide-se esse valor total de modo que se forneça a quantidade a cada 30 ou 60 minutos. A fluidoterapia deve ser mantida até o cão se restabelecer.

Considerar que todo cão com diarreia e vômito está desidratado e necessita de fluidoterapia (vômito necessita de fluidoterapia endovenosa, procurar um Veterinário). Todo cão com anorexia pode também não estar ingerindo água adequadamente e necessitar de fluidoterapia.

NOÇÕES DE PRIMEIROS SOCORROS

Ao nos depararmos com um cão traumatizado (ex. atropelado), devemos tomar as seguintes medidas:

Antes de tudo observar a cena do “acidente” e verificar se a sua segurança também não está comprometida. Se a área não oferece riscos o cão poderá ser socorrido.

1. ABC

A. Verificar as vias aéreas, com o controle da coluna cervical. Aborde o cão chamando-o e verificando seu estado de consciência (alerta, reagindo a estímulos consciente ou inconsciente), tome cuidado pois devido à dor o cão pode morder até mesmo seu proprietário. Se o cão estiver inconsciente, imobilize a coluna cervical e procure abrir sua boca, limpar as vias (sangue, saliva) desobstruindo-as, retirar corpos estranhos, e puxar a língua levemente para frente.

B. Verifique se o cão respira e a frequência da respiração (o normal em cães grandes é de 20 a 30 por minuto).

C. Verifique o pulso (femoral) do cão (o normal é 60 até 120). Se não houver pulso, iniciar a Reanimação Cárdio Pulmonar (RPC) massagem cardíaca (80-100 compressões por minuto) e respiração boca-focinho (relação de 3 compressões torácicas por 1 respiração). A massagem cardíaca deve ser aplicada com o cão em decúbito dorsal (preferível) ou lateral, e o “calcanhar” da mão deve estar sobre o terço final do esterno ou sobre o coração. Os braços devem estar estendidos, e os ombros fixos. A única parte que se mexe é o quadril do socorrista, pois o peso do corpo é que fará a força (dosada de acordo com tamanho do cão) nas compressões. Durante a RPC checar o pulso, se estiver presente sem a RPC interrompe-se a manobra, monitora-se o cão (respiração, pulso, consciência) e leva-se o cão ao atendimento médico veterinário. (Esse método de RPC é indicado para cães maiores que 10 Kg).

Se houver hemorragias, estancá-las por pressão (com pano ou compressa ou mesmo as mãos) diretamente no local de sangramento. Pode-se utilizar um saco com água gelada sobre a compressa e enfaixar.

O transporte do cão traumatizado deve ser sempre com controle da coluna espinal. De preferência em uma maca ou tábua, mas pode ser improvisada uma maca com manta ou uma mala grande.

2. Afogamento:

Abrir a boca do cão, desobstruir as vias aéreas, e segurar o cão de cabeça para baixo por 30 segundos na tentativa de que a água aspirada saia.

3. Envenenamento:

Caso o veneno esteja na pele e pêlos, banhar bem o animal com água e sabão para retirar o excesso do produto. CUIDADO com sua segurança, use luvas máscaras e roupas longas para se proteger. Alguns venenos utilizados para matar ratos, derivado de carbamatos e organofosforados (ex. “chumbinho”), podem desencadear sintomas como: salivação, apatia progressiva, lacrimejamento, urina freqüente, diarreia, tremores e fasciculações musculares, pupilas muito contraídas (miose).

Caso o animal tenha ingerido o veneno há pouco tempo (até 1 hora após a ingestão), e ainda estiver alerta (animal consciente, capaz de deglutir e vomitar com reflexo suficiente para não aspirar) pode-se tentar induzir o vômito no cão. Para isso administre entre 20 a 60 ml de água oxigenada, ou água morna muito salgada, via oral. Isso pode desencadear o vômito e parte do veneno ser expelida, diminuindo a absorção. Em caso de envenenamento por soda cáustica esse procedimento é contra indicado. Após o vômito, pode ser administrado carvão ativado em pó misturado à água para formar uma pasta. Fornecer 10 a 20 mls dessa pasta via oral. Após tais procedimentos, procurar um Médico Veterinário.

4. Envenenamento por sapos:

Cães costumam atacar sapos, abocanhando-os por brincadeira. No entanto algumas espécies de sapos (Ex. *Buffus* sapo cururú) tem veneno na sua pele e podem intoxicar o cão causando desde apatia, fraqueza, irritação da mucosa e sialorréia (salivação), vômito e anorexia, dor abdominal, ataxia (falta de equilíbrio), andar em círculos, disritmias, paralisia muscular, edema pulmonar, parada cardíaca e morte.

Não existe antídoto específico. Cães que abocanham sapos devem ter suas bocas muito bem lavadas (lavar umas cinco vezes de hora em hora), cuidado para o cão não ingerir a água, limpar com gaze úmida, isso evita intoxicações graves. Depois, procure imediatamente um Médico Veterinário.

5. Picada de dípteros (abelhas, vespas e marimbondos):

O veneno das abelhas é uma complexa mistura de enzimas (fosfolipase A2, melitina, aminas biogênicas, hialuronidase). A melitina é a toxina mais ativa e age “estourando” as células e liberando mediadores da inflamação. Alergias só ocorrem caso o cão já tenha sido picado previamente.

O quadro clínico depende do local, do número de ferroadas, e de sensibilização prévia (alergia). Há reações locais e sistêmicas.

Reações locais: Dor, pele avermelhada, inchaço imediato que aparece por horas ou dias.

Reações alérgicas locais: Geram inflamação no local da picada com inchaço que perdura por diversos dias, podendo ocorrer formação de bolhas na pele.

Reações sistêmicas (casos de muita ferroadas): Taquicardia, sudorese e hipertermia. Ocorre intoxicação histamínica com prurido (coceira), calor e rubor (pele vermelha) generalizado. Pode ocorrer formação de pápulas e placas urticariformes (tipo reação alérgica, que coçam) por todo o corpo. Ocorre hipotensão, náuseas, vômitos, cólicas abdominais e contração dos brônquios (broncoespasmo) que gera insuficiência respiratória aguda podendo evoluir para a morte. Também ocorre lise muscular (rabdomiólise) e lise de hemácias (hemólise) gerando anemia e icterícia. A urina fica escura, e pode haver IRA. Pode haver necrose do fígado. O óbito decorre de IRA ou insuficiência respiratória aguda.

Reações alérgicas sistêmicas: São reações anafiláticas. São mais graves e variam desde prurido e inchaço da pele generalizado até edema de glote e crise de broncoespasmo evoluindo para Insuficiência respiratória aguda rapidamente e óbito.

Retire cuidadosamente o ferrão (se houver) no tempo máximo de 2 minutos após a ferroadada (depois deste tempo não adianta mais), com o auxílio de uma pinça, evitando espremer sua bolsa de veneno (utilizar retirada por raspagem). Coloque um saco com água gelada sobre o local afetado e procure um Médico Veterinário, principalmente se for mais de uma ferroadada ou o cão manifestar

sinais de alergia. Em caso de ataque por enxames, leve o cão imediatamente ao atendimento veterinário, pois, nesses casos, há um grande risco de morte.

6. Picada de cobras:

Primeiramente tente identificar a cobra que picou o cão (caso tenha presenciado o acidente):

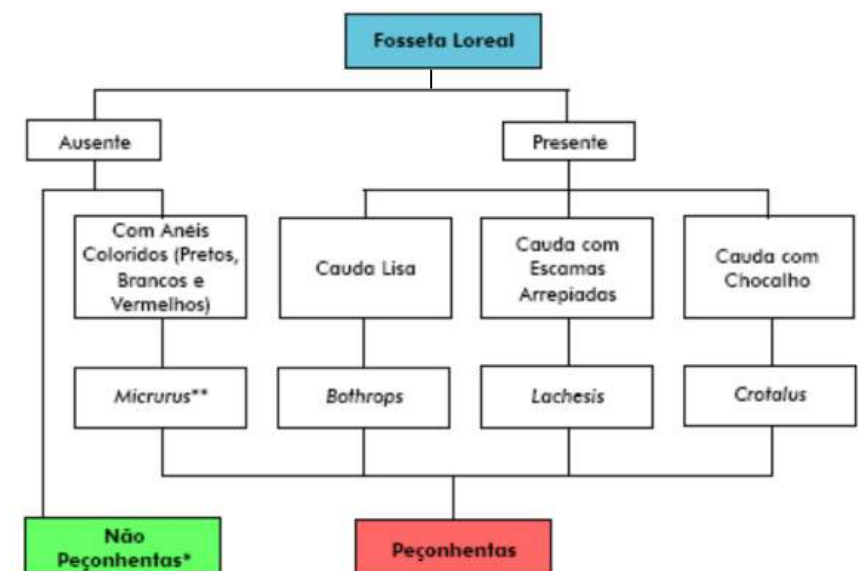
a. *Bothrops*: jararacas, urutus, boipevas, jararacuçu, caiaçacas. Responsável por 90% dos acidentes.

b. *Crotalus*: cascavel, boicininga, maracambóia. Responde por cerca de 8% dos acidentes.

c. *Lachesis*: Surucucus, raros acidentes (Região amazônica e mata atlântica).

d. *Micrurus*: Corais. Têm o veneno considerado mais perigoso (neurotóxico potente). Menos de 1% dos casos de acidentes (baixa agressividade, boca pequena).

Fluxograma para a identificação dos principais gêneros e distinção entre serpentes não peçonhentas e peçonhentas.



* as falsas corais podem apresentar os mesmos padrões de coloração das corais verdadeiras, sendo distinguíveis pela ausência de dente inoculador.

** na Amazônia, ocorrem corais verdadeiras que são desprovidas de anéis vermelhos, podendo apresentar coloração marrom escura tendendo ao negro.

Fonte: Manual de diagnóstico e tratamento de acidentes por animais peçonhentos, FUNASA, 2001.

A importância da identificação do gênero de ofídio causador do acidente é de suma importância, pois possibilita a indicação mais precisa do antiveneno a ser utilizado. Assim como a identificação de acidentes por ofídios não peçonhentos que não necessitam de soroterapia, reduzindo o tempo de hospitalização. (Funasa, 2001)

O quê NÃO FAZER:

Não amarrar ou fazer torniquete no local da picada. O bloqueio da circulação leva à necrose ou gangrena. O sangue deve circular normalmente.

Não tente sugar o veneno, cortar ou furar o local da picada. Cortes feitos sem assepsia favorecem infecções. Alguns venenos (botrópico e laquésico) são hemorrágicos e os cortes favoreceriam mais hemorragias.

Não dê ao cão nenhum tipo de bebida como chás, bebidas alcoólicas, infusões de ervas, café, etc. Tais procedimentos, além de não surtirem efeito, ainda podem agravar o quadro.

O quê FAZER:

Lavar o local da picada com água e sabão, realizar anti-sepsia se possível (soro com povidine, clorexidine, água oxigenada, iodo).

Manter o cão em repouso, deitado e calmo. Agitação e movimentação facilitam a absorção do veneno. Evite que o cão corra, ande ou se locomova por meios próprios.

Deixar que beba água, ou mesmo fornecer água (se o cão estiver totalmente consciente) ou soro caseiro via oral (com auxílio de seringa) para hidratá-lo.

Imediatamente após o acidente o cão deve ser encaminhado a um hospital veterinário de referência para tratamento especializado. A identificação da espécie que causou o acidente é fundamental para orientar a aplicação de soro antiofídico específico, auxiliando sobremaneira no tratamento do animal.

Não sendo possível a identificação, deve-se levar a serpente morta conservada em álcool junto com o animal acidentado para que seja identificada pelo médico veterinário.

Tabela de Manifestações Clínicas dos acidentes por serpentes para identificação

Gênero da serpente	Ação do veneno	Alterações locais	Sintomas e sinais precoces (até 6 horas após o acidente)	Sintomas e sinais tardios (6 a 12 horas após o acidente)
<i>Bothrops</i>	Proteolítica	EVIDENTES	Dor, inchaço, calor, vermelhidão no local da picada, imediatos. Aumento no tempo de coagulação, hemorragias. Choque em casos graves* *Filhotes predomina ação coagulante no veneno (edema e dor quase ausentes)	Bolhas, equimose, necrose, oligúria e anúria (IRA -insuficiência renal aguda)
	Coagulante			
	Hemorrágica			
<i>Lachesis</i>	Proteolítica	DISCRETAS OU AUSENTES	Manifestações clínicas semelhantes aos acidentes de <i>Bothrops</i> . Acrescidas de excitação vagal (bradicardia, hipotensão, diarreia).	
	Coagulante			
	Hemorrágica			
	Neurotóxica			
<i>Crotalus</i>	Miotóxica	DISCRETAS OU AUSENTES	Ptose palpebral (pálébra caída) (fáscies miastênica – neurotóxica), diplopia (visão dupla), oftalmoplegia (olho parado) e visão turva. Insuficiência respiratória em casos graves.	Dor muscular generalizada. Urina marrom ou avermelhada. Edema discreto no local da picada.
	Hemolítica			
	Coagulante		Urina avermelhada	
				Aumento no tempo de coagulação, mas hemorragias ocorrem raramente.
<i>Micrurus</i>	Neurotóxica	DISCRETAS OU AUSENTES	Ptose palpebral (pálébra caída) (fáscies miastênica – neurotóxica), diplopia (visão dupla), oftalmoplegia (olho parado) e visão turva, sialorréia (salivação) dificuldade de deglutição e Insuficiência respiratória aguda de instalação precoce.	

7. Picada de escorpião:

Escorpiões são pouco agressivos e só picam se incomodados (por defesa). Os mais comumente relacionados a acidentes letais são o *Tityus serrulatus* (escorpião amarelo) (é o mais venenoso da América) e *T. bahiensis* (escorpião preto ou marrom). Possuem veneno de constituição e ação complexas. O veneno é neurotóxico tecidual e age com despolarização das membranas e liberação de neurotransmissores e descarga autonômica maciça (efeitos adrenérgicos e colinérgicos em diferentes intensidades), também aumenta a permeabilidade vascular, e também é cardiotoxico direto.

Assim, o quadro clínico é variável, dependendo da predominância dos efeitos adrenérgicos ou colinérgicos. Sintomas: Dor local imediata, que irradia do local da picada, podendo causar paralisção do membro afetado. Sinais locais são raros, e é difícil encontrar o ponto de inoculação (picada). Ocorrem náuseas, vômitos, sialorréia, ansiedade e ou sonolência, respiração acelerada. Há aumento da pressão arterial com posterior queda; vômitos e sudorese; taquiarritmias, taquicardia, bradicardia, bloqueios; edema pulmonar agudo (cardíaco e aumento da permeabilidade vascular), parada respiratória (fibras vagais estimuladas); aumento das secreções gastrointestinais (pancreatite aguda), aumento de motilidade GTI, cólicas abdominais.

Casos graves geram hipotermia, convulsões agitação motora, arritmias cardíacas insuficiência cardíaca congestiva, edema pulmonar agudo, choque coma e óbito.

A instalação do quadro clínico é rápida, assim deve-se procurar tratamento o mais rápido possível. Valem as mesmas recomendações para acidentes ofídicos. Deve-se lavar bem o local da picada, realizar anti-sepsia, manter o animal hidratado (soro caseiro) e procurar um médico veterinário. Não existe soro anti-escorpiônico disponível em medicina veterinária.

8. Picada de aranha:

Acidentes são mais comuns de outubro a abril (ciclo reprodutivo das aranhas). No Brasil o mais comum é causado por *Phoneutria* (armadeira), mas na região sul os acidentes por *Loxosceles* (aranha marrom) são mais freqüentes.

Espécie	Ação do veneno	Sinais e sintomas precoces	Sinais e sintomas tardios (após 12 a 24 horas)
<i>Phoneutria</i> (Armadeira)	Neurotóxica	Dor local intensa e imediata. Irradia pelo membro. Sudorese local, edema local, choque neurogênico em casos graves.	
<i>Lycosa</i> (Aranha de jardim)	Proteolítica	Reação discreta no local da picada	Necrose superficial ou nenhuma reação local
<i>Loxosceles</i> (Aranha marrom)	Proteolítica e Hemolítica	Ausentes ou quase inexistentes -	Eritema (pele vermelha) edema (inchaço), dor local, equimose (arroxeamento da pele). Queimação e dor em 24 hrs. Após dois a cinco dias ocorre formação de úlcera de cicatrização difícil. IRA, urina escura, oligúria (pouca urina), anúria (não urina).
<i>Latrodectus</i> (Viúva Negra)	Neurotóxica (central e periférica)	Dor intensa no local da picada irradiada para o tronco. Contraturas musculares, dor muscular podendo ocorrer convulsões tetânicas. Sialorréia, dor abdominal, insuficiência respiratória e morte	
<i>Pamphobeteus e Grammostola</i> (Caranguejeira)	Pêlos urticantes	Reações de hipersensibilidade (alergias) – prurido cutâneo e nasal, mal-estar, tosse, dispnéia (dificuldade respiratória).	

Independente do tipo de acidente deve-se lavar bem o local da picada, realizar anti-sepsia, manter o animal hidratado (soro caseiro) e procurar rapidamente um médico veterinário para tratamento específico. Procure identificar a espécie que causou o acidente para orientar o tratamento. Não existe soro anti-aracnídeo disponível em medicina veterinária.

COMPORTAMENTO CANINO

“O segredo da educação e do treinamento baseia-se no correto reconhecimento e na adequada utilização dos impulsos presentes disponíveis.”

(Max V. Stephanitz, 1923)

“Se tentarmos seguir as palavras de Stephanitz durante o treinamento de proteção, teremos que reconhecer e utilizar corretamente os dispositivos inatos (impulsos): impulso de caça, de defesa, de agressão (luta), comportamento de fuga e treinabilidade.”

(Helmut Raiser, 1979)

1. SOCIALIZAÇÃO

Ocorre constantemente, tão abrangente quanto toda a vida do nosso animal, desde sua retirada da ninhada (bem próximo ao desmame). Para melhor ilustrar:

*O filhote está num teatro. Ao sair da ninhada, abrem-se as cortinas, tudo que acontecer a partir de então será sua experiência. Todas as experiências serão condensadas em arquivos e estes arquivos serão guardados numa biblioteca existente atrás de si. Quando esta biblioteca estiver pronta, juntamente com a relativa maturidade, o cão a utilizará, como se fosse uma fonte de consulta, de acordo com as diversas situações que vierem a surgir no “palco”. Uma biblioteca bem elaborada e bem diversificada dará ao nosso animal condições de uma melhor pesquisa. O raciocínio de um cão é como uma folha de papel em branco, a cada experiência, uma gravura, um risco um vinco (ou seja, sendo certa ou errada, ficará gravada pra sempre). Devido às limitações impostas pela sua natureza, o animal age por instinto, devemos pois conduzir estes instintos, para que fique em seus arquivos aquela **FOTOGRAFIA POSITIVA**.*

Como a grande maioria dos mamíferos, os cães tendem a um convívio social, dentro de certos parâmetros de hierarquia. Assim sendo, em seu modo básico de raciocínio, desenvolveu capacidades de avaliação e comunicação:

Linguística sonora: manifesta a capacidade dos cães se comunicarem, entendendo os estímulos verbais como notas musicais sequenciadas, assim como expressões corporais podem também sinalizar como uma dança ritual.

Lógica: é capaz de identificar o que pode repelir e o que pode atrair, dentre outros.

Espacial: determina-se através da noção de lugar, de distância, de altura, de profundidade, etc.

Expressão Corporal: refere-se a capacidade de mover o corpo coordenadamente, além de “ler” os demais integrantes daquele momento.

Interpessoal: Capacidade de avaliar o grupo.

Intrapessoal: Capacidade de auto-avaliação.

2. MEMÓRIAS

Para melhor compreensão, dividiremos o sistema de memorização do cão em três:

MEMÓRIA MECÂNICA: Trazida na carga genética de nosso cão, são atitudes tomadas sem explicação aparente, como dar voltas no mesmo lugar antes de se deitar (pelo que sabemos que poderia ser para amassar o capim e inspecionar o local, provendo um melhor conforto, ou ainda, estaria verificando se estaria a salvo de algum inimigo).

MEMÓRIA ASSOCIATIVA: É resultado de experiências vivenciadas pelo animal, como evitar o contato direto com abelhas (é diretamente ligada ao TRABALHO. O cão aprende através do condicionamento, e este vem da repetição contínua e corrigida. Para o trabalho, está ligada a memória seguinte).

MEMÓRIA AFETIVA: Como o nome já define, é ligada aos laços que envolvem seu ambiente, seria seu vínculo com outros seres vivos (de origem animal).

3. CONCEITOS

Fase de estudo complexo e abrangente, cuja abordagem nos obriga a utilizar termos técnicos, tanto para explicar quanto para direcionar condutas no pequeno universo intelectual canino.

Estímulo: é algo que, podendo depender ou não de nossa vontade, induz o cão a apresentar um comportamento.

Resposta: É o comportamento apresentado pelo cão ao estímulo.

Latência: É o período de tempo entre o estímulo e a resposta e entre a Resposta e a Recompensa.

Limiar: É a intensidade de estímulo mínimo necessário para gerar determinada resposta.

Estímulo Aliciador: Quando o estímulo independe de nossa vontade, por exemplo: um gafanhoto na grama, um gato na calçada, a buzina de um carro, um outro cão latindo...

Recompensa: É algo que apresentamos ao cão, após a resposta. Deve valer a pena, do ponto de vista do cão, para que ele faça ou demonstre determinada resposta.

Reforço: É a recompensa (reforço primário) ou a perspectiva da recompensa (reforço secundário), dependendo da situação.

Emparelhamento de estímulos: É a junção de mais de um estímulo para a produção de uma resposta.

O período em que um cão mostra uma determinada conduta e seu reforço ou sua correção não deve ultrapassar dois ou três segundos. Quanto menor o tempo melhor a associação e condicionamento. A punição, preferencialmente deve ser aplicada sobre a intenção (corrigir a intenção de fazer determinado comportamento inadequado). A punição jamais deve ser feita de forma vingativa, com violência, após o ocorrido. O cão não compreenderá e gerará insegurança frente ao seu condutor, dificultando o adestramento. Ignorar o comportamento, não premiar atitudes erradas, frustrando o animal é a melhor forma de “punição” (REFORÇO NEGATIVO) e premiar as corretas (REFORÇO POSITIVO) é o melhor caminho.

Os comandos (estímulos), previamente inseridos nos treinos, induzirão o cão a uma nova atitude comportamental condicionada, podendo ser de prosseguimento, mudança ou de correção de suas atitudes.

Devemos criar o estímulo, por sua finalidade e forma de aplicação, podendo ser Positivo ou Negativo, ambos com diversas formas de configuração e aplicação, com diferentes níveis e modos de resposta. O Emparelhamento de Estímulos (uso de dois ou mais estímulos simultaneamente), bem como a soma de estímulos, pode ser feito para se obter uma conduta específica com menor espaço de tempo e menor número de repetições (podendo ocorrer de um estímulo anular o outro e obter-se um resultado não esperado). Para alcançar êxito com o emparelhamento de estímulos é necessária cautela e critérios de aplicação, assim como sua sistemática de extinção.

Há necessidade de ser cuidadoso com o uso de técnicas e evitar desgaste entre condutor e conduzido. Quando estimulamos, e obtemos a resposta esperada, podemos reforçar mais de uma recompensa a fim de consolidar a resposta e, posteriormente, extinguir o reforço, não o estímulo.

4. TEMPERAMENTO

a. Temperamento Firme: São cães que desde filhotes mostram-se naturalmente desinibidos e tranquilos, demonstrando em situações inusitadas mais curiosidade do que receio, quando adultos são calmos e vigilantes, latem pouco e quando necessário estão sempre próximo aos seus donos, são fáceis de serem ensinados.

b. Temperamento Brincalhão: São cães de gênio alegre, acabam por se tomarem cansativos,

demonstram seu afeto de maneira inconveniente, saltando sobre as pessoas, derrubando tudo, latindo a todo momento, procurando chamar a atenção sobre si. Precisam ser educados primeiro.

c. Temperamento Inseguro: São os cães medrosos, tendem a rapidamente entrar em defesa e demonstrar agressão ou pânico gratuitos.

d. Temperamento Covarde: Mostram com mais evidencia ainda as características do Inseguro, sempre com o rabo entre as pernas.

e. Temperamento Agressivo: São ferozes e de mau caráter, avançam contra tudo e contra todos, com, ou sem provocação. Há muitos treinadores que o relacionam com o Inseguro e com o Inseguro e com o Covarde.

5. ÍNDOLE

Quando o cão nasce, traz sua carga genética (genótipo), que seriam arquivos herdados de seus antepassados. No local onde convive, adquire mais um fator que formará sua índole (fenótipo), que seriam suas próprias experiências.

No decorrer de todo o seu aprendizado, adquirido das experiências. **O resultado da soma de temperamento e aprendizado seria a índole.** Há grandes discordâncias entre estes fatores (genótipo/fenótipo, temperamento/aprendizado/índole), o que é mais importante salientar, existem três fatores: o cão nasce com uma (temperamento, genótipo), soma-se com outra (aprendizado, ambiente) e obtém-se uma terceira (índole, fenótipo).

6. EXPRESSÕES CORPORAIS

a. Postura Neutra: o corpo está relaxado, com a cabeça alta, orelhas para fora ou não, cauda baixa e solta. O animal pode orientar-se para algo de interesse ou simplesmente olhar ao seu redor. Nesta posição, mova-se lentamente em direção ao cão e note em seu comportamento. Vide figura abaixo;



b. Postura Alerta: de orelhas eretas e boca normalmente fechada, a cauda é mantida reta como uma continuação do eixo corporal, a pelagem cervical permanece lisa ou levemente eriçada. Vide figura abaixo;



c. Ameaça combativa (ofensiva): as orelhas estão eretas, nariz (normalmente enrugado quando os dentes estão a mostra); os cantos da boca puxados para trás, em um rosnado; a pelagem cervical lombar e cauda, permanece eriçadas. Apesar do cão poder estar rosnando, mantém sua cauda levantada e abanando. Este cão está pronto ao ataque, devendo-se, portanto, evitar a aproximação (neste caso será conveniente falar-lhe suavemente e em tom constante) ou distancie-se um pouco; evite o confronto de olhar (olhá-lo diretamente nos olhos), pois tal fato representará uma ameaça ao animal; jamais encurrele este animal, deixe espaço suficiente para que ele desloque-se lateralmente, dando-lhe uma leve noção de liberdade; neste caso esta tentativa falhar, tente diminuir sua tensão, distraíndo-o. Não é normal que um cão que está longe de seu território ou lar exiba este tipo de comportamento, observe a figura abaixo:



d. Ameaça submissa (defensiva): as orelhas rebatidas para trás (quase encostadas na cabeça), lábios puxados para trás em um semi-rosnado, o nariz poderá estar enrugado enquanto o cão estiver rosnando, os pêlos do dorso estarão eriçados e o corpo abaixado. O cão normalmente coloca a cauda entre as pernas ou a mantém abaixada, curvada em direção ao eixo corporal, protegendo a sua genitália:



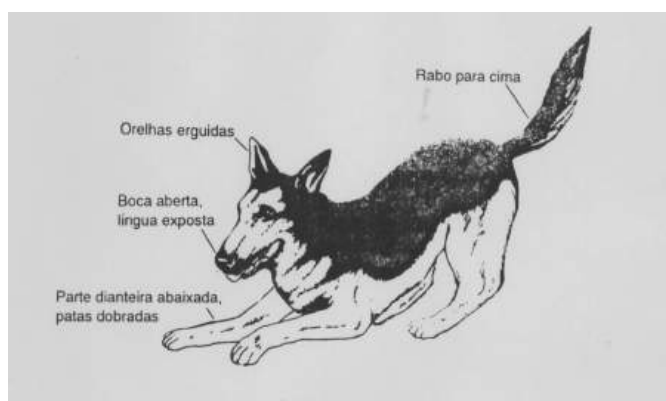
e. Cumprimento (submissão ativa): as orelhas estão para trás, porém soltas; boca bem aberta, cauda para cima abanando; o cão pula com o intuito de lambe seu rosto; pode-se evitar que ele pule, ajoelhando-se em sua frente, caso seja um cão de pequeno porte pegue-o no colo, de forma que o animal possa lambe seu rosto e durante este ritual, faça-lhe carinho e fale algo agradável ao animal, de forma carinhosa. Esta é a maneira que os caninos se cumprimentam:



f. Submissão passiva: o corpo permanece muito baixo, as costas podem até estar arqueadas e o queixo do animal encostando no chão, as orelhas estão para trás e os cantos da boca (comissura labial) puxados (sorriso submisso). Sua cauda encontra-se entre os trens posteriores; o cão normalmente deita-se sobre seu abdome, podendo até urinar, as vezes deita-se de costas, executando movimentos descoordenados, exibindo o pescoço. Este cão deverá ser estimulado a brincadeiras. Após o animal ter demonstrado esse comportamento, o condutor deverá conversar com o animal e não há necessidade de demonstrar sua liderança.



g. Solicitando brincadeiras: o principal sinal é o abaixamento dos trens anteriores; a cauda pode estar alta e abanando; as orelhas para frente e boca aberta (normalmente o cão late constantemente e corre em volta do condutor). Sua expressão facial é típica de brincadeira.



7. COMPORTAMENTOS APRESENTADOS

a. Ameaça e Luta: a mímica da ameaça pela cauda, que se ergue reta, parada, como o mastro de uma bandeira. Ao mesmo tempo, os membros parecem enrijecer-se nas articulações e os outros movimentos são quase coibidos. O cão em atitudes de ameaça parece querer mostrar-se maior do que o fato é, mais corpulento, mais alto: eleva o tronco, eriça os pêlos da cernelha e do dorso.

Se a ameaça é de outro cão, os olhos ficam fixos, a expressão torna-se dura e áspera. Imóveis os dois adversários empenham-se numa prova de força psíquica. Frequentemente a essa altura um dos dois se retrai, não resiste e renuncia a luta, virando a cabeça para um outro ponto, atirando-se ao chão ou recuando-se com a cauda entre as pernas.

Se a ameaça tornar-se mais intenso: as orelhas achatam-se para trás, o canal nasal fica franzido, um rosnado ameaçador sai da garganta, os lábios mostram os dentes, os maxilares rangem. Às vezes, um dos dois raspa o chão com as patas traseiras, talvez para soltar o suor. As caudas dos adversários dispõem-se de modo a cobrir os órgãos genitais. Os rivais aproximam-se, roçando as pelagens eriçadas e esse contato aumenta a exasperação.

Afinal, ombreiam-se e, de súbito, passam as mordidas. Às vezes, sobretudo se não contidos na guia pelos respectivos donos, os lutadores erguem-se sobre as patas traseiras, cada qual tentando morder a garganta, ou colocando as patas dianteiras em sua nuca para derrubá-lo. Geralmente, a luta entre os machos dura pouco, sem chegar ao sangue: as mordidas limitam-se a pelagem.

O canicídio é raríssimo e acidental. A vítima pode ser o cão de pequeno porte, mais imprudente; o matador pode ser o cão grande, cuja força avantajou-se demais em relação ao rival. Entre machos do mesmo porte, logo um deles reconhece a superioridade do outro e faz gesto de rendição: o máximo em matéria de rendição e de reconhecimento de superioridade do outro, é atirar-se ao chão e mostrar o ventre, quase como oferecem ao rival a parte indefesa do corpo: é um gesto frequente dos filhotes.

Se o cão age assim com o dono que o repreende, é preciso imediatamente assumir em relação ao bicho uma atitude afável. O cão diz “rendo-me” e, numa sociedade de cães, o superior aceita sempre a rendição e prontamente renuncia a agressividade. O mesmo deve fazer o homem para que o sinta que a sua linguagem foi compreendida e assim mantenha o equilíbrio psíquico.

Para separar dois cães que estão se mordendo, os respectivos donos devem afastá-los energicamente, puxando-os pelas pernas traseiras ou prendendo-os com braços. Em geral, dois lutadores não escondem sua alegria por se verem separados. Cuide-se, porém, que ambos sejam afastados, e simultaneamente. Se apenas um só é puxado, o outro morde com força redobrada, podendo até ferir gravemente o rival, por outro lado, o cão é puxado pelo dono, nesse meio sendo mordido pelo adversário, perderá naquele instante toda confiança no próprio dono e dificilmente voltará a conquistá-la no futuro. Quanto às fêmeas, que não se contentam como os machos com gestos de submissão ou abandono de território, tem entre elas lutas mais raras, mais repentinas, sem preâmbulos, e cruéis.

A fêmea não defende como o macho um território ou uma hierarquia, mas, idealmente, defende a ninhada (ainda que não a tenha), pois de súbito, ataca a rival com mordidas. Com tudo, muitas das fêmeas convivem pacificamente toda a vida e alimentam os próprios filhotes e os alheios (uma eventual adoção, existem cadelas que até adotam gatos).

Entre machos e fêmeas não é natural ocorrerem lutas de fato, em geral, o macho irritado empurra a fêmea ou a coloca sob seu corpo, mas não a morde com força antes, é ela que pode deixar marcas na pelagem do macho.

Um claro sinal de que dois cães estão em vias de se agredir é que ambos mantêm altas as caudas e as movem lentamente, ou seja, ambos estão se declarando dominadores. Podem ainda sinalizar quando estão se cercando, em atitudes de defesa. Se um dos dois cede, abaixa a cauda rapidamente em sinal de submissão, parando de fitar diretamente os olhos do rival e voltando o olhar para outra direção. Ainda que submetido, não fugirá, para não desencadear no outro o impulso à perseguição;

em geral retrocederá lentamente. Os criadores devem saber que a agressividade é hereditária, por isso, selecionar no sentido de aumentá-la em algumas raças nas quais é conveniente e suprimi-la em outras, nas quais não o é.

b. Farejamento de outro cão: o homem, cujo sentido principal é a visão, observa seus semelhantes em zonas expressivas, como o rosto. O cão, cujo sentido principal é o olfato, cheira seus semelhantes nas partes expressivas a odores, ou seja, a zona anogenital, onde se localizam glândulas cutâneas que secretam substâncias de grandes interesses para o cão, que cheirando, consegue identificar o sexo de outro cão, sua idade, suas condições de saúde e de ânimo. Além disso, o ato de cheirar é indicativo da posição hierárquica. O indivíduo de grau superior dentro da matilha tem direito a verificação ano genital de todos os inferiores.

O encontro entre dois cães ocorre segundo um invariável cerimonial:

- 1) Farejamento recíproco do nariz.
- 2) Contato das suas pelagens: cernelhas e flancos.
- 3) Verificação anogenital, que completa o conhecimento mútuo, cada cão, macho ou fêmea, inspeciona frequentemente sua própria zona ano genital e a limpa lambendo-a cuidadosamente.

c. Arfagem: assim como o homem sua para manter uma constante temperatura corporal, o cão arfa para eliminar o excesso de calor interna, já que não tem na pele glândulas sudoríparas (elas só existem nas plantas dos pés). A termorregulação do cão é feita pela boca. O cão, para seguir seu semelhante em determinado caminho, tem o hábito natural de procurar no solo a pista deixada pelo suor dos pés. Dessa tendência natural derivam algumas de suas atitudes típicas e sua capacidade de seguir pistas humanas ou de caça, conforme sua especialização.

d. Brincadeiras: em todas as fases da vida, o cão é brincalhão: por isso, pode-se adestrá-lo brincando. O filhote brinca da luta de caça, persegue a própria cauda, segura objetos na boca; com apenas 3 ou 4 semanas de vida já começa a brincar. A brincadeira o ensina; brincadeiras e curiosidades são estímulos essenciais. Brincando, o cão adulto libera seus impulsos frequentemente contidos na convivência com o homem. Vale a pena brincar bastante com o filhote destinado ao adestramento, transformando nossas mãos em focinhos que roçam, afagam, empurram, abocanham, derrubam.

Brincar com o homem, colaborar com ele é a alegria máxima para o filhote, que nessas lutas, ainda que de mentira aprenderá que é impossível sobrepujar o dono e, portanto, o aceitará prazerosamente o chefe. Ao contrário, o filhote que, embora brincando, percebe de intimidar o dono, quando adulto se tornará um tirano, pois é da natureza do cão assumir as funções de chefe da matilha, se estas estão vagas. O filhote que está brincando com o dono, aceita de bom grado que o homem interrompa bruscamente a brincadeira por um motivo qualquer; ele faz isto também quando esta brincando com os pais.

Ao contrário, fica confuso, se da brincadeira passa-se à punição, e gera nele um sentimento de insegurança. Por exemplo, se o filhote morde excessivamente a mão do dono (por não saber que possuímos uma estrutura diferente da pelagem de seus pais), pode-se abandonar a brincadeira, mas não bater nele. Pode-se lhe dizer amigavelmente “não”, sem, contudo gritar ou maltratá-lo. Com isso, logo ele aprenderá a moderar sua agressividade natural, e quando adulta, se tornara um excelente auxiliar.

A caça recíproca é um dos jogos preferidos por filhotes e adultos: um assume o papel da caça e foge; em seguida o outro, põe-se imóvel em emboscada, espreitando o companheiro, que então faz às vezes da presa, salta, corre, é perseguido, preso, fica imobilizado. Para o cão, a caça é a brincadeira por excelência e nenhum cão de utilidade, por mais bem adestrado que seja, tem as alegrias de um cão de caça durante as excursões na mata com seu dono ou treinador: O melhor método de treinamento é a brincadeira.

Na matilha, os pais e os adultos ensinam o filhote como se comportar, brincando com ele, premiando-o e repreendendo-o, exercitando sobre ele sua autoridade, modificando-lhe os comportamentos inoportunos e fazendo-lhe superar as dificuldades de que ainda o cãozinho não tem consciência.

e. Caudas: nas diversas raças a cauda assume variadas formas e tipos. Notou-se que, nos cães selvagens, ela é trazida sempre baixa. Um sinal de domesticidade é a cauda voltada em direção a cabeça, como nos vulpinos, nos cães de trenó, em alguns boiadeiros, no chow chow. Segundo alguns cinólogos, trata-se de um indicativo de particular familiaridade com o homem e de boa atitude no adestramento.

Contudo, todas as raças de cães de caça, dos pointer e sabujos aos bassets, tem a cauda baixa e nunca enrolada sobre o dorso, devida à antiga domesticidade e à notável mansidão. Os movimentos de cauda relacionam-se com o olfato e com as glândulas anais, cujo odor distingue cada cão individualmente.

O cão alegre agita-se para fazer que se sinta seu odor; o cão com medo cobre o ânus e o órgão genital, para esconder-se. Há bassets que em momentos de euforia agitam-se não apenas de um lado para o outro, mas, também, com movimentos de hélice. Quanto mais rápida a agitação da cauda, maior a euforia. A observação da cauda em vulpinos permite distinguir uma grande série de estados psicológicos. A cauda do cão de caça durante o trabalho, diz muito para o caçador, numa linguagem espontânea e sempre sincera.

f. Curiosidade: durante toda a vida cão é movido por uma intensa curiosidade, que se manifesta, constantemente, mas sobretudo em ambientes novos. É essa curiosidade que lhe permite mesmo velho, aprender prazerosamente. Quinze dias após o nascimento, o filhote já demonstra grande curiosidade em conhecer tudo que o circunda, cheirando todos os objetos ao se redor.

Os passeios, tão desejados pelo cão, não são somente a oportunidade de correr, mas, sobretudo a possibilidade de interessar-se por várias coisas e, assim, desenvolver a psique juntamente com o físico. Por isso é que muitos cães ficam felizes ao passear, seja de automóvel ou a pé. No cão a curiosidade pode ser definida como atividades exploratórias. Particularmente a curiosidade visual é muito importante. A visão é o sentido que mais ilude o cão.

Note-se, contudo, que o olhar muito atento resulta da eficiência de outros sentidos, que fornecem aos olhos do cão a noção de orientação correta, apesar da debilidade congênita de sua visão. Não se confunda a curiosidade visual com a expressão, pois esta é completamente diferente de uma raça para outra.

g. Dar a pata: o “dar a pata” (esquerda ou direita) que todos os cães aprendem com facilidade, nada tem a ver com o “dar a mão” humano. Trata-se de um gesto inato, que já ocorre entre o filhote outros cães. É um gesto de terna submissão. Ele também pode ser observado em cães adultos, como sinal afetuoso e proposta a brincadeiras, ou como convite ao acasalamento. Mas que dar a pata, é um tocar com pata: ela é posta no focinho ou no pescoço do outro cão.

h. Focinhos e carinhos: tocar com o focinho é gesto carinhoso de afeto. Para obter da mãe o afeto, o filhote empurra com o focinho no canto da boca e a lambe. Quando o cão faz o mesmo com o dono está pedindo afeto. Responder a este carinho com desagrado leve o animal a sentir-se confuso e achar incompreensível seu companheiro humano. Isso diminui a capacidade de adestramento, já que a linguagem do cão não está sendo compreendida.

No período do desmame, a cadela (como as fêmeas do lobo, do chacal, do marreco e de muitas aves) regurgita alimento, parcialmente digerido, e o oferece aos filhotes. Para obter esse regurgitamento, os cãesinhos empurram com o focinho os cantos da boca materna. Quando comemos, nosso cão também nos encosta o focinho.

i. Território: como muitos animais (aves, felinos, roedores), o cão tem o sentido de território. Por isso adverte, no apartamento, guardião do quintal e na grande propriedade. Não admite em seu território e permanece no centro dele, assinalando seus limites com o próprio odor, se renovando frequentemente.

Assim como o pássaro canta e o leão ruge, o cão late para indicar sua supremacia territorial. O território pode ser de um único cão, de um casal ou de toda a matilha. Entrando em território alheio, o cão mostra-se prudente, respeitoso, e evita lutar com seu semelhante, que é o dono do lugar; se este chega, o estranho não o fita, finge estar preocupado com outra coisa, afasta-se com dignidade.

Frequentemente, o limite do território é demarcado por obstáculos ou pontos nítidos, assinalados pelo cão, sendo uma zona de interesse que o cão defende. Para o cão de vilarejo, esse espaço será a zona de suas incursões, de seus passeios com o dono. Para o cão de cidade, será o parque público ou os terrenos de periferia. É por isso que, ao passear, o macho urina quase sempre junto às mesmas árvores, postes e quinas de muro. Já a cadela não marca com sua urina os limites territoriais nem coloca indicações no caminho, salvo quando está no cio; nesta ocasião da urina mais frequentemente, para indicar sua disponibilidade aos machos da vizinhança.

j. Micção: quando quer simplesmente urinar, deixa sair o líquido uniformemente. Do contrário, com urinação branca e frequente em pequenos jatos, o macho pretende indicar aos outros cães ou animais os limites de seu território; deixa-lhes uma mensagem encontrando-se fora de seu território (como muitas vezes ocorrem com o cão da cidade), o macho indica sua passagem borrifando, preferencialmente as pistas odorosas de seus semelhantes, o cão indica também seu porte e vigor. Dessas marcas odorosas outro cão pode extrair muitas informações sobre o cão que o precedeu, ou em cujo território penetrou: sexo, idade, condições de saúde e assim por diante.

l. Hierarquia: como em toda espécie humana existem líderes e liderados, na natureza canina os que vivem em matilha são levados a se adaptar em bandos, e através desse convívio com a hierarquia. Nas ninhadas, nos canis, entre os cães selvagens, entre os que vivem em bandos nos logradouros ou na periferia das grandes cidades, forma-se uma escola social, dominada por um cão chefe, geralmente o macho mais velho. Ele tem direito a verificação ano genital e a urinação em ponto alto.

Se o cão chefe, por qualquer razão (por exemplo, direito de ser o primeiro a comer), rosna contra um inferior, frequentemente este rosna contra um outro inferior a si; sem qualquer motivo. O cão, mais ainda que o homem, tem necessidade de controlar e superar os conflitos com a sociedade em que vive. Por isso, muitas vezes um cão prefere viver em canil (onde tudo é claro, onde os outros cães entendem sua linguagem), a viver numa casa de seres humanos (onde tudo lhe é incompreensível, e ele próprio incompreendido).

Constituem gestos de reconhecimento de superioridade hierárquica de outro macho: deixar-se inspecionar sem inspecionar, não urinar sobre a urina do outro, abanar a cauda enquanto o outro rosna, desviar a cabeça, propor brincadeiras, recuar, sentar ou deitar, ficar parado enquanto o superior se afasta. Atitude análoga em relação ao homem significam que o cão o reconhece como seu chefe.

m. Imitação: embora susceptível vendo o comportamento de seus semelhantes, o cão não é, contudo, um animal imitador por excelência, como os carneiros em rebanho, certos pássaros em bando, alguns peixes em cardume, animais que se movem em conjuntamente na mesma direção.

O cão usa prioritariamente a experiência vivida, ou seja, repete aquilo que a experiência lhe indicou como conveniente e rejeita o que ela lhe indicou como inconveniente. Por isso é que é fácil adestrá-lo. Mas também suas faculdades imitativas baseia-se em impulsos profundos. Se o cão vê outro abrir a tranca de uma porta, não o imita; contudo, o jovem logo imita o trabalho do bom cão

pastor. Caçar ou conduzir rebanhos constituem, muitas vezes, a impulsos irresistíveis.

n. Lambidas: desde o nascimento o cão é lambido. Lamber é um ato de limpeza. Os cães lambem-se afetuosamente uns aos outros e limpam-se a si mesmo, lambendo os locais sujos ou feridos. Lamber é um gesto afetivo e amigável.

o. Montada: o gesto de montar no dorso do outro cão não é reservado exclusivamente ao acasalamento macho e fêmea, que podem ocorrer nos poucos dias e horas no período do cio da fêmea. É um gesto que se verifica também nos filhotes, enquanto significa uma brincadeira que em determinado momento envolve a área genital entre dois machos que brincam; muitas vezes se observa a cópula simulada, contudo, sem ereção. Nesse caso trata-se de uma tentativa de estabelecer a superioridade sobre o companheiro que, frequentemente, não a aceita, rosna e procura trocar os papéis para ele próprio assumir a posição de montada.

Outros machos não se atacam, aceitando assim uma condição inferior na escala hierárquica. Os machos são agressivos ao defender seu território, não lutam entre si, contudo, quando a fêmea está no cio no momento em que ela aceita a montada, cortejam-na em torno, deixando a ela a escolha. Às vezes a fêmea simula uma fuga, dá voltas e senta com a cauda erguida. Algumas aceitam vários machos em seguida, mas, tão logo sente-se fecundada, repelem-nos à mordidas. Por sua vez, os machos cheirando a fêmea, dão-se conta de que o cio terminou, vão-se embora.

Entre gestos “sedutores” da fêmea estão o roçar suave do corpo do macho e pôr-se imóvel com a cauda altíssima, e como última instigação, o montar no macho, como para induzi-lo a cópula efetiva. A montada entre os machos é observada também entre outros mamíferos (bois no pasto).

p. Simpatia: o cão dá sinais de simpatia por algumas pessoas e de antipatia por outras. O cão só não se deixa acariciar por alguns e não por outros, como late para certas pessoas que passam e abana a cauda para outras. Houve alguns nomes célebres que só confiavam em quem era simpático com seu cão.

q. Sociabilidade: a sociabilidade de um cão depende em grande parte dos primeiros contatos com o homem, entre os 20 e os 50 dias de vida; é o período chamado **IMPRINTING**, se o contato com o homem falta durante este tempo, o cão permaneceu para sempre pouco sociável. A sociabilidade natural pode ser observada nos vilarejos onde frequentemente se vêem cães formarem grupinhos que cordialmente passeiam. Também os SRD das cidades saem em grupos e só voltam para casa a noite para comer e dormir. O cão é facilmente sociável com outros animais domésticos: gatos, cavalos, galinhas, coelhos.

r. Sono: no sono o cão adulto não deseja contato, com outros, prefere estar isolado. Já o filhote tem sempre necessidade (na ausência da mãe ou dos irmãos) de estar cima de algo peludo, macio e quente, caso contrário, reclama sem parar. Para dormir o cão enrosca-se todo de modo a proteger suas áreas mais sensíveis: tórax, abdômen órgãos genitais. Os cães esquimós, nessa posição, dormem sob a neve. No sono, o cão se mexe. Desde pequenino, enquanto dorme, ele às vezes estremece a perna e as orelhas. Quando adulto agita-se durante o sono, geme, rosna e etc. Se for acordado neste momento, mostra olhos aturdidos, tem certa dificuldade de passar do sono a vigília. Antes de se acomodar em seu leito, o cão dorme enrolado e dá algumas voltas sobre si mesmo. Por muito, este gesto considerado instintivo, é uma recordação dos primórdios quando para de dormir o cão nivela o mato para preparar um bom leito. Estas voltas têm por finalidade achar a curvatura adequada da espinha dorsal: se esta ficou cansada ou dolorida devido a longa caminhada, antes de achar a posição conveniente, o cão precisa procurá-la bastante, tal como nós, quando vamos deitar exaustos e ficamos mudando a posição do corpo na cama, até ajustá-lo a nosso gosto. Durante o sono, o cão tende a apontar a cabeça em direção a porta de sua casinha ou do cômodo em que dorme.

8. IMPULSOS CONGÊNITOS NECESSÁRIOS PARA O TREINAMENTO DE PROTEÇÃO

Texto baseado na obra Der Schutzhund de Helmut Haiser

O significado do termo “impulso” denota parte de um desejo inerente que tem como intensão a manutenção da vida e da espécie.

Impulso de caça (Prey Drive): é um comportamento funcional de aquisição de alimento. O estímulo disparador de tal impulso é o movimento da presa em fuga (movimentação similar a animal caçado, fugindo em pânico). A meta é pegar a presa e abatê-la: reações instintivas disparadas são a caça à presa, sua captura, mordendo-a e levando-a para baixo, chacoalhando-a. Se a mordida é fraca a presa escapa ou tenta escapar. Se morde forte a presa se entrega.

É um impulso congênito (herdado geneticamente) presente no filhote, que deve ser treinado nele a partir de 3 meses, promovendo-o e intensificando-o com a maturidade.

É o primeiro impulso empregado para o treino de cães, ao perseguir o figurante (caça, e deve atuar imitando uma caça, fugindo com pânico e medo, construindo o ego do cão e reforçando seu impulso, deixando o cão vencer se morder adequadamente) mordê-lo e agarrar ele.

Está sujeito a estímulos específicos (de disparadas) bem como à exaustão por ação específica. (pode mitigar no cão se treinado à exaustão, principalmente no filhote, e este ficar desinteressado).
CUIDADO COM OS EXCESSOS DE TREINO DE FILHOTES.

Impulso de defesa: é um comportamento funcional do comportamento agressivo que pode ocorrer em conjunto com diversos outros comportamentos (rituais de ameaças, mímicas faciais, rosnados, latidos, agressividade defensiva e mordidas são típicos comportamentos defensivos). O estímulo disparador que coloca o cão em comportamento defensivo é uma ameaça física e/ ou psicológica ou ameaça aberta. A meta é o comportamento de fuga do atacante, via sua intimidação (colocar o figurante amedrontado pela reação de defesa, colocá-lo em fuga).

Estímulos que disparam comportamento defensivo:

- Quando após caçar o cão tenta defender ou guardar a sua presa do oponente (outro cão ou figurante).
- Guarda / defesa de território, da matilha (canina ou humana ou rebanho animal), da prole (filhotes) contra invasor / oponente.
- Situações sociais dos cães (ou da relação cão-homem) para estabelecer hierarquia (obtenção ou manutenção de privilégios como território, espaço pessoal, defesa contra não familiares e defesa própria - mordedor por medo).

É um impulso que faz parte do comportamento combativo do cão (p.ex. o contra-ataque feito pelo cão ao ser ameaçado ou estressado psicologicamente ou fisicamente. Deverá ser treinado para formar um cão combatente, sem medo de ameaças e reagindo agressivamente a essas, acostu7mando-se a essas.

O impulso de defesa não é sujeito a estímulo específico (são vários os estímulos disparadores) e nem à exaustão da ação específica (o cão sempre irá defender-se, ou combatendo ou fugindo em comportamento de fuga seu).

Em geral, na maioria das vezes em cães de nervos fracos, o comportamento defensivo é voltado à fuga e não ao combate, a não ser que algo o force ao combate (caça ou ser encurralado sem escapatória... morderá por medo, escapará para frente em investida violenta e agressiva contra o opressor). O figurante deve ter muita cautela para não colocar o cão em fuga. Deve aos poucos ir trabalhando a defesa voltada para o combate. Cães confiantes, de nervos fortes, tem limite alto para o disparo do comportamento de fuga (corajosos), irão demonstrar comportamento de defesa ao invés de fuga mais frequentemente.

Há uma relação antagônica entre o impulso de defesa e o comportamento de fuga... Ambos são

disparados pelos mesmos estímulos. O cão decidirá se foge ou fica e luta. Dependendo dos nervos do cão, mas principalmente do estímulo aplicado pelo figurante (desafiante opressor) ele fará um ou outro. Isso coloca um grande PERIGO ao cão e condutor, pois se o treino da defesa for inadequado, feito antes da hora, antes do cão estar maduro o suficiente para lidar com a defesa, o impulso de defesa será voltado para o comportamento de fuga (o cão se vira, coloca o rabo entre as pernas e foge), o cão atingirá sua meta (afastando-se do figurante ou opressor, obtendo segurança física e pessoal fugindo do inimigo ou ameaça) e esse comportamento será reforçado por isso. O cão pode virar um covarde, estimulando-se um comportamento submisso e de inferioridade!

O temperamento e a confiança do agressor (figurante) e do ameaçado (cão) são os fatores que ditarão o que ocorrerá : Comportamento de defesa ou comportamento de fuga.

A ameaça deve ser trabalhada de forma delicada e gradual, de acordo com cada cão, somente a partir de 1 ano ou até mesmo 3 anos de idade do cão (dependendo do caso). É necessário uso de agressão e ameaça, com doses cuidadosas, com propósito de produzir comportamento defensivo (combate) ao invés de comportamento de fuga. É importante que se saiba quais ações do figurante cada cão reconhece como ameaça aberta, e o figurante deve usar tais ações de forma sempre a produzir comportamento desejado no cão, recompensando-o com a derrota do figurante (cão atinge a meta dele) e fortalecimento do comportamento.

É de extrema importância que o figurante NUNCA ameça o cão de forma muito confiante. Deve ser uma ameaça amedrontada, com misto de emoções de medo e agressão. Quanto mais inseguro o figurante age ao ameaçar o cão, mais confiante o cão irá mostrar sua defesa.

Tipos de ameaça : Olhar fixo e penetrante, supressão de gestos de saudação (por outros cães ou humanos ao entrarem ou aproximarem-se da matilha, urina marcando território, tentativas de roubo ou roubo da caça, agressão aberta. Somente cães confiantes e maduros responderão à ameaça aberta com comportamento defensivo. Cães muito confiantes e de nervos fortes podem ser estressados mais pesadamente no impulso de defesa sem demonstrarem comportamento de fuga.

Influências e estímulos exagerados por parte do figurante ou condutor em conjunto para a promoção de comportamento defensivo (promoção do impulso de defesa) coloca um extremo estresse nervoso para o cão. Tal estresse pode levar a uma sobrecarga no sistema nervoso e hormonal do canino, podendo ser fatal para a sobrevivência do cão ou gerar distúrbios comportamentais por estresse.

Deve-se administrar doses homeopáticas de promoção de impulso de defesa numa base individual, não muito forte, beneficiando o cão disto, evitando sobrecarga e otimizando o desempenho por desafio de cada cão.

Impulso de agressão: É um termo mais completo que envolve a forma reativa (reagindo a agressão com impulso de defesa) e a forma ativa (agressão social: agressão para subjugar e dominar o figurante com intuito de hierarquia, feito por cães dominantes "alfa").

Ocorre por vários modos: Por resposta psicológica aprendida nas fases mais novas do desenvolvimento, por imitação ou experiência de sucesso, ambientes estressantes durante a fase do filhote. Por agressão frustrada, agressão com experiências de frustração em conjunto com outros impulsos. Agressão por impulso herdado geneticamente. A Agressão é resultado, em geral dos três fatores envolvidos. Cães ficam agressivos com os pares ou com humanos por um desenvolvimento não natural em sua juventude (falta de socialização, frustrações, estresse, privações, isolamento), diminuindo o limite de disparo do comportamento agressivo (a agressão expressa-se mais facilmente).

A meta do impulso de agressão social é o comportamento de fuga, submissão e injúria física ou mesmo morte do rival (figurante ou outro cão), assegurando seu território ou da matilha.

Este impulso deve ser trabalhado no cão, treinado, praticando jogos, amadurecendo-o, aflorando as habilidades genéticas do cão ao longo da idade e maturação. Mantendo-o em alto posto hierárquico sua confiança própria crescerá, com a certeza da vitória sobre o figurante, crescendo

então a intensidade da agressão. Em cães duros a agressão pode ser aumentada através da dor (colar de garra ou de choque).

Assim como ocorre no comportamento de defesa, o limite do estímulo que dispara o comportamento de agressão é menor em lugares em que o animal se sente mais seguro (é agressivo mais facilmente em seu território, em seu QG).

Fatores que influenciam fortemente a agressão:

- A amizade pessoal (figurante com o cão) bloqueia a agressão.
- A aceitação pacífica pelo figurante (sem demonstrar dor, submissão, fuga, sem se impressionar) da agressão realizada pelo cão causa profunda impressão (negativa) e insegurança no cão.

Cães muito agressivos, excessivamente confiantes, tem reduzida capacidade de aprendizado. Agressão e medo andam de mãos dadas, atuando em extremo estresse no cão por conflito de impulsos, liberando hormônios excessivamente, entrando numa espécie de transe, bloqueado a capacidade de ouvir, de sentir dor (não sentem a punição do condutor, que até os estimula mais) e, conseqüentemente, de aprender.

Impulso de luta: É um impulso relacionado ao impulso por jogos (Play Drive), implica em um esforço para dominar e destruir o adversário e, ao mesmo tempo, presenciar o perigo que o embate (luta) causa a si próprio.

Diferente do impulso de agressão, onde a função de sustentação da vida está em primeiro lugar, sendo as lutas evitadas até o final por meio de rituais. O impulso de luta é um comportamento muito desejável em um cão de trabalho. Cães com este impulso terão uma luta, combate, "alegre" prazeroso, com menos estresse, aprendendo mais rapidamente e respondendo a comandos por terem mais treinabilidade. Ele luta relativamente não estressado, não se sentindo constantemente ameaçado ou lutando por sua vida. Ele procurará a luta com o figurante espontaneamente.

O impulso de luta é, assim, uma extensão do impulso de jogos. O impulso de luta está relacionado ao impulso de caça. Cães com impulso de luta pronunciado, em geral, também tem o de caça pronunciado. Pois fazer uma presa é um ato passional instintivo, que não ameaça a a vida do cão, não o estressa de uma maneira que dispare o impulso de fuga.

Entretanto, outro componente do impulso de luta é a agressividade social. O cão deve ver o figurante como um oponente, um rival no jogo. O objeto da competição será a caça (depende do impulso de caça pronunciado) e a motivação social (cão tipo dominante) que busca subjugar o figurante.

Assim, para promover o impulso de luta do cão o impulso de caça deve ser fortalecido e o de defesa deve ser construído (com cautela e muito tato). O cão deve aprender a ganhar a caça através da luta, e também a defendê-la. Bem como deve aprender a defender a si mesmo contra o figurante. Por fim ele deve experimentar que ele pode dominar e intimidar o figurante.

Como o impulso de luta depende da construção do impulso de defesa, um cão com um ano de idade obviamente não tem o impulso de luta adequadamente formado. O impulso de defesa e os aspectos do Impulso de agressão amadurecem mais tarde com a idade (2-3 anos). A confiança própria só se desenvolve com o decorrer da idade.

10. CAPACIDADES SENSORIAIS

a. Visão: o olhar canino é rico de significados. Se o cão nos fita diretamente nos olhos, mantém conosco uma relação de entendimento e segurança; se nunca fita nos olhos, está querendo dizer não conseguimos entender sua linguagem e estabelecer com ele uma relação adequada de colaboração. Desloca-se continuamente o olhar de um ponto a outro, está dizendo que teme, não que ama. Se um cão desconhecido assume atitude ameaçadora, observando com olhar particularmente fixo significa que está pronto a nos morder a qualquer mínimo movimento que façamos: é melhor então

permaneceremos imóveis.

b. Paladar: no cão, como nas pessoas, o paladar é um sentido diferente do olfato (este é muito mais sensível e capaz de identificar variações). O cão come depressa demais, sem degustar, engole e pouco percebe o sabor, se este não tiver ligado ao odor. Para o cão, bem como para o homem, a quatro sabores fundamentais, a saber: doce, amargo, salgado e ácido.

c. Tato: A sensibilidade tátil é representada por sensações de contato ou de pressão, que no cão ocorre no pelo, na pele e nas mucosas. Entre as sensações táteis estão as cócegas. A sensibilidade tátil é intensa em cada pelo, sobre tudo em volta dos folículos. O tato é estimulado por correntes elétricas, pelas condições térmicas, talvez também por magnetismo terrestre. A sensação tátil pode prolongar-se por algum tempo, mesmo depois que o estímulo cessou. Enquanto o tato humano é muito reduzido devido às condições de vida impróprias para incrementá-lo ao vestuário e ao pouco uso do cão, ele tem grande importância. De fato este animal vive constantemente próximo ao belo, do qual recebe numerosas indicações. Para avaliar a importância do tato para o cão e sua linguagem (por exemplo, o colocar-se a roer o corpo, a lamber-se) veja-se o valor das carícias no adestramento.

d. Olfato: É o principal sentido canino. Em outros mamíferos, por exemplo, o macaco, ele é ao contrário, fraco e secundário. O olfato permite compreender atitudes do animal e interpretá-las como linguagem. Já o recém nascido é capaz de perceber todos os odores. Toda a vida do cão transcorre em meios de impressões olfativas, tal como a do homem em meio de impressões visuais e a do golfinho em meio as impressões sonoras.

Trata-se de um olfato de carnívoros, motivo pelo qual o cão é mais sensível a odores animais que odores vegetais, o que explica muitos de seus comportamentos e possibilita melhor compreensão de sua linguagem. Diversamente de nós que “pensamos” com olhos, que vemos como um conjunto de cores, volumes e perspectivas, o cão “pensa” com o nariz e vê o mundo como linhas, sulcos, espirais entrecruzamentos, odorosos e rastros perfumados, sopros aromáticos plenos de significados locais circundados por fragrâncias, coisas cheirosas, odorosas de animais, vegetais e homem cada qual distinta por características próprias.

A ponta do nariz do cão é úmida, para melhor reter as partículas odorosas em suspensão no ar; por isso ele pode perceber indícios de caça até 200 a 300 metros de distancia, farejar o homem a 400 e 500 metros; reconhecer num monte de pedras uma única que tenha sido segura por apenas 2 segundos por homem. Enquanto a visão capta o mundo no momento em que o vemos o olfato do cão permite-lhe também com acontecimentos anteriores, por exemplo, cheirando a roupa, o fuzil, a sacola, o pneu do carro, não sabe por onde o dono passou, onde o fuzil e a sacola estiveram, que terreno o carro percorreu, os pontos em que a caça andou. Excitação olfativa máxima é onde a cadela no cio: pode ser captada a distancias quilométricas e pode levar os machos a percursos de dias e noites consecutivas.

e. Audição: depois do olfato, a audição é o principal sentido, canonizada decorre uma mobilidade das orelhas que, frequentemente, indica sentimentos e que, portanto, pode facilitar a compreensão do cão. É importante poupar os filhotes de barulhos excessivos, estampidos, gritos, e assim por diante. Esses sustos sonoros na primeira infância podem provocar medos permanentes em relação a alguns sons, com graves consequências para o uso do cão adestrado. O ouvido do cão é dezesseis vezes mais apurado que o nosso. Ruídos que ouvimos no máximo a 100 metros são percebidos pelo cão a um 1,5 Km. Ele distingue o ponto de origem do som e avalia sua distancia muito melhor que nós. Muitas vezes o cão parece ficar alerta ou latir por nada, pode ocorrer que ele esteja ouvindo ultra-sons imperceptíveis a nosso ouvido. Pode-se adestrar o cão para qualquer fim com apitos chamados "silenciosos".

11. FILHOTE

Cabe aqui uma advertência, não comprar cães de ascendência obscura, pois jamais poderá prever se o filhote de uma semana crescerá até atingir o tamanho de um *fox* ou de um *dog* alemão. Não poderá saber se ele será um mordedor ou terá um caráter mesquinho. Mas de uma coisa esteja certo: nascido de um acasalamento casual, apenas se pode esperar um vira-lata.

Não queremos afirmar, contudo, que um cão de pais desconhecidos não possa somar méritos dignos dos mais calorosos elogios. E não há como negar o número incalculável desses seres abandonados e não aceitos pelas congregações cinófilas, e que conseguiram conquistar tantos corações, alegrar tantas crianças e consolar tantas almas solitárias.

Um comportamento de um cão adolescente ou adulto, é percebido desde suas primeiras semanas. Talvez em cães de outra categoria, este comportamento não tenha tanta importância e tão sério, porém em se tratando de cães da categoria de guarda as consequências podem ser muito graves. Porém você deve observar alguns aspectos importantes, que contribuirão para o êxito ou fracasso da sua futura missão:

Em apenas 15 meses, seu filhote passa da infância para fase em que se torna um jovem adulto, o que representa um crescimento rápido e intenso, mostrando a importância do seu primeiro ano. Somente você, o proprietário do filhote, pode assegurar a educação plena do seu cão, permitindo-lhe que cresça física e mentalmente. Nesses doze primeiros meses você terá oportunidade de proporcionar-lhe uma vida de inteira saúde, um físico forte e sólido, pelagem lustrosa, olhos vivos e dentes bem fortes.

É importante você iniciar com amor e firmeza a disciplina e treinamento de seu filhote. Isso irá ajudá-lo a tomar seu cão feliz, merecedor de toda confiança e bem comportado.

Texto complementar 1

Como o cão aprende

Sergio de Oliveira
Presidente da Sociedade Valeparaibana Cães Pastores Alemães

“A única coisa em que dois treinadores de cães concordam é que um terceiro está errado”

A frase acima é uma brincadeira bem conhecida entre os que lidam com cães e ilustra muito bem a diversidade de métodos usados pelos treinadores. Algumas vezes estes métodos aparentam ser conflitantes entre si. Como cada cão é um ser de características únicas, a diversidade de métodos se justifica. Entretanto, para serem eficazes, os métodos precisam estar baseados na mesma premissa: o conhecimento dos mecanismos de aprendizado dos cães. O treinador tem que ir além dos métodos e chegar a esta fonte de conhecimento.

As bases do aprendizado canino são fundamentadas no condicionamento clássico e no condicionamento instrumental. Com estes dois conceitos entendidos, mais criatividade e um pouco de sensibilidade, podemos fazer quase tudo em adestramento.

Condicionamento clássico:

Consiste na substituição de estímulos. Ivan P. Pavlov (1849/1936), fisiólogo russo, quando estudava a atividade digestiva dos cães, descobriu que apenas o som de seus passos no laboratório, repetidas vezes associados à carne que era apresentada aos cães, provocava a salivação destes. Este cientista verificou então que “Um estímulo, antes neutro, adquire o poder de provocar a resposta que originalmente era provocada por outro estímulo” :

A) COMIDA = SALIVAÇÃO

- Comida é chamada de estímulo incondicionado
- Salivação é a resposta incondicionada, pois é provocada pelo estímulo incondicionado.

B) COMIDA + SOM DE PASSOS = SALIVAÇÃO (CONDICIONAMENTO)

- Som de passos é chamado de estímulo neutro pois a princípio não tem nenhum significado para o cão.

Após várias repetições do condicionamento do item B acima, o som de passos, antes um estímulo neutro, passa a produzir como a resposta, a salivação :

C) SOM DE PASSOS = SALIVAÇÃO (RESPOSTA CONDICIONADA)

- Som de passos transformou-se em estímulo condicionado pois agora produz a resposta que antes era produzida apenas pela comida.

Este é o princípio do condicionamento clássico.

Em nosso trabalho com os cães podemos usar o seguinte exemplo: apresentamos um brinquedo para o cão, falamos uma palavra "X" e ele se excitará, não por causa desta palavra mas por causa do brinquedo.

BRINQUEDO + PALAVRA "X" = EXCITAÇÃO

Depois do condicionamento :

PALAVRA "X" = EXCITAÇÃO

A partir daí o brinquedo passa a ser um reforço para manter o condicionamento, devendo aparecer quase todas as vezes que se fala a palavra "x", caso contrário este condicionamento irá se enfraquecendo.

Através do condicionamento clássico podemos, entre outras coisas, manipular o estado de ânimo e a atitude do cão. Por exemplo: apenas usando a voz fazer com que ele tenha o entusiasmo e a atitude correta para o trabalho.

Determinantes da força do condicionamento:

- Quanto maior o número e frequência das associações de estímulos, maior o condicionamento. Ou seja, quanto maior o número de vezes que o exercício de condicionamento for repetido melhor sua eficiência.
- Na fase de condicionamento, o estímulo neutro deve sempre preceder o estímulo incondicionado. Ou seja, no exemplo acima a palavra "x" deve sempre preceder a apresentação do brinquedo.
- Quanto menor o tempo decorrido entre um estímulo neutro e um incondicionado, mais eficiente será o condicionamento. Usando o mesmo exemplo acima, após dizer a palavra "x" o brinquedo deve ser dado no menor intervalo de tempo possível.

Condicionamento Instrumental (operante):

Edward Lee Thorndike (1874/1949) foi um dos cientistas que estabeleceu a base do condicionamento instrumental ou operante. No que se refere a nós, treinadores de cães, este princípio pode ser singelamente resumido em "aprendizagem por consequências recompensadoras" Por exemplo, quando se ensina a um cão os comandos básicos oferecendo comida como prêmio (reforço) pelo exercício bem-feito, após algumas repetições o cão saberá que para atingir seu desejo (comida) precisará executar corretamente determinado exercício. Desta forma o cão faz determinado exercício sabendo que esta atitude é um instrumento para fazer vir o reforço desejado (comida, brinquedo, etc.)

Fatores que influenciam a força do condicionamento:

- quantidade e frequência de reforço administrado e suas variações.
- O valor do incentivo ou da motivação que o reforço exerce sobre o cão.
- A demora na administração do reforço.

No adestramento atual, o condicionamento clássico é bastante usado para manipular o estado de

ânimo e atitude do cão, enquanto o condicionamento instrumental está mais ligado ao ensino da técnica.

Mais alguns conceitos importantes :

É importante também o conhecimento de que o processo de aprendizagem envolve :

ESTÍMULO – COMPORTAMENTO – CONSEQÜÊNCIA

O Estímulo pode ser, por exemplo, o comando de voz do condutor, ou o movimento do figurante. Este estímulo provocará um comportamento no cão (desejado ou não), seguido necessariamente de uma consequência (reforçadora ou inibidora) do comportamento apresentado. O reforço ou inibição consequente deve ser apresentado ao cão imediatamente após o comportamento apresentado. Caso contrário, a consequência não será associada ao comportamento precedente. Vale o exemplo de que um petisco dado ao cão vários segundos após ele ter executado um exercício corretamente não trará associação para o cão entre o exercício executado e a comida. Outro ponto de muita importância é que o reforço ou inibição depende muitas vezes da perspectiva de cada cão. Uma mesma ação que pode estar gerando reforço em um cão pode estar sendo inibidora para outro. Por isto é fundamental sempre basearmos nossas avaliações na única coisa que é palpável para nós: o comportamento.

Vejam os:

Ação reforçadora: tende a reforçar o comportamento desejado tanto em intensidade quanto em quantidade.

Ação inibidora: tende a inibir o comportamento indesejado tanto em intensidade quanto em quantidade.

Desta forma, se o emprego de uma ação que a princípio acredita-se ser reforçadora de um comportamento tem como consequência a diminuição do mesmo, então, para a perspectiva do cão em questão, a ação empregada está sendo inibidora.

Conclusão:

Não se pretendeu com o presente artigo entrar em detalhes acadêmicos sobre comportamento ou psicologia animal, nem esgotar o assunto do ponto de vista do treinamento de cães. Pretendeu-se abordar pontos julgados importantes e que devem ser conhecidos por todo bom adestrador. Não se pode “visualizar” os impulsos que movem o cão, nem se pode saber o que se passa em seu interior, o que realmente está acessível é o seu comportamento. Se no treinamento os objetivos estão sendo atingidos, moldando-se o comportamento do cão de forma desejada, os estímulos reforçadores e inibidores estão sendo usados de forma correta. Caso contrário, é necessário rever o método, usando-se como base o que realmente importa: nosso conhecimento atual de como o cão aprende.

Texto complementar 2

Socializar é preciso

*Sergio de Oliveira
Presidente da Sociedade Valeparaibana Cães Pastores Alemães*

Existe coisa mais patética do que uma pessoa “passeando” com seu cão pela rua e o dito cujo querendo morder a tudo e a todos, assustado com barulho de carros, quase se enforcando de tanto puxar a própria guia, as pessoas que caminham na calçada tendo que atravessar a rua, apavoradas com aquela verdadeira cena de terror, etc, etc ? Difícil não é?

Esta cena, além de ser uma situação bem comum, envolve grande risco aos transeuntes, ao dono do animal e ao próprio cão. Como evitar? A palavra é **SOCIALIZAÇÃO!**

Poucas pessoas sabem da importância da socialização de seu cão. Pois bem, pretende-se nestas linhas tentar esclarecer alguns aspectos desta socialização.

Socializar um cão é fazê-lo interagir com os seres humanos e com o ambiente onde vivem os humanos, da forma mais natural possível.

Os benefícios são inúmeros, tanto para o cão e seu dono quanto para a comunidade em geral. Com um cão socializado adequadamente, o risco de acidentes como agressões sem motivo a pessoas ou outros animais são muito menores, podendo mesmo ser nulo dependendo do temperamento do cão. Pois bem, o processo de socialização do cão é bastante simples. Tudo começa com o filhote. Quanto mais cedo este processo se inicia, mais rápido e melhor serão os resultados. A ideia básica é expor o animal ao ambiente humano progressivamente, de forma que ele se sinta perfeitamente à vontade neste meio. Lembre-se que o ambiente em que vivemos compreende outras pessoas, eventualmente multidões, sons de diversas tonalidades e intensidades, odores variados, pisos de diversas rugosidades, escadas, automóveis, florestas, etc. Enfim nosso ambiente é bem variado e é importante, por motivos de segurança até, adaptarmos nosso cão a ele.

Esta adaptação deve ser feita de forma progressiva e respeitando sempre o temperamento do cão. Didaticamente, pode-se usar como exemplo dois extremos do temperamento canino:

1-Existem cães que naturalmente se sentem seguros nos mais diversos ambientes, sendo bastante simples o processo de socialização, bastando expô-los aos mais diversos ambientes humanos e eles se adaptarão sem problemas.

2-Existem, porém, cães bastante inseguros quanto a ambientes novos ou pessoas estranhas, e seu comportamento pode ser bastante afetado nestas condições. Não respondem adequadamente ao estímulo externo, podendo muitas vezes reagir agressivamente (defesa) a movimentos bruscos feitos por outras pessoas ou animais, o que pode ser perigoso e causar graves acidentes, principalmente com crianças. Com estes cães a socialização é imperativa. Deve-se, com todo o cuidado, ir expondo o animal gradativamente à proximidade de pessoas, provocando situações do cotidiano e, encorajando-o a enfrentá-las. Quando o cão se mostrar agressivo, deve-se corrigi-lo prontamente e mostrar a ele que a situação não oferece perigo. Este tipo de cão deve ser sempre encorajado a explorar novos ambientes (com a supervisão do condutor, quando necessário). Com o passar do tempo e aumento da confiança do cão, deve-se ir expondo-o pouco a pouco, a situações mais complexas, sempre seguindo os conselhos anteriores. Com muita paciência e alguma técnica, é surpreendente o progresso que se consegue nestes casos.

Nos casos mais graves de insegurança é desaconselhável que se adestre o cão para proteção pessoal ou mesmo guarda de residências. Nestes casos o cão deve ser adestrado visando apenas obediência, enfatizando o controle do animal nas mais diversas situações.

Certamente entre estes dois extremos de comportamento vistos acima está a maioria dos cães, indivíduos com características próprias. Alguns podem se mostrar seguros em determinadas situações e inseguros em outras, podem enfrentar sem problemas multidões e se assustar com barulhos por exemplo. De qualquer forma deve-se usar o bom senso em cada caso e conhecer muito bem o cão que está em processo de socialização, lembrando que este processo é contínuo. Alguns progredem mais rapidamente, outros mais lentamente mas sem dúvida a socialização beneficiará a todos, cão, proprietário e principalmente a comunidade.

CINOTECNIA

1. HISTÓRIA DA RELAÇÃO HOMEM CÃO

História da origem do cão e sua domesticação:

A transição de alguns lobos para cães começou provavelmente mais de 100 mil anos atrás, mas o cão domesticado provavelmente remonta qualquer lugar 15.000 a 30.000 anos. Alguns acreditam que os seres humanos estabeleceram a domesticação dos cães pela "criação" de traços específicos, mas isso não pode realmente ser o caso. Por natureza, os cães são os catadores, por isso uma teoria sugere que os cães começaram a acompanhar os caçadores humanos para o alimento.

Lobos catadores, seriam atraídos para os ossos e os lixões dos grupos nômades caçadores-coletores. Os lobos que tiveram mais sucesso na interação com os seres humanos passavam essas características para seus descendentes, o que acabou criando lobos com uma maior propensão para ser domesticado. Os "mais sociais e menos temerosos" dos lobos foram os que foram mantidos em torno das áreas de vida humana, ajudando a criar as características que ainda são reconhecidas em cães hoje.

Uma característica comportamental chamada "distância de fuga" foi crucial para a transformação de lobo selvagem aos antepassados do cão moderno. Ela representa o quão perto um animal permitirá que os seres humanos (ou qualquer outra coisa que percebe como perigosa) para chegar antes que ele fuja. Animais com distâncias mais curtas atrasam a fuga, e se alimentam, quando os seres humanos estão por perto, este traço de comportamento teria sido transmitido às gerações sucessivas, e ampliado, criando os animais que são cada vez mais confortáveis em torno de seres humanos. "Meu argumento é que o domesticado ou meio-manso é o ser capaz de comer na presença de seres humanos. Isso é o que os lobos selvagens não podem fazer." Além disso, a seleção para a domesticidade teve o efeito colateral de selecionar geneticamente relacionadas características físicas e comportamento, tais como a redução no tamanho global, mudanças na coloração da pelagem e marcações, uma mandíbula curta inicialmente com apinhamento dos dentes e, mais tarde, com a diminuição no tamanho dos dentes, com uma redução no tamanho do cérebro e, portanto, capacidade craniana (especialmente as áreas relativas à vigilância e processamento sensorial, necessário na natureza). Comportamental, o abanar da cauda, lambedura solicitando alimento e latido, comportamentos encontrados somente nos filhotes de lobo, foram mantidas através de neotenia durante toda a vida do cão. Certos comportamentos similares ao do lobo, como a regurgitação dos alimentos parcialmente digeridos para os jovens, também desapareceram.

A história do cão é realmente a história de parceria. Essa parceria é baseada nas necessidades humanas para ajudar com pastoreio e caça, um sistema de alarme precoce, e uma fonte de alimento, além do companheirismo.

O crânio mais antigo cão descobriu até agora é de Goyet Cave, na Bélgica foi datado em 31.700 A.C. O crânio representa melhor os cães pré-históricos, ao invés de lobos. O crânio não é um cão "domesticado", mas sim um lobo em transição para um cachorro. As mudanças físicas vistas no crânio (principalmente, pelo encurtamento do focinho) pode ter sido impulsionadas por mudanças na dieta, ao invés de seleção de características específicas por seres humanos. Essa transição na dieta poderia ter sido, em parte, devido ao início de um relacionamento entre seres humanos e cães. Embora a relação pode ter sido tão tênue como animais oportunistas que seguiam os homens para comer seus restos de caça.

Evidências de uma parceria domesticação "Real"

Um local de enterro na Alemanha chamado Bonn-Oberkassel tem enterros conjuntos de humanos e caninos datada de 14.000 anos atrás.

Danger Cave em Utah é o primeiro caso do enterro do cão nas Américas, a cerca de 11 mil anos atrás. Mas quando essa parceria ocorreu pela primeira vez é no momento em alguma controvérsia.

A história do cão foi estudada recentemente, usando DNA mitocondrial, o que sugere que os lobos e cães dividido em diferentes espécies de cerca de 100.000 anos atrás, mas se os seres humanos tinham nada a ver com isso, ninguém sabe realmente. A análise do mtDNA recentes (Boyko et al.) sugere que a origem e o local de domesticação do cão, que se pensava estar no leste da Ásia, está em dúvida.

Um estudo recente conduzido por Robert Wayne (vonHoldt et al., Abaixo) na UCLA e aparecendo na revista *Nature* em março 2010 relataram que os cães parecem ter uma maior proporção de haplótipos de lobo lobos cinzentos nativos do Oriente Médio. Isso sugere que, ao contrário de estudos anteriores, que o Oriente Médio foi o local original de domesticação. O que também mostrou-se neste relatório uma evidência para qualquer uma segunda domesticação da Ásia ou de uma mistura posterior com os lobos chineses. Até então os cientistas acreditavam que os cães evoluíram a partir de apenas um punhado de lobos domesticados pelos seres humanos que vivem dentro ou perto de China inferior a 15 mil anos atrás.

Parece claro que a domesticação do cão foi um processo longo, que começou há muito mais tempo do que se acreditava até recentemente, em 2008. Com base na evidência de Goyet e Chauvet cavernas na Europa, o processo de domesticação do cão provavelmente começou como há muito tempo como 30 mil anos, embora a mais antiga evidência de uma relação mais ampla, uma relação de trabalho, está no sítio de Oberkassel-Bonn, 14 mil anos atrás. A história da domesticação do cão ainda está em fase de transição em si.

Animal	Local da domesticação	Data
Cão	indeterminado	14-30.000 a.c.
Ovelha	Ásia Ocidental	8500 a.c.
Gato	Crescente Fértil	8500 a.c.
Caprinos	Ásia Ocidental	8000 a.c.
Porcos	Ásia Ocidental	7000 a.c.
Gado	Sahara Oriental	7000 a.c.
Frango	Ásia	6000 a.c.
Cobaia	Cordilheira dos Andes	5000 a.c.
Burro	Nordeste da África	4000 a.c.
Cavalo	Cazaquistão	3600 a.c.
Lhama	Peru	3500 aC
camelo bactriano	Sul da Rússia	3000 aC
camelo dromedário	Arábia Saudita	3000 aC
Iaque	Tibete	2500 aC
Ganso	Alemanha	1500 aC
Alpaca	Peru	1500 aC
Rena	Sibéria	1000 aC
Peru	México	100 aC-100 dC

Os cães originários do Velho Mundo, chegaram ao Novo Mundo com a imigração de seres humanos. "Assim, mesmo antes do desenvolvimento do comércio como o conhecemos hoje, o homem teve cães como de troca." O porquê os humanos domesticaram os cães não é conhecido, mas a velocidade em que eles parecem ter multiplicado e diversificado indica que desempenhou um papel importante na vida humana.

Os cães podiam, por exemplo, melhorar a qualidade da caça, que seria uma vantagem muito grande para os seres humanos. Poderia até ter feito da colonização do Novo Mundo mais fácil. "Deve ter havido algo vantajoso sobre aqueles cães que fez muito sucesso e permitiu-lhes espalhar-se por todo o mundo."

Uma vez que a agricultura tomou conta, os cães teriam sido selecionados para diferentes tarefas, as suas naturezas, eles se tornaram pastores e guardas. Quando nos tornamos uma sociedade agrícola, o que precisávamos para cães mudou enormemente, e uma outra divisão e irrevogável ocorreu naquele momento. Este pode ser o ponto que se destaca no registro fóssil, quando os cães e os lobos começaram a desenvolver visivelmente diferentes morfologias.

Como os seres humanos migraram pelo planeta, uma variedade de formas cão migrado com eles. A revolução agrícola e a subsequente revolução urbana levou a um aumento na população de cães e uma demanda por especialização. Essas circunstâncias proporcionam a oportunidade de criação seletiva de animais para criar, inicialmente, especializados tipos de cães de trabalho e, posteriormente, de companhia gerando as raças caninas. Atualmente existem mais de 400 raças caninas reconhecidas pela FCI.

Estudo sobre cognição social em cães.

Em um experimento simples, desenhado para comparar o seu comportamento aos dos lobos e o nosso parente mais próximo, o chimpanzé, os resultados mostraram claramente que os cães - filhotes ainda jovens - foram muito melhor em interpretar pistas sociais dos seres humanos.

Os cães tinham de escolher quais os baldes tinha escondido debaixo dele alimentos, e que a experiência foi projetada de modo que não podia contar com seu senso de olfato. Os cientistas ajudaram apontando ou olhando em direção ao alimento escondido.

Pesquisador Brian Hare disse que os cães superou até mesmo os chimpanzés, e os filhotes eram tão bons quanto os cães mais velhos, demonstrando a habilidade é inata e não aprendida.

"Durante a domesticação houve algum tipo de alteração em sua capacidade cognitiva que lhes permitiu descobrir o que outras pessoas queriam usar pistas sociais. A maior surpresa foi o cachorro - ainda tão jovem como nove semanas de idade, eles estão melhor do que um chimpanzé adulto em encontrar alimento. "

Características das raças

Como falamos anteriormente, o cão, ao ser domesticado teve mudanças físicas e comportamentais. Posteriormente foram surgindo as raças e estas mudanças de comportamento também ocorreram nas raças, de acordo com o tipo de comportamento desejado ao emprego a que foram selecionadas. Assim, a neotenia, manutenção de comportamentos juvenis em adultos, também diverge entre as raças.

·Cães Pastores apresentam as características controladas de cães de caça (impulso de caça). Os membros deste grupo, como o Border Collie, Pastor Belga, Pastor Alemão, usam táticas de caçadores e presas para intimidar e manter controle dos rebanhos. Seu instinto natural para derrubar um animal a seu cargo é silenciado por uma formação. Outros membros do grupo, incluindo os cães de gado, cattle dog, tomam conta do rebanho com um comportamento mais agressivo (como morder e morder os calcanhares dos animais) e fazem

uso do design de corpo para enganar as defesas de suas cargas.

- Cães de tiro, raças utilizadas na caça, isto é, os pointers, os retrievers, os spaniels, e setteres têm um grau intermediário de neotenia, eles estão no ponto onde eles compartilham em bloco da caça de comportamento, mas ainda não participam no ataque real. Eles identificam a presa potencial e congelam em imobilidade, por exemplo, mas se abstenha de perseguir a presa, em seguida, como um predador faria em seguida, o que resulta no "comportamento", apontando para que tais cães são criados. Da mesma forma, eles se apoderam presa mortos ou feridos e trazê-lo de volta, embora não atacá-lo eles mesmos, ou seja, "recuperar" o comportamento. Suas características físicas são mais próximas à do canino selvagem maduro do que as raças pastor, mas eles geralmente não têm as orelhas eretas, etc

- Os Sabujos mantem um tipo de organismo intermédio e do comportamento que faz com que realmente perseguir presas, acompanhando o seu odor, mas tendem a abster-se de ataques reais individual em favor de vocalmente convocando os líderes (neste caso, os seres humanos) para fazer o trabalho. Eles têm muitas vezes uma vocalização característica. Alguns exemplos são o Beagle, Bloodhound, Basset Hound, Coonhound, Dachshund, Fox Hound, Otter Hound, e Harrier.

- Galgos perseguem e atacar presas percebida à vista, mantiveram o tamanho de cães maduros e algumas características, tais como tórax estreito e corpos magros, mas grande parte perdeu a erguer as orelhas do lobo e grossas camadas duplas camadas. Alguns exemplos são o Afgan Hound, Saluki, Borzoi, Greyhound, Irish Wolf Hound, Whippet

- Os mastiffs são tipos de cães de grande porte, tanto de altura e massa semelhantes com baús barril, grandes ossos e crânios de espessura. Eles têm sido, tradicionalmente, criados para a guerra, proteção e trabalho da guarda.

- Os Bull dogs são de cães de tamanho médio são criados para combater contra os animais selvagens e domesticados. Estes cães têm um crânio maciço, quadrada e ossos grandes, com uma compilação extremamente musculoso, ombros largos.

- Os terriers tem o comportamento agressivo do adulto, famosa associada à falta de submissão de menores e adultos correspondente mostrar as características físicas, tais como as orelhas eretas, embora muitas raças também foram selecionados por tamanho e por vezes pernas encolhidas que lhes permitam perseguir presas em suas tocas.

O mínimo de neotenia no padrão de comportamento que podem ser do Basenji, criados na África para caçar junto com os seres humanos quase em uma base de pares; esta raça é frequentemente descrito como altamente independente, nem a necessidade nem apreciar uma grande quantidade de atenção ou carinho, muitas vezes descrito como "gato" em seu comportamento. Ela também tem o plano do corpo de um predador canino adulto. Naturalmente, os cães em geral possuem uma significativa capacidade de modificar seu comportamento de acordo com a experiência, incluindo a adaptação ao comportamento de seus líderes, os seres humanos. Isso permite que eles sejam treinados para se comportar de uma maneira que não é especificamente o mais natural para sua raça, no entanto, a experiência acumulada de milhares de anos mostra que algumas combinações de natureza e criação são bastante assustadores, por exemplo, a formação de whippets para guarda rebanhos de ovelhas.

A “Fédération Cynologique Internationale” ou FCI é a maior organização cinófila do mundo, contando com mais de 80 países membros, entre eles o Brasil. A FCI foi fundada em 1911 pela França, Alemanha, Bélgica e Países Baixos. A associação foi desfeita durante a primeira Guerra Mundial e só foi reestabelecida em 1927 pela “Société Centrale Canine” da França e a “Société Royale Saint-Hubert” da Bélgica. Atualmente sua sede se encontra na cidade de Thuin, na Bélgica.

Ela divide as raças em 10 grupos oficiais mais um 11º grupo para raças em processo de

reconhecimento. Vale lembrar que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha usam sistemas de classificação próprios, que são diferentes do nosso.

A FCI divide as raças caninas em 10 grupos oficiais de acordo com a função e tipo físico ou história da raça.

- Grupo 1: Formado pelos cães pastores e boiadeiros, com exceção dos boiadeiros suíços.
- Grupo 2: Formado pelos cães tipo pinscher, schnauzer e outros, molossos tipo montanhês e tipo dogue e boiadeiros suíços.
- Grupo 3: Formado pelos cães terriers de grande e médio porte, terriers de pequeno porte, terriers tipo bull e terriers de companhia.
- Grupo 4: Formado pelos cães teckels.
- Grupo 5: Formado pelos cães pelos cães nórdicos de trenó, cães nórdicos de caça, cães nórdicos de caça e pastoreio, spitz europeus, spitz asiáticos e raças assemelhadas e cães de tipo primitivo.
- Grupo 6: Formado pelos cães Sabujos, Cães de pista de sangue e assemelhadas.
- Grupo 7: Formado pelos cães de aponte continentais e cães de aponte britânicos.
- Grupo 8: Formado pelos cães recolhedores de caça, cães levantadores de caça, e cães d'água.
- Grupo 9: Formado pelos cães Bichons, poodle, cães belga de pequeno porte, cães pelados, cães do tibete, chihuahua, spaniels ingleses de companhia, spaniels japoneses e pequineses, spaniels anões, Kromfohrländer e molossos de pequeno porte.
- Grupo 10: Formado pelos cães lebréis de pêlo longo e franjado, lebréis de pêlo duro e lebréis de pêlo curto.

No Brasil existe ainda um outro grupo, o chamado “Grupo 11” que inclui as raças que são reconhecidas nacionalmente mas que ainda não obtiveram reconhecimento oficial da FCI.

- Grupo 11: Formado pelas raças reconhecidas no Brasil mas ainda não reconhecidas internacionalmente.

Os países membros da FCI possuem, cada um, uma instituição própria com autonomia para expedir seus próprios pedigrees e formar seus próprios juizes cinófilos (ou árbitros como também são chamados).

2. HISTÓRICO DO EMPREGO MILITAR DO CÃO

Desde os mais remotos tempos o homem tem se organizado em sociedades, nas mais diferentes formas e configurações. criando para si e para o seu clã leis e normas, costumes e tradições. Junto ao homem primitivo sempre posou a figura do cão (observado em diversas gravuras parietais e inscrições rupestres encontrados juntamente com fósseis em muitos sítios arqueológicos).

De início seguindo o homem e seus grupos nômades em busca de restos de alimentos, com o passar do tempo estabeleceram-se elos de ligação até que, talvez acidentalmente, descobriu-se algumas de suas virtudes, tais como capacidade de trabalho através do condicionamento, camaradagem e lealdade. Com o início das primeiras lavouras às margens de rios e lagos, tornou-se fundamental para o homem defender seus domínios dos grupos que ainda viviam da caça e da coleta de frutos. Para tal tarefa, confirmou-se o auxílio do cão como ferramenta eficaz tanto para manter suas posses, como para companhia e para a caça.

Durante as mais diversas conquistas na antiguidade notou-se a constante necessidade do cão para que fossem executados serviços laboriosos a baixo custo, seja na condução de rebanhos, nas empreitadas em terreno adversário, na tração de trenós (ou ainda pequenas carroças), na condução

e guarda de presos e principalmente na segurança de perímetros.

Ao acompanhar o homem em sua jornada milenar, o cão acabou por dividir com ele o mesmo destino e assim podemos deduzir que mesmo antes do aparecimento da escrita, o cão prestou seus primeiros serviços nos campos de batalha, pois a guerra sempre guiou os passos do ser humano até nossos dias, sendo a violência também uma companheira constante desde seu nascimento. Portanto, vamos encontrar já registrado seu emprego pelos gregos e romanos de cães já adestrados para combate, com os pescoços protegidos por coleiras providas de pontas aguçadas, com as pontas de suas orelhas e cauda cortadas, para torná-los menos suscetíveis as presas inimigas.

Pelo tamanho e ferocidade dos cães pode-se concluir que os gregos utilizavam mastins ou raça semelhante, sendo que tais animais tiveram destacada atuação na Batalha da Maratona.

Os gauleses utilizavam cães em grande escala para proteger suas caravanas e auxiliar suas sentinelas.

Na guerra Franco-Espanhola, foram empregados pela Espanha cerca de 400 (quatrocentos) cães de combate, presenteados pelo Rei Henrique VIII da Inglaterra, cuja atuação foi alvo da admiração do próprio Rei Carlos da Espanha, atuação essa reconhecida por grandes estrategistas, inclusive Napoleão.

Em 1806, quando invadiram a Argentina, as forças britânicas contavam com cães de combate, os quais, derrotados os ingleses, ficaram sem seus condutores, fugindo então para os campos e formando grandes matilhas que ofereciam sérios riscos para os transeuntes. É curioso o registro de que foi a partir de 1806 que surgiram na região os primeiros casos de raiva propagados por esses cães fugitivos.

A invasão da Ilha de Creta por tropas germânicas aerotransportadas em 15 de maio de 1941, cenário para a primeira aparição do cão como elemento perfeitamente ativo e coordenado, sendo empregado pelas forças invasoras 400 (quatrocentos) cães de guerra que desbarataram 18 (dezoito) centros de resistências e auxiliaram ativamente no aprisionamento de 1830 (mil oitocentos e trinta) soldados ingleses e gregos.

Destaque notável foi a utilização dada pelos russos aos seus cães de saúde (treinados para a busca e socorro de soldados feridos e extraviados nos campos de batalha), de outras especialidades e até mesmo “SRD”. Com o objetivo de conterem a ofensiva de cerca de 3.000 (três mil) blindados alemães contra Moscou, ocorrida em 09 de outubro de 1941, milhares de cães foram equipados com minas antitanque, adaptadas aos seus dorsos com uma antena magnética de certa altura e quando os blindados avançavam sobre as linhas de defesa soviéticas esses cães devidamente adestrados introduziram-se sob eles fazendo com que a antena em contato com o veículo ativasse a carga explosiva, dessa forma foram destruídos 1.098 blindados e 12.000 doze mil veículos motorizados danificados. Graças ao tributo de sangue oferecido pelo mais fiel amigo do homem fracassou essa primeira ofensiva alemã contra Moscou.

Na invasão da ilha da Sicília pela Divisão Aerotransportada Norte-Americana foram utilizados cães na batalha pelo domínio das linhas de defesa italianas, cujas tropas ao se defrontarem com esses animais, especialmente cães adestrados para orientarem-se durante a noite e mesmo sob intensa neblina, eram acometidas de intenso pavor e retiravam-se precipitadamente ante a ruidosa progressão dos cães latindo, conquista pelos meios normais teria custado muitas vidas americanas.

No mês de outubro de 1943, os comandos ingleses prenderam os alemães estabelecidos na costa francesa no Canal da Mancha com incursões noturnas esporádicas. Os ingleses não ignoravam que o sucesso de tais incursões dependia do fator surpresa e de eliminar rápida e silenciosamente as sentinelas germânicas, o que foi realizado com pleno êxito com o emprego de cães altamente adestrados, sendo assim encontrados muitos soldados alemães com ferimentos na garganta e braços produzidos por animais de presa.

Em 05 de março de 1945, o governo alemão realizou um derradeiro esforço no sentido de preencher os grandes claros em seus efetivos mobilizando toda a população masculina entre 15 e 65

anos, enquanto se lançava mão dos últimos 25.000 (vinte e cinco mil) cães pastores alemães de grau regular de adestramento, para auxiliar no serviço de policiamento e guarda de fronteiras.

Recentemente, soube-se que em várias cidades da extinta União Soviética existiam grandes centros de instrução de cães de guerra, com sofisticada organização que previa Unidades Militares Caninas, dotadas de infra-estrutura, idêntica a de um corpo de tropa.

Na paz, o Homem utilizou o cão principalmente na caça e na proteção as suas habitações e até sua carne serviu (e serve) de alimento para alguns povos.

Após destacar-se em vaiadas atividades, o cão foi empregado na proteção e guarda de rebanhos, verificando-se que é o único animal que auxilia o homem a cuidar de outros animais. O elenco de atividades em que figurava foi grandemente ampliado dependendo dos hábitos, atividades de subsistência e proteção desenvolvidas pelos diferentes povos e mesmo em condições climáticas e ambientais onde se fixaram.

Assim, em alguns lugares serviram para tração, como nas imensidões geladas da região do Ártico, figurando como principal meio de transporte até os dias atuais; em outros para a caça, inclusive para apanhá-la quando ferida, mesmo nas águas mais geladas; treinados para o salvamento de pessoas perdidas na neve e mesmo para a procura de pessoas em risco de afogamento em mares e rios.

Outros serviram para o lazer do homem com atuação em espetáculos circenses para o seu divertimento, se bem que às vezes cruel, como no caso dos cães da raça Buldogue, criados especialmente para lutar contra touros (o seu nariz achatado permitia-lhes que respirassem enquanto mordiam).

Outros ainda em atividade bem mais construtivas, porque não ressaltar, como por exemplo, guiar pessoas cegas e mesmo companheiros incomparáveis como animais de estimação da família, especialmente de crianças e servindo ainda como cobaias nas experiências científicas que visam o desenvolvimento das ciências médicas.

Chegando à atualidade, a tomarem parte em projetos de pesquisas aeroespaciais (em novembro de 1958 os russos lançaram um satélite artificial, o Sputnik II tendo como tripulante a cadela Laica que acabou morrendo em seu interior).

Eis mais alguns casos de emprego do cão ao longo da história:

01. Citados por Heródoto, grande historiador grego, os cães já faziam parte do cenário das lutas e pejejas da época.
02. Felipe da Macedônia os utilizou em muitas de suas conquistas.
03. Na Grécia e Roma já utilizavam em suas batalhas um molosso (um ancestral do Mastin ou do Rottweiler) adornado com uma coleira contendo cravos grandes e afiados (promovendo assim grande impacto psicológico, poder de destruição e, ainda, servindo para defender uma região vulnerável de seu corpo), entre os heróis de Marathona figuram Athena e seu cão.
04. Na Idade Média, muito utilizado para defender as caravanas de eventuais salteadores, os cães eram adornados ainda com armaduras confeccionadas de pequenas placas de metal assemelhando se a escamas de peixe.
05. Átila, o Huno, também conhecido como o Flagelo de Deus, utilizava cães para auxiliar no serviço das sentinelas de suas tropas quando em campanha.
06. Na luta entre França e Espanha, teriam os espanhóis recebido ajuda do Rei Henrique VIII da Inglaterra, incorporando às suas fileiras cerca de 400 cães treinados para o combate. Carlos I Rei da Espanha, observou o quão valiosa foi à ajuda, incentivando as suas tropas a cultivar as técnicas de treinamento evidenciadas através dos cães.
07. Frederico, o Grande, utilizou cães como estafetas na guerra dos 7 anos.
08. Napoleão, grande nome da arte da guerra, na campanha do Egito obteve êxito no trabalho com cães.

09. Muito utilizado pelos assírios, babilônios, egípcios, gauleses e romanos, o cão foi se adequando às mais variadas tarefas. Sendo manipulada a sua reprodução dentro de determinadas características visando sua utilização, surgindo daí indivíduos com características em comum, muitas delas devido a fatores externos como clima, relevo, vegetação, e outros a fatores como aptidão para pastoreio, guarda, caça, etc. Existem narrativas de que desbravadores espanhóis teriam trazido cães de caça para o Novo Mundo no intuito de não só praticar o nobre desporto da caça (na época), mas alertar para possíveis contatos com Silvícolas, sendo muito utilizado por ambos os lados na conquista do Alasca, Canadá e Oeste Norte-Americano. No Brasil Colonial utilizava-se o Cabeçudo (cães mestiços de Mastiff, Bull Dog e Blood Hound, que acabou originando o Fila Brasileiro) tanto na captura de escravos fugitivos (não raras vezes tomara-se em fim trágico para os escravos) quanto na condução de rebanhos de gado e, ainda, para caçar onças.
10. Em quadro pintado em 1892, J.P.Bugarta retrata um Cão Sanitário, antevendo o que ocorreria poucos anos mais tarde. Na guerra Russo - Japonesa, a Inglaterra vende cães sanitários à Rússia (Cães Sanitários eram animais fortes, utilizados para condução de medicamentos e com grande capacidade de localização de feridos nas mais complexas situações apresentadas num teatro de operações. De caráter nobre, nunca atacavam as pessoas, se metiam em rinhas ou fugiam ao estampido de uma granada).
11. Utilizados inúmeras vezes pela França em suas guerras coloniais fato observado em levantamentos feitos por volta de 1910.
12. Na guerra de Trípoli, os italianos os colocavam adiante de suas linhas de trincheiras, para que pudessem alertar no caso de aproximação do inimigo.
13. Na contenda Hispano-Marroquina, foi o cão largamente utilizado pelos marroquinos como isca (eram cobertos com capas e turbantes, e amarrados ao longo de suas defesas, confundindo assim os espanhóis).
14. Na 1ª Guerra Mundial (1914/1918), foram utilizados aproximadamente 400.000 cães nas mais diversas regiões e situações entre os países envolvidos.
15. D. C. Girardo, Capitão do Exército Italiano, realizou importante pesquisa no Kennel Club Italiano, chegando a conclusão que o Império Teutônico, que desde o ano de 1883 adotara em seus exércitos cães bem adestrados, em estudos posteriormente publicados no boletim do Kennel, mostram como a Itália entrou na guerra de 1914/1918 com 6.000 cães, quantidade acrescida em mais 35. 000 ao longo da contendo, destinados aos mais variados serviços.
16. Mesmo antes do conflito, altos círculos militares da França e Itália consideravam a eficácia do cão utilizado com racionalidade no front.
- 17. Quase ao final de 1915, na França, surgiu a denominação oficial de Cão de Guerra.** Os cães recebiam esta denominação após um processo de treinamento que variava entre 150 e 200 dias. Sendo que a grande maioria destes cães foram apanhados pelas ruas e seriam sacrificados. Tinham as mais diferentes origens e portes e, devido estarem sempre transitando pela cidade, possuíam algumas características que poderiam ser aproveitadas em situação de combate. Havia cães de raça pura, que também possuíam suas virtudes, tais como: Alsaciano (ancestral do Pastor Alemão), Beaucerons, Briards, Bouvier de Flandes, Pastores Belgas, Pastores Ingleses, Collies, etc.
18. Foram utilizados pelos italianos, no ressurgimento de gêneros e munição para as tropas de montanha em campanha (utilizados Pastores Alemães e Belgas, de porte avantajado e com pelagem “café com leite” para assim suportar mais peso e melhor dissimular na neve), eram também selecionados os homens que fariam o trabalho de adestramento desses cães, eram homens dotados de afeto, paciência, firmeza e perseverança.
19. Foi pela falta de boa mão de obra que muitos bons cães caíram inutilizados antes de cumprir a sua missão, em muitos casos não houve treinamento apropriado e progressivo.
20. Havia cães auxiliares de sentinelas (acusavam a presença inimiga entre 60 e 300 metros), não latiam, apenas eriçavam o pelo do dorso e moviam as orelhas em sinal de atenção. Cães

patrulheiros (geralmente os mesmo auxiliares dos sentinelas), cães estafetas e de enlace (não possuíam qualquer tipo de temor relacionado a estampidos, qualquer vínculo com alimentos ou ainda outros cães, eram destinados e levar mensagens através da linha de batalha, os estafetas apenas iam, os de enlace iam e voltavam podiam cobrir grandes distancias em pouco tempo), cães interceptadores (perseguiram os cães estafetas e de enlace, cães grandes, fortes e brigões), cães de tração e cães de tiro (transportavam diversos gêneros e ainda munição, fosse presa ao corpo, fosse puxando um carrinho ou trenó), cães sanitários (já comentado), cães ratoeiras (detestavam roedores, eram utilizados para controlar os ratos que infestavam os depósitos, alojamentos, porões, trincheiras, etc. Destaque que para o Schnawzer Standard, Bulldog, Fox Terrier e ainda o Bull Terrier).

21. Nunca foi concedido uma medalha a um cão pois temia-se a repercussão de conceder uma medalha a um animal, para alguns seria ridículo.
22. Várias foram as técnicas empregadas no adestramento, variando muito da criatividade dos adestradores e da forma como seriam empregados.
23. Em meados de 1939, vários países europeus mantinham pequenas forças com cães de guerra, mas somente, até então, a Alemanha havia desenvolvido um plano de adestramento em grande escala, buscando melhorar não somente a parte tática, mas os padrões das raças utilizadas, permitindo assim, contar com 200.000 cães aptos o desempenhar atividades militares (em sua grande maioria, pastores alemães).
24. Durante a 2ª Guerra Mundial foram adestrados e utilizados pelos Estados Unidos, cerca de 10.500 cães, e postos em atividades internas e externas. Para atividades externas foram organizados e distribuídos em 15 Seções de Cães de Infantaria. sendo: 07 Seções na Europa e 08 Seções no Pacífico.
25. Incorporados ao 5º Exército na Itália, alguns cães cumpriram diversas missões de enlace e exploração, e ao término do conflito, passaram a compor um seletivo grupo de sentinelas.
26. No final de 1943, vários cães se destacaram em combates em área de densa vegetação, como em Nova Guiné.
27. Milhares de cães foram utilizados pelos russos, com notória atuação nas forças armadas. Destaca-se o modo rápido como foram treinados e empregados centenas de cães equipados com cargas magnéticas que, buscando comida sob blindados alemães, explodiam, inutilizando assim, a viatura em foco. Muito utilizado ainda na guarda de campos de prisioneiros.
28. Para as tropas de infantaria, os Ingleses destinaram 04 cães e 02 adestradores por batalhão, utilizando - os das mais diversas formas. Em Melton Mowbray na War Dogs Training School se preparavam cães para a detecção de minas, que quando bem preparadas com cobertas adequadas, escapavam da detecção mecânica.
29. Na Itália surgiram os cães pára-quedistas, no Batalhão Pára-quedista San Marco (Marinha), com seu batismo de fogo no Ilha de Céfalo (Albânia), logo sendo convocados a atuarem na Iugoslávia. Ao Norte da Itália, existiam os cães de carga, que levavam $\frac{1}{4}$ de seu peso em víveres, medicamentos e munição a regiões montanhosas, transpondo todo tipo de obstáculo.
30. Havia na Itália centros de adestramento de cães de guerra pára-quedistas em Turquina, Viterbo e Tradate.
31. Na Alemanha Nazista, em cada escola de pára-quedistas havia uma seção de cães.
32. O Japão, desde a Guerra da China, havia adotado cães em Nan King. Na campanha do Pacífico foram utilizados em suas fileiras, treinados neste importante Centro de Adestramento um grande número de cães, tão boa foi a reputação deixada nas lutas anteriores.
33. No Pós-Guerra, foram criados diversos centros de treinamento, entre eles o de Lengries (Alemanha), em 1946, tendo como missão guarnecer depósitos de munição.
34. Em 1948, foi criado um centro de adestramento no quartel de Joffre, em Rastatt (França), com 200 animais.
35. Adotados pelas Forças Aéreas da França e da Inglaterra, grande número de cães compuseram

- equipes de rondas e sentinelas, grande exemplo foi em Staverton Gloucestershire.
36. Em 1953, no Quênia, foram utilizados cães a fim de se evitar o aumento de atentados terroristas noturnos pela organização terrorista africana Mau-Mau.
 37. Também foram utilizados cães na guarda de diversas instalações no decorrer da construção do Canal de Suez.
 38. Antes da Guerra da Coreia, as forças americanas possuíam em Seul uma centena de cães, utilizados como sentinelas de pontos vulneráveis. Uma vez declarada a guerra, passaram a compor em conjunto ao 8º Exército.
 39. A 26ª Seção de Cães Exploradores de Infantaria foi lembrada pelo Departamento de Guerra como: “A 26ª Seção de Cães de Guerra de Infantaria é citada por uma conduta meritória excepcional na missão de um serviço sobressalente em apoio direto nas operações de combate na Coreia durante o período de 12 de junho de 1951 a 15 de janeiro de 1953. A 26ª Seção teve, durante seus serviços na Coreia, a participação em patrulhas de combate, apoiando as ações com os serviços dos condutores de cães exploradores altamente instruídos. Os membros da 26ª Seção, participando de ações, eram colocados nos locais mais vulneráveis da formação da patrulha, em observação às aptidões especiais dos cães, sendo vantajosas ao largo do dificultoso e ardoroso serviço, a 26ª seção nunca falhou com aqueles com quem tenha trabalhado, mostrando conscientemente uma sobressalente devoção para a tarefa de levar a cabo sua missão e ganhar no campo de batalha um grande respeito e admiração estabelecidos como uma unidade de grande importância do 8º Exército. A sobressalente atuação em suas tarefas e espírito invariável exibido pelo pessoal que esta Seção reflete maior que eles mesmos e o Serviço Militar dos Estados Unidos. “Comando do 8º Exército da Coreia (18 de Janeiro de 1953)”. Na Coreia, foram feitos levantamentos nos quais, se dedica a diminuição de 60 % das baixas ao Corpo K-9.
 40. Das experiências da Coreia e de Malaca, a Austrália aumentou sua dotação de cães de guerra e criou seções de cães pára-quedistas.
 41. Largamente utilizados pelos franceses na Indochina (Hotschiminh), cães pára-quedistas e cães exploradores.
 42. Utilizados pela ONU no Congo em múltiplas atividades.
 43. No período da 2ª Grande Guerra e Pós-Guerra foram utilizados cães nas mais variadas missões: Cães de Guerra de Exploração (poderiam perceber o inimigo entre 75 e 200 metros, evitando se assim, muitas emboscadas), Cães de Guerra para Guarda (calcula-se que 70 % do efetivo era utilizado para guardar instalações, presos, munições, aeroportos, etc.), (Cães de Guerra de Enlace, uma das utilizações mais clássicas), Cães de Guerra Sanitários (foram utilizados pela Alemanha perto de 100.000 cães sanitários), Cães de Guerra Farejadores de Minas (utilizados por alemães, ingleses e americanos, tinham como missão detectar minas não metálicas e ainda as bem colocados, o que pelos meios mecânicos era impossível localizar), Cães de Guerra Pára-quedistas (assim como o soldado pára-quedista. os cães também atuavam atrás das linhas inimigas, a primeira utilização de um cão pára-quedista foi durante a guerra civil espanhola).

3. GENERALIDADES

Todos os seres são classificados ou agrupados de acordo com as semelhanças, funcionalidades ou relações morfológicas e biológicas em espécies, raças, famílias, variedades, etc. Constituindo esta divisão uma das questões que mais apaixonam os zoólogos.

É classificado, o cão, como um animal carnívoro, quadrúpede, mamífero, da família dos canídeos, de tamanho de conformidade com a raça a que pertencem, extremidades finas terminadas em dedos, com unhas não retráteis, cauda comprida mas sem chegar ao solo, sistema dentário típico, órgãos dos sentidos muito desenvolvidos, sobretudo o olfato e a audição e dotado de grande capacidade de memória.

Referindo-se à adaptação do cão no meio ambiente, podemos dizer que outros animais,

sofrem grandes transtornos quando mudam de clima, regime alimentar e trabalho, chegando em alguns casos a morrer antes que se consiga alimentá-los. O cão, ao contrário, é fácil de adaptar-se em qualquer lugar ou região.

Sua própria natureza reage e o defende contra as mudanças de clima e ambiente. De acordo com a temperatura e a alimentação ministrada, o corpo do animal sofre alterações (gordura e pêlo) que o adaptam aos diversos ambientes. Um cão em região polar se alimenta à base de pescados e produtos gordurosos, ao passo que um outro de região tropical não necessita desses alimentos. Um cão trasladado, de uma zona para outra, em pouco tempo tem sua vida normalizada e a sua estrutura interna sofre modificações que a necessidade do novo ambiente lhe impõe.

Com a finalidade de melhor desenvolver o programa de treinamento de cães, divide - se o adestramento em fases:

1ª Fase-Básico

O adestramento básico destina-se a permitir de modo simples o emprego do cão em atividades elementares, sem o qual, seria complicado executar outras tarefas mais complexas:

- a. Passear
- b. Brinquedo
- c. Não
- d. Sentar
- e. Junto
- f. Ficar
- g. Deitar
- h. Aqui, etc.

Todas estas tarefas devem ser executadas com o auxílio da guia, pois trata-se do início de todo o trabalho. Ao término desta fase devemos analisar o nosso cão, a fim de avaliarmos suas condições de trabalho, se podemos prosseguir ou buscaremos um outro exemplar...

2ª Fase-Avançado

O adestramento avançado consiste em exercícios complementares e mais complexos, direcionados a uma atividade de interesse do treinador, podendo ser de caráter educacional, recreativo, competições, guarda, patrulhamento, faro, etc.

- a. Ring (Mondioring, French Ring, Belgian Ring, KNPV)
- b. Schutzhund
- c. Guarda
- d. Resgate
- e. Faro especializado, etc.

O adestramento avançado exige boa estrutura técnica por parte dos responsáveis, além da própria aptidão do cão para o trabalho. Exige muita flexibilidade e criatividade, além de muita observação nas condutas tomadas.

Desde os primórdios de sua convivência com o homem o cão é utilizado para guarda. Basicamente, esta é uma atividade instintiva, sendo fácil perceber que até mesmo em cães dóceis e sem treinamento, executando-a de maneira espontânea e, dentro do possível, eficaz. Quem de nós já não teve o desprazer de ser assustado por um SRD que corre de dentro de um quintal qualquer? Está aí o rudimento do primeiro e mais antigo serviço atribuído ao cão.

O trabalho de guarda pelo cão pode ser realizado de duas maneiras básicas e diferentes entre si. A primeira maneira é a executada com base no exposto acima, isto é, o instinto e a oportunidade do cão onde ele executa a atividade de guarda sem o concurso do homem.

Para que seja eficaz a segurança realizada pelo cão sozinho, devemos levar em conta alguns fatores:

- a. área a ser coberta;
- b. dispositivos de segurança existentes;
- c. existência ou não de um “corredor de segurança”;
- d. vias de acesso e fuga; e
- e. pontos vulneráveis.

A área a ser coberta por um cão vai variar de acordo com sua compleição física, idade, raça e condições do terreno.

A existência de outros dispositivos de segurança aumenta a extensão da cobertura na medida em que indique a presença de intrusos por meio de sinal identificável pelo cão.

O corredor de segurança a que nos referimos nada mais é que um delimitador do espaço de atuação do cão (local em que o cão fica solto) realizando somente a segurança do perímetro do terreno demarcado. Este corredor deve ser de passagem obrigatória para qualquer intruso que decida adentrar ao terreno.

Nas vias de acesso e de fuga devemos reforçar a guarda, diminuir a área a ser coberta, idem aos pontos vulneráveis.

A segunda modalidade de segurança é a tradicional, onde o homem acompanha o cão. Neste caso devemos levar em conta os mesmos aspectos anteriores, descartando o “corredor de segurança”.

O condutor deverá levar em conta que seu cão é uma arma, pronta a ser utilizada, e que responderá legalmente pelos resultados provocados pela sua utilização. Em casos de utilização em portarias ou locais de acesso fácil do público, devemos ter sempre o cuidado de verificar a segurança de terceiros.

4. SISTEMAS CINOTÉCNICOS

1) FCI, Federação Cinológica Internacional:

Entidade mundial inter-raças que coordena a criação, registro e competições caninas de todas raças no mundo. Todos os demais sistemas e entidades, inter-raças ou especializados, estão subordinados à FCI.

2) WUSV (Weltunion der Vereine für deutsche Schäferhunde/ União Mundial das Sociedades de Pastores Alemães): Entidade mundial especializada na raça pastor alemão, que coordena a criação e competições da raça. Todos os clubes de pastor Alemão dos países são subordinados à WUSV.

3) COAPA: Entidade subordinada à WUSV, que controla a criação e competições do Pastor Alemão nas Américas.

4) CBKC, Confederação Brasileira de Kennel Clube: Subordinada à FCI, inter-raças, controla o registro de clubes estaduais inter-raças ou especializados. EXCEÇÃO ao Pastor Alemão.

5) SBCPA Sociedade Brasileira de Criadores de Pastor Alemão: Controla a criação, registro e competições da raça no Brasil. Subordinada à COAPA.

6) KCFLU Kennel Clube Fluminense: Controla o registro, criação e competições, no Estado do Rio de Janeiro, inter-raças. Exceção ao Pastor Alemão. Subordinada à CBKC.

7) SFCPA Sociedade Fluminense de Criadores de Pastor Alemão: Controla a criação, registro e competições da raça no Brasil. Subordinada à SBCPA.

5. PRINCIPAIS RAÇAS DE EMPREGO MILITAR:

Atualmente, o Exército Brasileiro, e a maioria dos exércitos e forças militares e policiais do mundo, usam o Pastor Alemão (linhagem de trabalho) e o Pastor Belga Mallinois. As duas raças tem décadas de seleção voltada para o trabalho, realizada através de provas e competições de trabalho

que selecionam os cães mais aptos ao emprego.

1) Pastor Alemão - PA:

Origem alemã, é o cão de emprego militar mais utilizado no mundo. Aceita-se todas as cores à exceção do branco. Mais comuns são capa preta, cinza e preto.

2) Pastor Belga Mallinois - PBM:

Originário da Bélgica, é uma raça desenvolvida e criada com base em seleção para o trabalho. Está em ascensão mundial devido às suas características de resistência, adaptabilidade, energia e treinabilidade. Junto com o Pastor Alemão, constituem as duas principais raças de emprego militar.

3) Pastor Holandês - PH:

Raça de origem Holandesa, pouco conhecida e empregada no Brasil, mas que tem certo destaque na Europa e EUA. Muito semelhante ao PBM, mas de coloração tigrada, existe a variedade de pelo curto, tendo também uma variedade de pêlos mais longos.

4) Rottweiler:

Origem alemã, raça mais pesada, molossóide, de cor preta e canela “black and tan”, que pode sofrer mais com as condições adversas do clima tropical, cansando-se mais facilmente. Devido ao peso, muitas vezes torna-se lento. Muito bom para emprego como guarda de área e instalações devido ao impacto psicológico que causa.

5) Doberman:

Raça alemã, cada vez mais rara. Teve seus impulsos diluídos devido à intensa seleção voltada para “estrutura” e “show e exposições”. Cães com impulsos e temperamento adequado são difíceis de encontrar. Alguns criadores importam cães de qualidade de países europeus que selecionam Dobermans de trabalho.

6) Labrador:

Raça de origem inglesa e canadense, criada para caça. Emprego limitado ao faro. Muito brincalhona e ativa, não prestando-se ao emprego em outras finalidades militares.

6. **RAÇAS EMPREGADAS PELO EB:**

De acordo com a NORCCAN as raças empregadas pelo EB são:

Pastor Alemão

Pastor Belga Malinois

Doberman

Rottweiler

Labrador

Outras raças, de acordo com a necessidade do serviço.

Sugestão:

Pastor Holandês

CI 42/30 preconiza que as raças empregadas sejam preferencialmente PA e PBM.

7. PADRÕES RACIAIS DAS PRINCIPAIS RAÇAS DE EMPREGO MILITAR

a. PASTOR ALEMÃO

Grupo 1 - Cães Pastores e Boiadeiros (Exceto Boiadeiros Suíços)

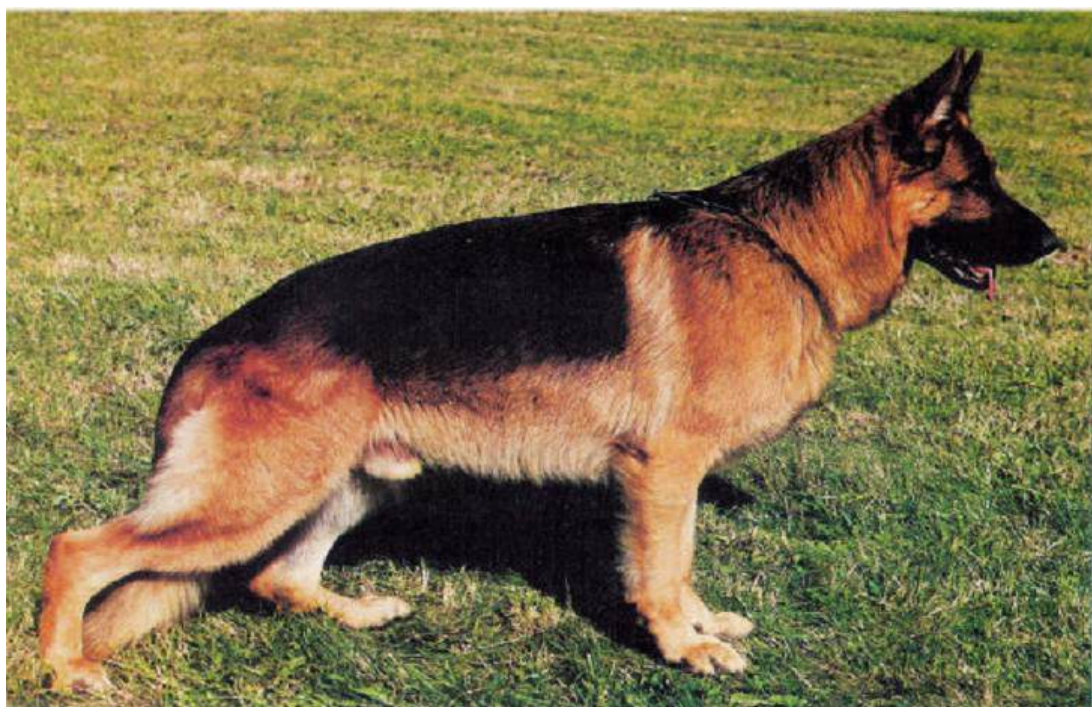
Seção 1 - Cães Pastores Padrão FCI no 166 - 07 de agosto de 1996.

País de origem: Alemanha

Nome no país de origem: Deutscher Schäferhund

Utilização: De versátil utilidade, pastoreio, guarda e de serviço.

Sujeito à prova de trabalho para Campeonato Internacional.



RESUMO HISTÓRICO: de acordo com documentos oficiais, o Clube SV do Pastor Alemão (Vereins für Deutsche Schäferhunde e V.), no país de origem, sociedade filiada ao VDH (Verein für das deutsche Hundewesen), com sede em Augsburg, é reconhecido como a associação fundadora e responsável pelo padrão da raça. No transcurso da Assembléia Geral, em Frankfurt, em 20 de setembro de 1899, foi redigido o Padrão Oficial da Raça Pastor Alemão, de acordo com as propostas de A. Meyer e M.v. Stephanitz. Esse texto inicial completou-se por ocasião da VI Assembléia Geral, em 28 de julho de 1901 e ratificado pela 23a Assembléia Geral, em 17 de setembro 1909, na cidade de Colônia; pela reunião de Diretoria, em Wiesbaden em 5 de setembro de 1930 e, mais tarde, na sessão da Comissão de Criação da diretoria em 25 de março de 1961. O texto foi, ainda, revisto no âmbito da WUSV (Weltunion der Vereine für deutsche Schäferhunde/ União Mundial das Sociedades de Pastores Alemães) e adotado na sessão da WUSV, de 30 de agosto de 1976. Este padrão foi, finalmente, reorganizado e reestruturado aos 23 e 24 de março de 1991 e, por decisão, foram força de lei dos comitês diretores e consultivos. O Pastor Alemão, cuja criação metódica iniciou-se com a fundação da sociedade, em 1899, foi selecionado a partir das variedades de cães de pastoreio do centro e do sul da Alemanha; o objetivo foi criar um cão de utilidade, altamente qualificado e, neste sentido, foi lavrado um padrão que levasse em consideração, além das aptidões físicas do cão, seu caráter e comportamento.

APARÊNCIA GERAL: o Pastor Alemão, é de tamanho médio, levemente mais alongado que alto, vigoroso, bem musculoso, com ossatura rústica; construção geral sólida.

COMPORTAMENTO/TEMPERAMENTO: tanto no comportamento, quanto no caráter, o Pastor Alemão deve ser ponderado, bem equilibrado, autoconfiante, absolutamente natural, completamente inofensivo (salvo quando provocado), vigilante e dócil. Deve comprovar sua coragem, ter um caráter bem equilibrado e possuir instinto de luta, para reunir condições que o tornem capacitado às funções de escolta, guarda, proteção, serviço e de trabalho com rebanho.

CABEÇA: cuneiforme, bem proporcional ao corpo (seu comprimento é quase igual a 40% da altura, na cernelha), sem ser grosseira, nem muito alongada. De aspeto geral seca e largura moderada, entre as orelhas. De frente e de perfil, a testa é, tão somente, pouco arqueada, com ou sem sulco sagital levemente marcado.

A proporção entre o comprimento do crânio e o do focinho é de 1:1. A largura do crânio é quase igual ao seu comprimento. Visto de cima, desde as orelhas até a ponta da trufa, a largura do crânio vai diminuindo de forma gradual e progressiva; unindo-se ao focinho cuneiforme, por uma depressão naso frontal (stop) inclinada mas, pouco pronunciada. Os maxilares são fortemente desenvolvidos. A cana nasal é reta. Cana nasal romana ou côncava é indesejável. Os lábios, de cor escura, são bem ajustados e secos.

Trufa: preta

Dentição: forte e sadia; completa dentição (42 dentes, de acordo com a fórmula dentária). A mordedura do Pastor Alemão é articulada em tesoura, isto é, os incisivos, da arcada superior, tocam pela frente os da arcada inferior em oclusão justa. A articulação em torquês, o prognatismo, quer seja superior ou inferior constitui falta, como também, a presença de espaços livres, tão importantes entre os dentes (dentes espaçados). O alinhamento, em reta, dos incisivos, também é considerado falta. Os maxilares são fortemente desenvolvidos para garantir o engaste profundo das raízes dentárias.

Olhos: de tamanho médio, amendoados, não proeminentes, sutilmente oblíquos; a cor, o mais escura possível. Olhos claros e penetrantes, que alterem a expressão natural do Pastor Alemão, são indesejáveis.

Orelhas: de tamanho médio, portadas eretas, bem firmes e simétricas (nunca inclinadas lateralmente em posição oblíqua); com as extremidades pontiagudas e as conchas voltadas para a frente. Considera-se defeito a orelha portada semi-ereta ou caída. Portada dobrada para trás, quando em repouso, não é considerado falta.

PESCOÇO: robusto, bem musculoso, sem apresentar pele solta na garganta (barbela). O pescoço forma um ângulo em torno de 45° com o tronco (horizontal).

TRONCO: a linha superior desenvolve-se, sem quebra perceptível, a partir da inserção do pescoço, bem articulado, passando pela cernelha, bem desenvolvida, e pelo dorso, muito ligeiramente, descendente, para a garupa, ligeiramente, oblíqua. O dorso é firme, forte e bem musculoso. O lombo é largo, fortemente desenvolvido e bem musculoso. A garupa é longa e ligeiramente oblíqua, fazendo um ângulo em torno de 23°, com a horizontal e fundindo-se com a linha superior sem interrupção.

Peito: moderadamente largo, com o esterno de bom comprimento e bem marcado. A profundidade do peito varia em torno de 45 a 48% da altura na cernelha. As costelas são moderadamente arqueadas. O tórax em barril é considerado um defeito tão grave quanto as costelas achatadas.

CAUDA: o comprimento deve atingir, no mínimo, a ponta do jarrete e, no máximo, a metade do metatarso; portada caída, descrevendo uma ligeira curva. Quando o cão está excitado ou em movimento, ela se eleva um pouco mais, sem ultrapassar a posição horizontal; a pelagem, na face ventral da cauda, é um pouco mais longa. Qualquer correção cirúrgica é proibida.

MEMBROS ANTERIORES: visto de qualquer ângulo, os anteriores são aprumados; vistos pela frente, são perfeitamente paralelos. A escápula e o úmero são do mesmo tamanho e bem ajustados ao tórax, graças à poderosa musculatura. A angulação escápulo-umeral, ideal, é 90°, na prática, até

110°. Seja em stay ou em movimento, os cotovelos devem trabalhar rentes ao tórax. De qualquer lado, os antebraços são retos e perfeitamente paralelos, secos e guarnecidos de forte musculatura. O comprimento dos metacarpos varia em torno de um terço do comprimento do antebraço, formando, com este, um ângulo em torno dos 20° aos 22°. Tanto o metacarpo muito inclinado (mais que 22°), quanto o muito escarpado (menos de 20°), prejudicam o desempenho do cão, principalmente, no que concerne à sua resistência. Patas: arredondadas, dígitos bem fechados e arqueados, os coxins têm sola dura, sem tendência a fissuras; as unhas são fortes e de cor escura.

POSTERIORES: ligeiramente inclinados e, vistos por trás, se mantêm paralelos. As coxas são potentes e bem musculosas. O fêmur e a tíbia são, quase, do mesmo tamanho, formando um ângulo, em torno dos 120°.

Patas: compactas, ligeiramente arqueadas; os coxins plantares têm sola dura e de cor escura; as unhas são fortes, curvas e também de cor escura.

MOVIMENTAÇÃO: o Pastor Alemão é um trotador. As angulações e o comprimento dos membros devem ser equilibrados de modo a anular a oscilação da linha superior, tornando-a imperceptível, para que os posteriores, aprumados, possam realizar passadas com um bom alcance à frente e, os anteriores, com igual cobertura de solo. Qualquer tendência à superangulação, nos posteriores, reduz a firmeza e a resistência geral. Angulações equilibradas permitem a execução de passadas de grande amplitude, rentes ao solo, sem, aparentemente, revelar esforço. Durante o exercício do trote, ritmado e fluente, com a cabeça projetada para a frente, a linha superior se desenha em contorno suave, harmonioso e contínuo, desde a ponta das orelhas, passando pela nuca e dorso, até a ponta da cauda, levemente elevada.

PELE: suavemente ajustada, sem formar pregas.

PELAGEM

Textura do pêlo: a pelagem correta para o Pastor Alemão é a dupla (Stockhaar) com pêlo e subpêlo. O pêlo deve ser o mais denso possível, reto, áspero e bem assente ao corpo. Na cabeça, na face interna das orelhas, na face anterior dos membros, nas patas e dedos, o pêlo é curto; é um pouco mais longo e denso no pescoço. Na face posterior dos membros, o pêlo é mais longo, alonga-se até o nível do carpo e do jarrete, formando, na face posterior das coxas, culotes, de tamanho moderado.

COR: varia desde o preto, com marcas marrom avermelhado, marron ou amarela, até o cinza claro. Preto ou cinza unicolor sendo, o cinza, encarvoado (sombreado). Máscara e manto, pretos. Pequenas e discretas marcas brancas no antepeito ou uma coloração muito clara na face interna dos membros são toleradas, mas não desejadas. A trufa deverá ser, necessariamente, preta em todas as cores de pelagem. São penalizadas, como sinal de pigmentação insuficiente, a ausência da máscara, os olhos claros ou penetrantes, as marcas claras e esbranquiçadas, no antepeito e na face interna dos membros, as unhas de cor clara e a ponta da cauda avermelhada. O subpêlo é cinza claro. O branco não é admitido.

ALTURA / PESO 60 a 65 cm.

Machos: altura na cernelha 30 a 40 kg.

peso:

Fêmeas: altura na cernelha 55 a 60 cm.

peso: 22 a 32 kg.

O comprimento do tronco ultrapassa a altura na cernelha em 10-17%.

FALTAS: qualquer desvio dos termos deste padrão, deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

FALTAS GRAVES

- qualquer desvio dos termos deste padrão, que prejudique a capacidade de trabalho do cão;
- orelhas de inserção lateral, muito baixa, semi-caídas, portadas lateralmente oblíquas ou eretas, sem firmeza;
- defeitos graves de despigmentação;

- resistência geral fortemente comprometida;
- qualquer desvio da mordedura em tesoura e da correta fórmula dentária, com exceção das faltas eliminatórias.

FALTAS ELIMINATÓRIAS

- caráter fraco, mordedores ou de equilíbrio nervoso instável.
- cães com deformações de orelhas ou cauda.
- exemplares portadores de deformidades.
- cães com as seguintes faltas dentárias: 1 PM3 mais ausência de outro dente, ou 1 canino, ou 1 PM4, ou 1 M1 ou M2, ou no total, 3 ou mais dentes ausentes.
- exemplares portadores de defeitos de maxilares, prognatismo superior maior que 2 mm, prognatismo inferior; mordedura em torquês, formada com todos os 12 incisivos.
- altura maior ou menor em mais de 1 cm;
- albinismo.
- pelagem branca (mesmo que as unhas e os olhos sejam escuros).
- pelagem externa (longa, macia, não assentada com o subpêlo; tufos nas orelhas e franjas nos membros, culotes e cauda em tufos, em bandeira, na face ventral);
- pelagem longa (pêlo longo e macio, sem subpêlo, em geral repartida ao longo do dorso, tufos nas orelhas, franjas nos membros e sob a cauda.

NOTAS:

- os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal.
- todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.

b. DOBERMANN

Grupo 2 - Pinscher e Schnauzer, Molossóides, Boiadeiros e Montanhese Suíços e raças assemelhadas.

Seção 1 – Molossóides, 1.1 - Tipo Pinscher e Schnauzer

Padrão FCI nº 143 - 14 de fevereiro de 1994.

País de origem: Alemanha

Utilização: Companhia, Guarda e Trabalho



RESUMO HISTÓRICO: o Dobermann é a única raça que leva o nome do seu criador de origem, Friedrich Louis Dobermann (02.01.1834 - 09.06.1894). Supõe-se que ele fora um cobrador de impostos, gerente de abatedouro (vísceras) e, em período não integral, pegador de cães, legalmente habilitado a apreender todos os cães perdidos. Para sua criação, ele escolheu de sua reserva, os cães que eram particularmente agressivos. Os assim chamados "cães de açougueiros", que eram considerados, nessa ocasião, uma raça relativamente pura, tiveram um papel muito importante na origem da raça Dobermann. Estes cães foram um tipo antigo de Rottweiler, misturados com um tipo de pastor preto com manchas marrons que existiu em "Thüringen". Esta mistura de raça foi trabalhada pelo Sr. Dobermann nos anos de 1870. Deste modo, obteve, "sua raça": não apenas alerta, mas um cão de trabalho altamente protetor para casa e família. Eles eram freqüentemente utilizados como guardiães e cães de polícia. Sua extensa utilização no trabalho policial deu-lhe o apelido de "Gendarme dog". Eram também, utilizados em caçadas para controlar grandes animais predadores. Nessas circunstâncias, era claro que o Dobermann fosse reconhecido oficialmente como "Cão de Polícia", no início do século XX. O padrão da raça Dobermann pede um cão de porte médio, poderoso e musculoso. Apesar de sua substância ele deve ser elegante e nobre, o que se evidencia pela sua silhueta. Deve ser excepcionalmente adequado como cão de companhia, proteção e utilidade, como também, cão de família.

APARÊNCIA GERAL: o Dobermann é de tamanho médio, de construção forte e musculoso. Através das elegantes linhas de seu corpo, seu porte orgulhoso e sua expressão determinada, ele configura a imagem ideal de um cão.

PROPORÇÕES IMPORTANTES: a conformação do Dobermann aparenta ser quase quadrada, particularmente nos machos. O comprimento do corpo, medido da ponta do ombro até a ponta da nádega, não deve ser maior que 5% da sua altura na cernelha ao solo, nos machos e 10% nas fêmeas.

COMPORTAMENTO / TEMPERAMENTO: a característica do Dobermann é ser amigável e calmo; muito dedicado à família e gosta de crianças. É desejável um temperamento e agressividade médios. É

desejado, também, um limiar médio de excitação. Fácil de ser treinado, o Dobermann gosta de trabalhar, devendo possuir para tal, uma boa habilidade, coragem e firmeza. São requeridos valores de autoconfiança e intrepidez, como também, adaptabilidade e atenção para se ajustar ao ambiente social.

CABEÇA

REGIÃO CRANIANA: forte e em proporção ao corpo. Vista por cima, a cabeça tem a forma de uma cunha. Vista pela frente, a linha do crânio deve ser quase plana sem cair para as orelhas. A linha do focinho se estende quase reta, em relação à linha superior do crânio, a qual cai suavemente arredondada para a linha do pescoço. A arcada superciliar é bem desenvolvida, sem ser proeminente. O sulco sagital é ainda visível. O occipital não deve ser eminente. Vista de frente e de cima, os lados da cabeça não devem ser protuberantes. A ligeira protuberância entre a parte posterior do osso maxilar superior e o osso malar deve estar em harmonia com o comprimento total da cabeça. Os músculos da cabeça devem ser bem desenvolvidos. Stop: leve, mas visivelmente desenvolvido.

REGIÃO FACIAL

Trufa: narinas bem desenvolvidas, mais para largas que para redondas, com aberturas amplas, sem serem proeminentes. Preta, em cães pretos; nos cães marrons, tons correspondentes mais claros.

Focinho: deve estar em proporção com o crânio, ser fortemente desenvolvido e profundo. A abertura da boca deve ser ampla, alcançando os molares. Uma boa largura do focinho também deve estar presente nas partes superior e inferior dos incisivos.

Lábios: devem ser firmes e lisos, bem juntos aos maxilares, o que proporciona uma correta oclusão da boca. O pigmento das gengivas deve ser escuro; nos cães marrons um tom ligeiramente mais claro.

Maxilares / Dentes: poderosos maxilares, tanto o superior quanto o inferior; mordedura em tesoura; 42 dentes corretamente colocados e de tamanho normal.

Olhos: de tamanho médio, ovais e de cor escura. Nuanças mais claras são permitidas em cães marrons. Pálpebras bem aderentes e revestidas por pêlos. Alopecia (é o mesmo que falta de pêlos) ao redor dos olhos é altamente indesejável.

Orelhas: de inserção alta, portadas eretas e cortadas com um comprimento proporcional à cabeça. Nos países onde o corte é proibido, as orelhas inteiras são igualmente reconhecidas (de preferência, tamanho médio e com a borda anterior caindo rente às bochechas).

PESCOÇO: de bom comprimento, proporcional ao corpo e à cabeça. É seco e musculoso. Seu contorno é ascendente e ligeiramente curvado. Seu porte é ereto e demonstra muita nobreza.

TRONCO

Cernelha: pronunciada em comprimento e altura, especialmente nos machos, determinando, assim, uma linha superior ascendente da garupa para a cernelha.

Dorso: curto e firme, de boa largura e bem musculoso.

Lombo: de boa largura e bem musculoso. A fêmea pode ser ligeiramente mais longa no lombo porque ela requer de espaço para amamentar.

Garupa: levemente caída, dificilmente perceptível do osso sacro à raiz da cauda, parecendo assim bem arredondada, sem ser horizontal nem caída. Boa largura com forte musculatura.

Peito: o comprimento e a profundidade devem ser bem proporcionais ao comprimento do corpo. A profundidade com costelas ligeiramente arqueadas, deve ser de, aproximadamente, 50% da altura do cão na cernelha. Peito de boa largura e especialmente bem desenvolvido no antepeito.

Linha inferior: da ponta do esterno à pélvis, a linha inferior é perceptivelmente esgalgada.

CAUDA: de inserção alta e amputada curta, de forma que duas vértebras caudais permaneçam visíveis. Nos países onde a caudectomia é proibida, a cauda permanece natural.

MEMBROS

Anteriores: Vistos de qualquer ângulo, são quase retos, verticais para o solo e fortemente desenvolvidos.

Ombros: escápula bem ajustada contra o tórax, bem musculosos em ambos os lados da borda da escápula e ultrapassa o ápice da vértebra torácica, o mais inclinada possível e bem colocada para trás. O ângulo com a horizontal é de aproximadamente, 50%.

Braços: de bom comprimento, bem musculosos, o ângulo com a escápula é de aproximadamente 105° a 110°.

Cotovelos: bem ajustados, sem virarem para fora.

Antebraços: fortes e retos. Bem musculosos. Comprimento em harmonia com o corpo inteiro.

Carpos: fortes.

Metacarpos: ossatura forte. Vistos de frente, retos. Vistos de perfil, com uma ligeira inclinação, máximo 10°.

Patas anteriores: curtas e fechadas. Dedos bem arqueados para cima (pés-de-gato). Unhas curtas e pretas.
Posteriores: Vistos por trás, o Dobermann parece, por causa do seu bom desenvolvimento muscular pélvico nas ancas e garupa, largo e arredondado. Os músculos, que vão da bacia para a coxa e a perna resultam em uma largura bem desenvolvida, na região da coxa, na articulação do joelho e na perna. Os posteriores são fortes, retos e paralelos.

Coxas: de bom comprimento e largura, bem musculosas. Boa angulação da articulação coxofemoral. Angulação com a horizontal de aproximadamente 80° a 85°.

Joelhos: articulação forte, formada pela coxa, perna, bem como a rótula. A angulação do joelho é de 130°.

Pernas: de comprimento médio e em harmonia com o comprimento total dos membros posteriores.

Jarretes: medianamente fortes e paralelos. A tíbia articula-se com o metatarso na articulação do jarrete (ângulo em torno de 140°).

Metatarsos: curtos e verticais ao solo.

Patas posteriores: assim como os anteriores, os dedos são curtos, arqueados e compactos. Unhas curtas e pretas.

MOVIMENTAÇÃO: de especial importância tanto para o trabalho quanto para a aparência externa. Movimentação elástica, elegante, ágil, livre e boa cobertura de solo. Os anteriores alcançam o mais longe possível. Os posteriores fornecem a impulsão necessária pela elasticidade de seus movimentos. O anterior de um lado e o posterior de outro se movimentam ao mesmo tempo. Deve apresentar boa estabilidade no dorso, nos ligamentos e articulações.

PELE: bem ajustada por todo corpo e bem pigmentada.

PELAGEM

Pêlos: curtos, duros e espessos. Muito bem assentados, lisos e igualmente distribuídos sobre toda a superfície. Subpêlos não são admitidos.

COR: preto ou marrom, com marcações vermelho ferrugem claramente definidas e limpas. As marcas estão sobre o focinho, nas bochechas, acima dos olhos, na garganta, duas marcas no antepeito, nos metacarpos, metatarsos e patas, na face interna das coxas, nos braços e sob a cauda.

TAMANHO / PESO

Altura: no ponto mais alto da cernelha.

Machos: 68 - 72 cm.

Fêmeas: 63 - 68 cm. O tamanho médio é o desejado.

Peso: Machos: em torno de 40 - 45 quilos.

Fêmeas: em torno de 32 - 35 quilos.

FALTAS: qualquer desvio dos termos deste padrão deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

Aparência geral: inversão de características sexuais; pouca substância; muito leve ou pesado; muito pernalta; ossos fracos.

Cabeça: muito pesada; muito estreita; muito curta; muito longa; muito ou pouco stop; nariz romano; inclinação inadequada da linha superior do crânio; mandíbula fraca; olhos redondos ou em fenda; olhos claros; bochechas muito pesadas; lábios pendentes; olhos protuberantes ou muito profundos; orelhas inseridas muito altas ou muito baixas; comissura labial frouxa.

Pescoço: ligeiramente curto; muito curto; pele solta na garganta; barbela; muito longo (em desarmonia); pescoço de ovelha.

Tronco: falta de firmeza no dorso; garupa caída; dorso selado; dorso carpeado; arqueamento de costelas insuficiente ou excessivo; profundidade ou largura de peito insuficiente; linha superior muito longa; falta de antepeito; cauda inserida alta demais ou muito baixa; linha inferior esgalgamento insuficiente ou excessivo.

Membros: angulação muito aberta ou muito fechada dos anteriores e posteriores; cotovelos soltos; desvio da posição padrão e do comprimento de ossos e articulações; patas muito juntas ou muito afastadas; jarrete de vaca, expulsão de jarretes, jarretes muito juntos; patas abertas ou cedidas; dedos insuficientemente arqueados; unhas claras.

Pelagem: manchas muito claras ou nitidamente indefinidas; marcação suja (carvoada); máscara muito escura; grandes manchas pretas nos membros; marcação no peito quase invisível ou muito grande; pêlo longo, macio, encaracolado ou sem brilho. Pelagem fina; áreas sem pêlos; grandes tufos de pêlos particularmente no tronco; subpêlo visível.

Caráter: autoconfiança inadequada; temperamento muito forte; agressividade muito alta; nível de excitação muito baixo ou muito alto.

Tamanho: desvio do tamanho em mais de 2 cm do determinado pelo padrão resulta em uma qualificação mais baixa.

Movimentação: bamboleante; limitada ou dura; passo de camelo.

DESQUALIFICAÇÕES

Gerais: inversão acentuada de características sexuais.

Olhos: amarelos (olhos de falcão); olhos porcelanizados.

Dentição: prognatismo superior ou inferior; mordedura em torquês; qualquer ausência de dente.

Pelagem: manchas brancas; pêlos muito longos e ondulados; pelagem fina ou grandes áreas destituídas de pêlos.

Caráter: exemplares medrosos, nervosos ou agressivos.

Tamanho: desvio de mais de 2 centímetros acima ou abaixo do que o determinado pelo padrão.

NOTAS:

- Os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem descidos e acomodados na bolsa escrotal.
- Todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.

c. ROTTWEILER

Grupo 2 - Pinscher e Schnauzer, Molossóides, Boiadeiros e Montanhese Suíços e raças assemelhadas.

Seção 2 – Molossóides, 2.1 - Tipo Mastife

Padrão FCI nº 147 - 19 de junho de 2000.

País de origem: Alemanha

Utilização: Tração, Guarda e Boiadeiro



RESUMO HISTÓRICO: O Rottweiler figura entre as raças mais antigas. Sua origem remonta à época dos romanos, onde foi criado como um cão de guarda e boiadeiro. Esses cães imigraram com as legiões romanas através dos Alpes, guardando homens e tocando o rebanho. Nos arredores de Rottwell, eles se encontraram com os cães da região. Houve, então, uma miscigenação. A tarefa principal do Rottweiler voltava a ser a condução e a guarda de grandes rebanhos, de grandes animais e a defesa do seu dono e seu patrimônio. Ele recebeu esse nome por causa da antiga cidade de Rottweil: Rottweiler Metz-gerhund (Cão de açougueiro de Rottweil). Os açougueiros criaram esta raça por pura exibição, sem qualquer utilidade para ele. Assim, no decorrer do tempo, este cão de passeio passou a ser mais utilizado como cão de tração. No início do século, quando se pesquisaram diversas raças para a função policial, o Rottweiler também foi avaliado. Em pouco tempo demonstrou ser extraordinariamente adequado às tarefas do serviço policial. Por esta razão, no ano de 1910, foi oficialmente reconhecido como um cão policial. A criação do Rottweiller pretende um cão forte, preto com marcações em marrom avermelhado, claramente definidas, que, apesar do aspecto geral massudo, não deve prescindir de nobreza, sendo altamente indicado como cão de companhia, proteção e utilidade.

APARÊNCIA GERAL: É um cão robusto, porte de médio para grande, sem ser leve, grosseiro, pernalta ou esguio. Sua estrutura, em proporções corretas, forma uma figura compacta, forte e bem proporcionada, revelando potência, agilidade e resistência.

ESTRUTURA E PROPORÇÕES: O comprimento do tronco, medido da ponta do esterno à protuberância do ísquio, é maior que a altura na cernelha, no máximo, 15%.

COMPORTAMENTO / TEMPERAMENTO: É, basicamente, amigável e pacífico, muito apegado, adora crianças, fácil de se conduzir e ávido por trabalho. Sua estampa revela primitivismo, é autoconfiante, com coragem e nervos firmes. Sempre atento a tudo que o cerca, reage com grande presteza.

CABEÇA

REGIÃO CRANIANA

Crânio: de comprimento médio, largo entre as orelhas. Visto de perfil, a linha da testa é moderadamente

arqueada. Occipital é bem desenvolvido, sem ser muito protuberante.

Stop: bem definido.

REGIÃO FACIAL

Trufa: bem desenvolvida, mais para larga que para redonda, com narinas relativamente grandes e sempre de cor preta.

Focinho: não deve parecer alongado nem curto em proporção ao crânio. Cana nasal reta; larga na raiz, diminuindo moderadamente em direção à trufa.

Lábios: pretos, ajustados, comissura labial fechada, gengivas escuras, preferencialmente.

Maxilares / Dentes: fortes e largos. Dentição completa (42 dentes), os incisivos apresentam mordedura em tesoura.

Faces: arcadas zigomáticas bem desenvolvidas.

Olhos: tamanho médio, amendoados, de cor marrom profundo e pálpebras bem ajustadas.

Orelhas: de tamanho médio, pendentes, triangulares, bem separadas, de inserção alta. O crânio aparenta ser mais largo quando as orelhas estão voltadas para frente e caídas bem rentes às faces.

PESCOÇO: forte, moderadamente longo, bem musculoso, com uma linha superior ligeiramente arqueada; seco, sem barbelas ou peles soltas.

TRONCO

Dorso: reto, firme e forte. Lombo curto, forte e profundo.

Garupa: larga, de comprimento médio; ligeiramente arredondada e de angulação média.

Peito: largo e profundo (aproximadamente a metade da altura na cernelha), com antepeito bem desenvolvido e costelas bem arqueadas.

Ventre: linha inferior sem esgalgamento.

CAUDA: em condições naturais, ela é horizontal como prolongamento da linha superior; em repouso pode ser pendente.

MEMBROS

Anteriores: Vistos de frente, membros retos e moderadamente afastados. Vistos de perfil, antebraços retos e verticais. As escápulas formam um ângulo próximo a 45° com a horizontal.

Ombros: bem colocados.

Braços: bem ajustados ao corpo.

Antebraços: fortemente desenvolvidos e musculosos.

Metacarpos: fortes, ligeiramente flexíveis e oblíquos.

Patatas: redondas, bem fechadas e arqueadas. Almofadas plantares duras, unhas curtas, pretas e fortes.

Posteriores: vistos por trás, os membros são retos e moderadamente afastados. Em *stay natural*, a coxa forma um ângulo obtuso com a garupa e com a perna, assim como a perna com o jarrete.

Coxas: relativamente longas, largas e fortemente musculosas.

Pernas: longas, fortes, amplamente musculosas comandando com vigor os poderosos e bem angulados jarretes, jamais em ângulo muito aberto.

Patatas: as posteriores são um pouco mais alongadas que as anteriores, mas igualmente bem fechadas e arqueadas, com dedos fortes.

MOVIMENTAÇÃO: o Rottweiler é um trotador. O dorso permanece firme e relativamente imóvel. A evolução dos movimentos é harmônica, segura, forte e fluente, com um bom alcance de passada.

PELE

Couro da cabeça: bem ajustado, podendo, quando em atenção, apresentar leves rugas.

PELAGEM: formada por pêlo e subpêlo. Pêlo rijo, comprimento médio, tosco, denso e assentado. Nos posteriores o pêlo é um pouco mais longo. O subpêlo não deve ultrapassar o comprimento da pelagem externa.

COR: preta, com marcações bem delimitadas numa rica coloração de castanho nas faces, focinho, garganta, peito e pernas, bem como acima dos olhos e sob a raiz da cauda.

TAMANHO / PESO

altura na cernelha para MACHOS: 61 a 68 cm.

61 a 62 cm Pequeno

63 a 64 cm Média

65 a 66 cm Grande = altura ideal

67 a 68 cm muito grande

peso: 50 quilos.

altura na cernelha para FÊMEAS: 56 a 63 cm.

56 a 57 cm Pequena

58 a 59 cm Média

60 a 61 cm Grande = altura ideal

62 a 63 cm muito grande

peso: 42 quilos.

FALTAS: Qualquer desvio dos termos deste padrão deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

Aparência geral: leve, esguia, pernalta; musculatura e ossatura fracas.

Cabeça: com expressão de "hound", muito estreita, leve, muito curta, longa, pesada; testa chata (com pouco ou nenhum stop).

Focinho: focinho longo, nariz romano ou leporino; cana nasal côncava ou caída; trufa clara ou manchada.

Lábios: abertos, cor-de-rosa ou manchados, comissura labial aberta.

Maxilares: mandíbula estreita.

Faces: exageradamente pronunciadas.

Dentadura: mordedura em torquês.

Orelhas: de inserção muito baixa, pesadas, longas, dobradas para trás, assim como caindo abertas ou mal portadas.

Olhos: claros, profundos ou redondos. Pálpebras caídas.

Pescoço: muito longo, fino, pobremente musculado, barbelas ou peles soltas na garganta.

Tronco: muito longo, muito curto ou muito estreito.

Peito: estreito, costelas achatadas, em barril.

Dorso: muito longo, fraco, selado ou carpeado.

Garupa: muito curta, muito plana, ou muito caída ou muito longa.

Cauda: inserção muito alta ou muito baixa.

Anteriores: pernas dianteiras muito juntas ou não retas. Ombros abertos; cotovelos soltos ou voltados para fora; braço muito comprido, muito curto ou muito reto; metacarpos fracos ou retos. Patas abertas; dedos achatados ou excessivamente arqueados, dedos atrofiados; unhas claras.

Posteriores: posteriores com coxas planas, jarretes muito próximos, jarretes de vaca ou pernas em barril, angulações muito fechadas ou muito abertas, ergôs.

Pele: couro da cabeça enrugado.

Textura da pelagem: macia, muito curta ou muito comprida; pelagem ondulada, ausência de subpêlo.

Cor: marcações com a coloração errada, pobremente definidas ou muito extensas.

DESQUALIFICAÇÕES

Generalidades: características sexuais nitidamente reversas (machos afeminados e vice-versa).

Dentes: prognatas, retrognatas, torção de mandíbula, cães com falta de 1 molar, 1 pré-molar, 1 canino ou 1 incisivo.

Olhos: amarelos; cada um de cor diferente; entrópio, ectrópio.

Cauda: quebrada, enroscada, fortemente desviada lateralmente.

Pelagem: pelagem nitidamente longa ou ondulada.

Cor: ausência das marcações preto e castanho típicas do Rottweiler; Marcas brancas.

Comportamento: medrosos, tímidos, covardes, com medo de tiro, excessivamente desconfiados ou nervosos.

NOTAS:

· Os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal.

· Todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.

d. RETRIEVER DO LABRADOR

Grupo 8 - Retrievers, Levantadores e Cães D'Água.

Seção 1 - Retrievers

Padrão FCI nº 122 - 29 de janeiro de 1999.

País de origem: Grã-Bretanha

Utilização: Cão de Caça



RESUMO HISTÓRICO: popularmente considera-se que o Labrador Retriever teve origem na costa da Groenlândia, onde os pescadores foram vistos usando um cão de aparência semelhante para recuperar peixes. Um excelente cão de água; pelo resistente às intempéries e cauda singular, comparada à de uma lontra devido à sua forma, enfatizam essa característica. Comparativamente falando, o Labrador não é uma raça muito antiga, tendo sido formado o clube da raça em 1916 e o Clube do Labrador Amarelo foi fundado em 1925. Foi nas provas de campo que o Labrador encontrou a fama cedo, tendo sido originalmente introduzido nesta atividade no final de 1800 pelo Coronel Peter Hawker e pelo Conde de Malmesbury. Foi um cão chamado de Malmesbury T ramp, descrito por Lorna, Condessa de Howe, como uma das raízes do Labrador. **APARÊNCIA GERAL:** fortemente constituído, curto, muito ativo; crânio largo; largo e profundo no peito e costelas; largo e forte sobre o lombo e posteriores.

APARÊNCIA GERAL: fortemente constituído, curto, muito ativo; (o que se opõe a excesso de peso ou substância) crânio largo; peito e costelas largos e profundos; lombo e posteriores largos e fortes.

COMPORTAMENTO / TEMPERAMENTO: bom temperamento; muito ágil; excelente faro; cuidadoso ao recolher a caça (boca macia); apaixonado por água. Capaz de se adaptar em qualquer lugar; companheiro fiel. Inteligente, vivo e obediente, com muita vontade de agradar. De natureza amigável, sem nenhum traço de agressividade ou de timidez.

CABEÇA

REGIÃO CRANIANA

Crânio: largo. Bem definido, sem bochechas carnudas, Stop definido.

REGIÃO FACIAL

Trufa: larga, narinas bem desenvolvidas.

Focinho: poderoso, não pontudo.

Maxilares / Dentes: maxilares de tamanho médio; maxilares e dentes fortes, com uma perfeita, regular e completa mordedura em tesoura.

Olhos: de tamanho médio, expressando inteligência e bom temperamento; de cor marrom ou avelã.

Orelhas: nem grandes, nem pesadas, pendentes rente à cabeça e inseridas bem para trás.

PESCOÇO: seco, forte, poderoso, inserido em ombros bem colocados.

TRONCO

Dorso: linha superior nivelada.

Lombo: largo, curto e forte.

Peito: de boa largura e profundidade, com costelas bem arqueadas em barril.

CAUDA: característica da raça. Muito grossa na base, afinando gradualmente até a ponta; de tamanho médio, sem franjas, mas coberta completamente por pêlos curtos, espessos e densos, dando uma aparência "arredondada", descrita como "*cauda de lontra*". Pode ser portada alegremente, mas sem curvar sobre o dorso.

MEMBROS

Anteriores: de boa ossatura e retos do cotovelo ao solo, quando vistos de frente ou de perfil.

Ombros: longos e oblíquos.

Posteriores: bem desenvolvidos; sem inclinação para a cauda.

Joelhos: bem angulados.

Jarretes: bem descidos. Jarretes de vaca são altamente indesejáveis.

PATAS: redondas, compactas; dedos bem curvados e almofadas bem desenvolvidas.

MOVIMENTAÇÃO: livre, cobrindo adequadamente o terreno. Os membros anteriores e posteriores se movimentam dentro dos planos paralelos ao eixo do corpo.

PELAGEM

Pêlo: característico; curto, denso, sem ser ondulado e sem franjas, dando a impressão de ser bastante duro ao toque; o subpêlo é resistente às intempéries.

COR: inteiramente preto, amarelo ou fígado/chocolate. O amarelo vai do creme claro ao vermelho da raposa. Pequenas manchas brancas no peito são permitidas.

TAMANHO

ideal na cernelha: Machos: 56 a 57 cm.

Fêmeas: 54 a 56 cm.

FALTAS: qualquer desvio dos termos deste padrão será considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

NOTAS:

- Os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal.
- Todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.

e. PASTOR BELGA

Grupo 1 - Cães Pastores e Boiadeiros (Exceto Boiadeiros Suíços)

Seção 1 - Cães Pastores

Padrão FCI nº 15 - 22 de junho de 2001.

País de origem: Bélgica

Nome no país de origem: Chien de Berger Belge:

- Groenendael
- Laekenois
- Malinois
- Tervueren

Utilização: A origem do pastor belga, hoje cão de utilidade (guarda, defesa, pastoreio) e de serviço polivalente, é a mesma do cão de família.



RESUMO HISTÓRICO: ao fim do ano de 1800, existia na Bélgica um grande número de cães condutores de rebanhos, cujo tipo era heterogêneo e a pelagem de extrema diversidade. A fim de por um pouco de ordem nisso, cinófilos apaixonados constituíram um grupo e se deixaram esclarecer pelo professor A. Reul, da Escola de Medicina Veterinária de Cureghem, que é considerado o verdadeiro pioneiro e fundador da raça.

Foi entre 1891 e 1897 que a raça nasceu oficialmente. Em 29 de setembro de 1891, foi fundado em Bruxelas o "Clube do Cão do Pastor Belga" e, ainda, no mesmo ano, em 15 de novembro, o professor A. Reul organizou em Cureghem uma reunião de 117 cães, o que permitiu efetuar um recenseamento e escolher os melhores exemplares. Nos anos seguintes, começou uma verdadeira seleção, praticando uma extrema consangüinidade sobre alguns reprodutores.

Em 3 de abril 1892, um primeiro standard bem detalhado da raça foi redigido pelo Clube do Cão do Pastor Belga. Uma só raça foi admitida, com 3 variedades de pêlos. Todavia, nessa época, poucas pessoas tinham um Pastor Belga, portanto, era uma raça que ainda não tinha prestígio. Por consequência, foi somente em 1901 que os primeiros Pastores Belgas foram registrados no livro de Origens da Société Royale de Saint-Hubert (L.O.S.H.).

Durante os anos seguintes, os dirigentes da cinofilia pastoreia belga trabalharam com tenacidade para unificar o tipo e corrigir os defeitos. Pode-se dizer que em 1910 o tipo e o caráter do Pastor Belga tinham sido fixados. Durante a história do Pastor Belga, a questão das diversas variedades e das cores admitidas deram lugar a muitas controvérsias. Por outro lado, no que concerne à morfologia, ao caráter e à aptidão para o trabalho, nunca houve desacordo.

APARÊNCIA GERAL: é um cão mediolíneo, harmoniosamente proporcionado, juntando elegância e poder,

de tamanho médio, de musculatura seca e forte, inscrito em um quadrado; rústico, acostumado à vida ao ar livre e construído para resistir às variações atmosféricas tão frequentes no clima belga. Pela harmonia de suas formas e o porte altivo da cabeça, o Pastor Belga deve dar a impressão dessa elegante robustez que se tornou um atributo dos representantes selecionados de uma raça de trabalho. O Pastor Belga será julgado nas suas posições naturais, sem contato físico com o apresentador.

PROPORÇÕES IMPORTANTES: o Pastor Belga está inscrito em um quadrado. O peito desce até o nível dos cotovelos. O comprimento do focinho é igual ou ligeiramente superior à metade do comprimento da cabeça.

COMPORTAMENTO / TEMPERAMENTO: é um cão vigilante e ativo, transborda em vitalidade e está sempre pronto para a ação. À aptidão inata de guardião de rebanho, ele junta as preciosas qualidades de melhor cão de guarda de propriedade; diante da necessidade, ele é, sem a menor hesitação, um obstinado e ardoroso defensor de seu dono. Ele reúne todas as qualidades requeridas para ser um cão de pastoreio, de guarda, de defesa e de serviço. Seu temperamento vivo e alerta, seu caráter seguro, sem nenhum medo, nem agressividade, devem ser visíveis na atitude do corpo e na expressão ativa e atenciosa de seus olhos brilhantes. Deve-se registrar seu caráter "calmo" e "corajoso" nos julgamentos.

CABEÇA: portada alta, longa, sem exagero, retilínea, bem cinzelada e seca. O comprimento do crânio e o do focinho são semelhantes, no máximo, com uma vantagem muito tênue para o focinho, o que confere ao conjunto uma impressão de fino acabamento.

REGIÃO CRANIANA: de largura média, em proporção ao comprimento da cabeça; a testa mais para plana que arqueada e o sulco sagital pouco acentuado. Vistas de perfil, as linhas superiores do crânio e do focinho são paralelas. Crista occipital pouco pronunciada, arcadas superciliares e zigomáticas não proeminentes, Stop moderado.

REGIÃO FACIAL

Trufa: preta.

Focinho: de comprimento médio e bem cinzelado debaixo dos olhos, diminuindo gradualmente em direção ao nariz, em forma de cunha alongada; cana nasal reta e paralela à linha superior prolongada da testa. Boca bem aberta significa que: as comissuras labiais são puxadas bem para trás; os maxilares estão bem afastados.

Lábios: finos, bem fechados, e fortemente pigmentados.

Maxilares / Dentes: dentes fortes e brancos, regulares e fortemente inseridos nos maxilares bem desenvolvidos. Articulados em tesoura; a mordedura em torquês, que é preferida pelos condutores de rebanhos e gados, é tolerada. Dentição completa, correspondendo à fórmula dentária; a ausência de 2 pré-molares (2PM1) é tolerada e os molares 3 (M3) não devem ser levados em consideração.

Bochechas: secas e bem planas, embora musculosas.

Olhos: de tamanho médio, nem proeminentes, nem profundos; ligeiramente amendoados; oblíquos; de cor marrom, de preferência escuro; borda das pálpebras, pretas; olhar direto, vivo, inteligente e interrogador.

Orelhas: mais para pequenas, inseridas altas, de aparência nitidamente triangular, conchas bem arredondadas, as extremidades em ponta; rígidas, portadas retas e verticalmente quando o cão está em atenção.

PESCOÇO: bem desenvolvido, ligeiramente alongado, bem musculoso, alargando-se gradualmente para os ombros e sem barbela. A nuca é ligeiramente arqueada.

TRONCO: grande sem ser pesado. O comprimento da ponta do ombro até a ponta da nádega é aproximadamente igual à altura na cernelha.

Linha superior: a linha superior do dorso e do lombo é reta.

Cernelha: acentuada.

Dorso: firme, curto e bem musculoso.

Garupa: bem musculosa; inclinada muito ligeiramente; suficientemente larga, mas sem excesso.

Peito: pouco largo, mas bem descido. As costelas arqueadas em sua parte superior. Visto de frente, o antepeito é pouco largo, sem ser estreito.

Linha inferior: começa abaixo do peito e levanta-se ligeiramente em uma curva harmoniosa em direção ao ventre, que não é nem pendente, nem esgalgado, mas ligeiramente elevado e moderadamente desenvolvido.

CAUDA: bem inserida, forte na base, de comprimento médio, atingindo o jarrete ou o ultrapassando de preferência. Em repouso, é portada pendente, a ponta ligeiramente curvada para trás no nível do jarrete. Em ação, mais elevada, sem ultrapassar a horizontal. A curva em direção à ponta é mais acentuada, sem que ela nunca forme um gancho ou um desvio.

MEMBROS

Anteriores: ossatura sólida, mas não pesada. Musculatura seca e forte. Os anteriores são bem apumados

vistos de todos os lados e perfeitamente paralelos vistos de frente.

Ombros: as escápulas são longas e oblíquas, os ombros bem colocados, formando com o úmero um ângulo suficiente e ideal de 110 a 115°.

Braços: longos e suficientemente oblíquos.

Cotovelos: firmes, nem descolados, nem cerrados.

Antebraços: longos e retos.

Carpos: muito firmes e nítidos.

Metacarpos: fortes e curtos, os mais perpendiculares possíveis ao solo ou ligeiramente inclinados para a frente.

Patas: redondas, pés de gato, dedos arqueados e bem fechados. Almofadas espessas e elásticas. Unhas escuras e grossas.

Posteriores: poderosos, mas sem serem pesados; de perfil, os posteriores são bem apurados e, vistos por trás, perfeitamente paralelos.

Coxas: de comprimento médio, largas e fortemente musculosas.

Joelhos: aproximadamente apurados à garupa; angulação do joelho normal.

Pernas: de comprimento médio, largas e musculosas.

Jarretes: bem descidos, largos e musculosos. Moderadamente angulados.

Metatarsos: sólidos e curtos. Ergôs não são desejados.

Patas: podem ser ligeiramente ovais. Dedos arqueados e bem fechados. Almofadas espessas e elásticas. As unhas são escuras e grossas.

MOVIMENTAÇÃO: viva e livre em todos os seus tipos. O Pastor Belga é um bom galopador, mas sua movimentação habitual são os passos e especialmente o trote. Os membros se movem paralelamente ao plano mediano do corpo. Em grande velocidade, os pés se aproximam do plano mediano (single tracking). No trote, a amplitude é média, o movimento é regular e fácil, com uma boa propulsão dos posteriores. A linha superior permanece bem firme, sem que os anteriores sejam levantados muito alto (Hackney). Constantemente em movimento, o Pastor Belga parece incansável. Seu modo de andar é rápido, elástico e vivo. Ele é capaz de fazer uma mudança repentina de direção em plena velocidade. Pelo seu temperamento exuberante e seu desejo de guardar e proteger, ele tem uma tendência a se movimentar em círculo.

Pele: elástica, mas bem estendida sobre o corpo; borda dos lábios e das pálpebras bem pigmentadas.

PELAGEM E VARIEDADES: o pêlo é de comprimento, de direção, de aspecto e de cor variada nos Pastores Belgas, esse ponto foi adotado como critério para distinguir as 4 variedades da raça: o Groenendael, o Tervueren, o Malinois e o Laekenois. Essas quatro variedades são julgadas separadamente e podem obter, cada uma, uma proposição de CAC, de CACIB ou reserva deles.

TEXTURA DO PÊLO: em todas as variedades, o pêlo deve ser sempre denso, fechado e de boa textura, formando com o subpêlo lanoso uma excelente cobertura protetora.

A- PÊLO LONGO: o pêlo é curto sobre a cabeça, na face externa das orelhas e na parte inferior dos membros, menos na borda posterior do antebraço que é guarnecida do cotovelo ao carpo por pêlos longos chamados franjas. O pêlo é longo e liso sobre o restante do corpo. Mais longo e abundante ao redor do pescoço e sobre o antepeito, onde ele forma um colar e uma juba. A entrada do canal auditivo é protegida por pêlos espessos. Os pêlos, a partir da base das orelhas, são levantados e emolduram a cabeça. A parte traseira das coxas é provida de um pêlo muito longo e muito abundante, formando culotes. A cauda é guarnecida por pêlos longos e abundantes formando penacho. O Groenendael e o Tervueren são cães de pêlo longo.

B- PÊLO CURTO: o pêlo é muito curto sobre a cabeça, na face externa das orelhas e na parte inferior dos membros. É curto sobre o corpo e mais abundante na cauda e ao redor do pescoço, onde forma uma juba que nasce na base das orelhas, estendendo-se até a garganta. A parte traseira das coxas também é franjada de pêlos mais longos. A cauda é eriçada, mas não forma penacho. Os Malinois são de pêlo curto.

C- PÊLO DURO: o que caracteriza sobretudo o pêlo duro é seu estado de rudeza e de secura, que, além disso, é também áspero e eriçado. O comprimento do pêlo no corpo é de 6 cm sobre todas as partes. É mais curto sobre a cana nasal, na testa e nos membros. Ao redor dos olhos e ao redor do focinho, os pêlos não devem ser tão desenvolvidos a ponto de esconder a forma da cabeça. A existência da guarnição do focinho é, todavia, obrigatória. A cauda não deve formar penacho. Os Laekenois são de pêlo duro.

COR : Máscara: nos Tervueren e nos Malinois, a máscara deve ser muito bem pronunciada e tender a

englobar os lábios superiores e inferiores, a comissura labial e as pálpebras em uma só zona preta. Foi definido um mínimo de 6 pontos de pigmentação: as duas orelhas, as duas pálpebras superiores e os dois lábios (superior e inferior) devem ser pretos. Encarvoado: para os Tervueren e os Malinois, encarvoado significa que os pêlos têm uma extremidade preta, que sombreia a cor de base. Esse preto é de toda maneira em forma de "chama", e não pode estar presente nem em grandes placas, nem em verdadeiras listras (tigrado). Nos Laekenois, o encarvoado é mais discreto.

Groenendael: unicamente preto.

Tervueren: unicamente o fulvo encarvoado e o cinza-encarvoado com máscara preta. Entretanto, a cor fulvo-encarvoado é a preferida. O fulvo deve ser saturado, mas não deve ser nem claro nem esmaecido. Qualquer cão cuja cor seja diferente da fulvo-encarvoado ou que não responda à intensidade desejada não poderá ser considerado um exemplar de elite.

Malinois: unicamente fulvo-encarvoado com máscara preta.

Laekenois: unicamente fulvo com traços de encarvoado, principalmente, no focinho e na cauda.

Para todas as variedades: um pouco de branco é tolerado no peito e nos dedos.

TAMANHO

Altura na cernelha: a altura desejada é em média de:

62 cm para os machos.

58 cm para as fêmeas.

Limite: menos 2 cm, mais 4 cm.

Peso: Machos: entre 25 e 30 kg.

Fêmeas: entre 20 e 25 kg.

Medidas: medidas médias normais de um cão Pastor Belga, macho de 62 cm na cernelha:

· comprimento do corpo (da ponta do ombro à ponta da nádega): 62 cm.

· comprimento da cabeça: 25 cm.

· comprimento do focinho: 12,5 a 13 cm.

FALTAS: Qualquer desvio dos termos deste padrão deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

· Aparência geral: muito pesado, falta de elegância, muito leve ou muito fraco, mais longo do que alto, inscrito em um retângulo.

· Cabeça: pesada, muito forte, falta de paralelismo, sem cinzelamento ou seca; testa muito arredondada; stop muito marcado ou não marcado; focinho muito curto ou pontudo; cana nasal côncava; arcadas soperciliares ou zigomáticas muito proeminentes.

· Trufa, lábios e pálpebras: sinais de despigmentação.

· Dentição: incisivos mal implantados. DEFEITO GRAVE: falta de 1 incisivo, de 1 PM3, 3 PM1, 1PM2 ou 3PM1.

· Olhos: claros, redondos.

· Orelhas: grandes, longas, muito largas na base, inseridas baixas, divergentes ou convergentes.

· Pescoço: fraco; curto ou enterrado entre os ombros.

· Corpo: muito alongado; laterais do tórax muito largas (cilíndricas).

· Cernelha: apagada ou baixa.

· Linha superior: dorso e/ou lombo longos, fracos, selados ou carpeados.

· Garupa: muito inclinada ou elevada.

· Linha inferior: descida demais ou de menos; excesso de ventre.

· Cauda: inserida muito baixa; portada muito alta; formando gancho; desviada.

· Membros: ossatura muito leve ou muito pesada; vistos de perfil, mal aprumados (ex. anteriores muito oblíquos ou carpo fraco). Vistos de frente, pés virando para fora ou para dentro, cotovelos deslocados, etc. Ou, vistos por trás, posteriores muito juntos, afastados ou em forma de barril, jarrete aberto ou fechado etc.; muito pouco ou exageradamente angulados.

· Patas: abertas.

· Movimentação: fechada, passos muito curtos, pouca propulsão, má transmissão pelo dorso, hackney.

· Pêlo: nas 4 variedades: insuficiência de subpêlo.

Groenendael e Tervueren: pêlo lanoso, ondulado ou crespo. Pêlo insuficientemente longo.

Malinois: pêlo meio longo onde deveria ser curto; pêlo liso; pêlos duros disseminados entre os pêlos lisos; pêlo ondulado.

Laekenois: pêlo muito longo, sedoso, ondulado, frisado ou curto; cheio de pêlos finos, espalhados por

mechas entre os pêlos duros; pêlos longos ao redor dos olhos ou ao redor da extremidade inferior da cabeça; cauda espessa.

· Cor: nas 4 variedades: manchas brancas formando plastrão. Branco nas patas, ultrapassando os dedos.

Groenendael: reflexos vermelhos no pêlo, culotes cinza.

Tervueren: cinza.

Tervueren e Malinois: tigrado; tons insuficientemente vivos; insuficiência ou excesso de encarvoado ou sua disposição em placas pelo corpo; insuficiência de máscara.

Tervueren, Malinois e Laekenois: fulvo muito claro; uma cor de base muito fraca, chamada "desbotada", é considerada como um defeito muito grave.

· Caráter: cães inseguros ou hipernervosos.

DEFEITOS ELIMINATÓRIOS

· Caráter: exemplares agressivos ou medrosos.

· Aparência geral: atípicos.

· Dentição: prognatismo superior ou inferior, mesmo sem perda de contato (tesoura invertida); oclusão cruzada; ausência de 1 canino (1C), de 1 pré-molar superior (1 PM4) ou inferior (1M1), de 1 molar (1M1 ou M2, menos o M3), de 1 pré-molar 3 (1PM3) mais qualquer outro dente, ou um total de 3 dentes (menos os pré-molares) ou mais.

· Trufa, lábios, pálpebras: fortemente despigmentados.

· Orelhas: caídas ou mantidas artificialmente eretas.

· Cauda: ausência de cauda (de nascimento ou por corte); portada muito alta e em forma de anel ou enrolada.

· Pêlo: ausência de subpêlo.

· Cores: todas as cores que não correspondam às cores das variedades descritas. Manchas grandes no peito, especialmente se elas forem até a cernelha. Branco nas patas, ultrapassando a metade dos metacarpos ou dos metatarsos, formando meias. Manchas brancas em outros lugares além do peito ou dos dedos. Ausência de máscara incluindo o focinho mais claro do que a pelagem do Tervueren e do Malinois.

· Tamanho: fora dos limites permitidos.

CRUZAMENTOS / ACASALAMENTOS INTER-VARIEDADES

Os acasalamentos inter-variedades são proibidos, a não ser em casos bem particulares, com a permissão especial da comissão de criação nacional competente (texto feito em Paris, 1974).

NOTAS:

· Os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal.

· Todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.

5. CRIAÇÃO

É o cultivo de melhores exemplares através de processos contínuos de seleção. Com a escolha certa dos reprodutores, podemos aprimorar o nosso plantel, valorizando a matéria – prima e conseqüentemente, seu produto.

6. ESCOLHA DOS REPRODUTORES:

- a) qualidade dos exemplares adquiridos: devem ser de raça pura, possuir pedigree (Certificado de Registro de Origem).
- b) serem de boa linhagem.
- c) excelente estado de saúde, exemplares adquiridos de fontes duvidosas costumam trazer doenças ou ainda, problemas estruturais que comprometem o padrão da raça escolhida. A idade costuma comprometer o investimento feito.
- d) em hipótese alguma poderá haver consangüinidade entre os reprodutores, numa simples observação no pedigree dos reprodutores, pode-se observar sua árvore genealógica, sua idade, os títulos adquiridos por seus pais.

Fundamental também é a filiação a uma entidade que faça o registro e que reconheça oficialmente o canil (Kennel Club e a Sociedade de Pastores Alemães). Dependendo da raça escolhida, devem ser acatados todos os procedimentos para acasalamento e registro dos filhotes.

A idade ideal para acasalamento seria dos machos a partir de dois anos e as fêmeas a partir do 3º cio.

7. REGISTRO GENEALÓGICO E PROVAS DE TRABALHO:

PEDIGREE

O **Pedigree** é o Certificado de Registro de Origem (CRO) do cão, sendo uma certidão de nascimento onde constam os dados de seus pais, avós e bisavós (nomes e resultados obtidos em provas oficiais e seleções). Dados como dia do nascimento, nome dos irmãos de ninhada, controle de doenças genéticas (displasias, etc), tatuagem o microchip, criador e proprietário, provas de trabalho a que foi submetido, entre outras informações.

PROVAS DE TRABALHO

Provas de trabalho tem por finalidade a seleção dos cães para diversas atividades, sendo critérios objetivos de avaliação da aptidão dos cães para o exercício do trabalho (coragem, capacidade de trabalho, treinabilidade, agressividade, controle, etc).

São ferramentas para a evolução das técnicas de adestramento, gerando necessidade de aperfeiçoamento constante.

É um método de comprovação do adestramento ao qual o cão foi submetido.

As principais provas de trabalho são:

- 1) Schutzhund – Sch (em alemão), Cão de Trabalho – CT (português):
Níveis: A, 1, 2 e 3
Constituição: Faro (Seção A), Obediência (Seção B) e Proteção (Seção C).
Mundialmente conhecida, praticada em todo mundo. Somente Pastores Alemães. Mundial da WUSV.
- 2) IPO, ou RCI, Regulamento de Campeonato Internacional:
Idem ao Sch CT, mas coordenada pela FCI, e é inter-raças.
- 3) WPO (Regulamento Mundial de Prova de Polícia)
Constituição: Faro (Seção A), Obediência (Seção B) e Proteção (Seção C).
Somente participam cães e condutores de instituições policiais ou militares. Prova relacionada à rotina policial, mais importante competição de cães militares do mundo.
- 4) Ring Belga (Belgian Ring)
Prova restrita à Bélgica, civil, do sistema FCI, uso predominante de PBM. Uso de Bite suit. Cão é testado em local, tipo um ringue de provas, simulando diversas situações extremas de ataque, defesa, faro e obediência.
- 5) Ring Francês (French Ring)
Prova restrita à França, civil, do sistema FCI, uso predominante de PA e PBM. Uso de Bite suit. Similar à anterior, mas o Bite suit é mais leve, o figurante tem mais mobilidade e força mais o cão.
- 6) KNPV (Ring Holandês)
Ring da polícia Holandesa com 3 níveis de dificuldade. Sistema FCI. Participam policiais e civis. Uso de Bite suit.
- 7) Mondioring
Sistema criado pela FCI para unir as provas anteriores de ring, adaptado-as numa competição que é mundial (internacional). Uso de Bite suit.
- 8) Cão Acompanhante (CAC) (Bleitonhund)
Prova com obediência básica, prova de trânsito (testa a socialização do cão frente a acontecimentos comuns do dia a dia na rua: pessoas passando, jogando bola, andando de bicicleta, carro, moto, etc). Prova usada para habilitar cães e condutores a saírem na ruas para passeio. É um teste de habilitação, apto ou inapto, não uma competição.

8. EQUIPAMENTOS BÁSICOS PARA ADESTRAMENTO:

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Colete de fotógrafo/pescador com bolso grande atrás	01
Chuteira de futebol	01
Rasqueadeira de cerdas metálicas	01
Enforcador de elos alongados	01
Protetor de testículos	01
Cordinha de 10 metros	01
Bola de borracha com cordinha	02
Salsicha mordente	02
Guia de 1 metro	01
Guia de 1,5 metro	01
Guia de 10 metros	1
Salsicha pré cozida*	-

São partes da guia:

- a. alça da guia;
- b. suporte da alça
- c. corpo da guia
- d. suporte do mosquetão;
- e. mosquetão.

O colar de elos metálicos/enforcador, pesado, médio ou leve tem que ser de acordo com o cão.

A rasqueadeira auxilia na manutenção do estado de saúde e higiene dos cães e facilita o trabalho de consolidação da fase de amizade entre o treinador e o cão.

Os mordentes e brinquedos em geral são recompensas reforçadores de respostas, assim como para treinar a “boca” do cão.

ADESTRAMENTO

CONCEITOS

Adestrar é tornar mais agradável ao homem o convívio com o cão, utilizando para tal métodos de repetição e condicionamento, conduzindo seus instintos e impulsos e aproveitando suas reações.

É aproveitar as qualidades existentes no cão, de modo que seu convívio torne-se algo prático, agradável e útil. Para tanto, é necessário a utilização de métodos técnicos de observação, repetição e condicionamento, com objetivos claros, sem improvisos.

ADESTRADOR MILITAR

É o militar habilitado a fazer com que o cão destinado ao emprego na força terrestre, cumpra as finalidades inerentes a sua condição de Cão de Guerra.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO ADESTRAMENTO

Conhecimento constante dos exercícios;
Repetição constante dos exercícios;
Identificação do progresso do animal;
Perseverança.

PRINCÍPIOS GERAIS DO ADESTRAMENTO

O cinófilo deve impor-se como mestre de seu cão, pois ele é quem trata diariamente de seu animal;
A repetição é a base do treinamento, devendo o cinófilo repetir os comandos (mesmo os já aprendidos pelo cão);
O cinófilo deve reconhecer as limitações do seu cão;
O cinófilo nunca deverá perder a paciência com o cão, para tal, sempre que o cinófilo estiver de mal humor este deve interromper ou evitar o treinamento;
As técnicas de emissão dos comandos servem para facilitar o adestramento do cão;
A cada comando dado, o cão deverá reagir de uma forma, ou seja, não poderá ocorrer situações onde um comando dado não acarretará em uma execução;

Os comandos :

deverão ser dados com firmeza e clareza;
o timbre e o tom de voz são de suma importância e não o volume e a intensidade;
depois da voz, os gestos serão utilizados para facilitar o treinamento.

A punição:

Ignorar o comportamento (não recompensar)
Sempre visará a correção do animal e será realizada sempre via trela;
Deverá vir logo após a falta cometida e de intensidade compatível ao temperamento e sensibilidade do animal;
O comando sempre será a palavra NÃO, pronunciada sempre com bom tom e firmeza;

A recompensa:

Deverá vir sempre a cada exercício realizado por completo;

Petisco

Palavras de carinho, afagos, liberdade para brincar, execução de exercícios preferidos pelo animal;

Como punição, deve ser proporcional ao temperamento do animal;

Deve ser exata de modo que não atrapalhe o treinamento.

VIRTUDES DO ADESTRADOR

Quem se propõe ao trabalho com cães, deve possuir qualidades, ou então cultivá-las de modo positivo:

Gostar de cães - inclusive de realizar sua higienização.

Inteligência - Já ficou positivado que uma pessoa de QI baixo, não será um bom cinófilo;

Paciência e Perseverança – Um cão não pode ser forçado a ter um comportamento desejado pelo cinófilo, nem este deverá esperar que o animal tenha a capacidade de compreensão idêntica ‘a do homem. O cinófilo deverá ser paciente e perseverante em cada exercício até vê-lo realizado com êxito.

Coordenação Física e Mental – Um bom cinófilo deverá ser capaz de transmitir seus comandos não só através de gestos e movimentos do corpo mas, também, de viva voz. Isto requer grande coordenação física e mental.

Robustez – Não basta o cinófilo possuir boa coordenação. Ele deverá também ser capaz de resistir um esforço tão prolongado quanto o necessário. Durante os períodos de adestramento o cinófilo deverá estar em condições de sobrepular o seu cão em resistência física.

Iniciativa – Embora o modo de proceder durante o treinamento esteja regulamentado, é inevitável surgirem situações ainda não previstas. O cinófilo deverá ser capaz de enfrentar essas situações com êxito.

Dedicação – A integridade do cão fica inteiramente entregue ao cinófilo. Os cães não tem meios para reclamar o tratamento que recebem e seu estado físico depende principalmente, do grau de dedicação com que os cinófilos executam as tarefas de manutenção dos canis, higiene e alimentação dos animais, tantas vezes quantas forem necessárias. Uma falha nessas obrigações significará em prejuízo no programa de adestramento.

Confiança – Uma vez que os cães poderão vir a ser escalados para a guarda de locais importantes, é imperativo que o cinófilo inspire confiança irrestrita.

Observador e Detalhista - A base do adestramento é o detalhe, se o cinófilo não exigir de si e do seu cão tal rigor, o êxito do adestramento não será atingido com a perfeição esperada, e ainda, possuir um alto grau de observação, em todos os instantes ter a atenção voltada para o seu cão e tudo mais que esteja a sua volta, para evitar influências negativas ou transtornos no trabalho a ser realizado.

Ter a mente aberta para compreensão e o aprendizado, que leva sua vida inteira (tanto do adestrador, quanto do cão), pois cada cão é uma nova experiência, um novo processo a ser avaliado e trabalhado, sempre há uma novidade.

Ter objetivos claros, definidos.

Utilizar métodos técnicos (não é necessário que sejam ortodoxos).

Ter cautela com empirismo, pois podem trazer resultados instáveis.

VIRTUDES DO CÃO MILITAR

Devemos considerar que para cada atividade, inclusive o serviço militar, algumas características devem ser selecionadas no cão, tais como:

Sobriedade – moderação, simplicidade constata e razoável nas atitudes;

Robustez - força e vigor, para simplesmente pela aparência já cause impacto psicológico, e, capacidade de resistir a intempéries;

Agilidade – vivacidade, desembaraço, presteza de movimentos, para que, quando devidamente exigido tenha condições de prestar seus serviços;

Memória - faculdade e facilidade de reter idéias e noções adquiridas;

Fidelidade – lealdade, firmeza e integridade para com seu condutor.

CÃO PARA OPERAÇÃO E CONTROLE DE DISTÚRBIOS

Antes de iniciarmos o estudo sobre o emprego de cães na OCD, veremos alguns conceitos básicos:

Conceito de cão de OCD: É todo o cão treinado para ser empregado em apoio a tropa ou como repressor direto em qualquer situação de operação e controle de distúrbio, devido a seu porte, sua coragem física, determinação e agressividade.

Conceitos de massa humana em situações de desordem:

Aglomeração: grande número de pessoas temporariamente reunidas; geralmente, os membros de uma aglomeração pensam e agem como elementos isolados e não organizados. A aglomeração poderá resultar da reunião acidental e transitória de pessoas; tal como acontece na área comercial de uma cidade em seu horário de trabalho ou nas estações ferroviárias em determinados instantes.

Multidão: aglomeração psicologicamente unificada por interesse comum. A formação da multidão caracteriza-se pelo aparecimento do pronome **NÓS** entre os membros de uma aglomeração, assim, quando um membro de uma aglomeração afirma - **NÓS ESTAMOS AQUI PARA CULTURA ... - NÓS ESTAMOS AQUI PARA PROTESTAR ...** - podemos também afirmar que a multidão está constituída e não se trata mais de uma aglomeração.

Turba: multidão em desordem; reunião de pessoas que, sob o estímulo de intensa excitação ou agitação, perdem o senso da razão e respeito à lei, passando a obedecer indivíduos que tomam a iniciativa de chefiar ações desatinadas. A turba pode fazer tumultos e distúrbios.

Manifestação: demonstração por pessoas reunidas, de sentimento hostil ou simpático à determinada autoridade; a alguma condição, movimento acadêmico ou social.

Tumulto: desrespeito à ordem, levado à efeito por várias pessoas, em apoio a um desejo comum de realizar certo empreendimento, por meio de ação planejada contra quem a elas se opor. O desrespeito à ordem é uma perturbação da mesma por meios de ações ilegais, conduzidas numa demonstração de natureza violenta ou turbulenta.

Distúrbio: inquietação ou tensão que toma a forma de manifestação. Situação que surge dentro do país ou organização, decorrente de atos de violência ou desordem e prejudicial à manutenção da lei e da ordem. Poderá porvir da ação de uma turba ou originar-se de um tumulto.

Calamidade pública: desastres de grandes proporções, ou sinistros; resulta da manifestação de fenômenos naturais em grau excessivo e incontrolável, como inundações, incêndios em florestas, terremotos, tornados, furacões; de acidentes como: explosões, colisão de navios, trens e etc... ou da dissimulação de substâncias letais, que poderão ser de natureza química ou nuclear.

Perturbação da ordem pública: em sentido amplo, são os tipos de ações que comprometam, prejudiquem ou perturbem a organização social, pondo em risco as atividades, os bens privados e públicos.

RAÇAS MAIS EMPREGADAS:

Rottweiler, Pastor-Alemão e Mallinois.

CARACTERÍSTICAS

Agressividade alta (controlada);
Médio grau de adestramento;
Porte compatível; e
Coragem.

CÃO DE GUARDA

Cão de Guarda é todo cão treinado com o objetivo de dar o alerta e (ou) impedir que algum elemento estranho venha a invadir algum local e (ou) agredir determinada pessoa ou grupo.

EMPREGO

O cão de guarda poderá ser empregado na guarda estática, passiva, localizada nos pontos críticos interiores ou periféricos, tais como: área de estacionamento de aeronaves, posições de tiro, depósitos de munição, depósitos de ração, depósitos de explosivos, parque de viaturas, etc

RAÇAS MAIS EMPREGADAS

Pastor Alemão;
Rottweiler;

Mallinois.

CARACTERÍSTICAS:

Alta agressividade;
Médio grau de adestramento;
Médio a alto grau de inquietação;
Alto grau de territorialidade;
Médio a grande porte e
Robustez.

CÃO DE POLICIAMENTO DE PESSOAL

Antes do estudo propriamente dito, convém ressaltar que o cão é considerado (juridicamente) como uma arma, sendo assim, cabe a figura do portador (condutor) a utilização correta bem como a responsabilidade em caso de acidentes envolvendo o cão.

É o cão empregado no policiamento ostensivo, com o intuito de impacto moral ou agente direto.

O cão de policiamento será adestrado para defender seu condutor e os outros policiais que estejam próximos a seu condutor. Será empregado de forma isolada como podemos ver nos policiamentos de estádio de futebol e de forma que o adestrador forme uma dupla com outro policial, ou com outra dupla homem-cão. O posicionamento do cão será ao centro da dupla de policiais de forma que empeça o contato direto do cão com a população.

CÃO DE FARO:

Cão de faro é todo cão treinado para encontrar objetos, pessoas ou qualquer substância (natural ou não), utilizando para tal, o olfato.

Para o homem um objeto deixa de existir assim que desaparece da sua visão, mas para o cão, mesmo quando o objeto já não está fisicamente ali, ele continua presente durante várias horas ou mesmo dias, graças a seu cheiro.

Características:

- **Possessividade:** o cão de faro deve possuir um elevado grau de possessividade, pois a base para um treinamento de faro é a possessividade.
- **Porte:** deve ser compatível ao emprego.
- **Autoconfiança:** característica fundamental, que possibilitará ao animal, o trabalho em diversas situações.
- **Disposição física:** para transpor obstáculos e esgueirar-se em terreno difícil.

TIPOS DE EMPREGO

Cão Farejador de Drogas:

-O Cão Farejador de Drogas é empregado em situações onde seria difícil ou demorada uma varredura por uma pessoa especializada em busca de tóxicos; as raças mais empregadas são: Pastor Alemão, Retriever do Labrador e o Mallinois.

Cão Detector de Explosivos:

-É empregado na varredura de locais onde existe a suspeita da presença de algum artefato explosivo, por meio de sabotagem, atentado ou acidente; seu treinamento é difícil e ainda é pouco empregado no Brasil. Raças mais empregadas: Pastor Alemão, Retriever do Labrador e o Mallinois.

PRÁTICA DE ADESTRAMENTO

1ª FASE – ADESTRAMENTO BÁSICO

ADESTRAMENTO BÁSICO

Existem dois processos **DISTINTOS** e **POSITIVOS** em nosso adestramento: **Processo Mecânico** e **Processo Lúdico**.

PROCESSO MECÂNICO:

Antes do início do trabalho, todo adestrador deverá passear com o cão durante o tempo necessário a consolidação da amizade, comunicando-se com o cão e aproveitando para estudar suas reações aos estímulos, explorando sutilmente suas respostas, facilitando de modo positivo assim o estreitamento no relacionamento. É importante que o Cão tenha sempre a imagem de coisas agradáveis em relação ao seu adestrador, pois assim quando houver necessidade de alguma correção, o simples fato de não receber carinho já surtirá efeito como se estímulo negativo fosse.

Devemos, quando possível, introduzir em sua memória alguns comandos como: **passear, não** e **aqui** (além do brinquedo, o que certamente facilitará todo o processo de aprendizado). Em se tratando de filhotes, se estiver usando o colar, este deverá estar travado para não causar traumas (pois nesta fase podemos predispor-lo ou não a determinadas reações). Se aplicarmos corretamente a técnica, observando criteriosamente a boa condução da reação comportamental do indivíduo, certamente obteremos êxito sem o uso da força.

O cão estando à vontade, o dono o estimulará com brincadeiras, mudando sempre de sítio, de modo a agradá-lo quando em sua companhia, introduzindo neste momento os comandos cabíveis.

Poderá brincar também com uma bolinha de tênis ou salsicha de cizal para desenvolver sua mordedura, sempre reforçado ao máximo o interesse por brinquedos. Neste momento devemos conhecê-lo bem, aproximando-o das pessoas e outros cães a fim de minimizar qualquer atitude anti-social que porventura possa surgir em relação a tudo e a todos, evitando sempre que possível a exposição aos estímulos eliciadores e, quando estes surgirem, possa ser tomada uma atitude educativa, corrigindo a intenção e não a ação, de modo que não cause traumas ou dificulte o aprendizado pelo cão. Este seria um forte motivo para não liberarmos o animal sem guia, sem ter total domínio, pois poderia investir contra uma pessoa ou outro animal qualquer, ou até mesmo contra seu condutor.

Com a utilização do brinquedo, podemos também, além de treinar sua mordedura, ensinar o cão a largar e a latir, a trocar e a jogar. Facilitando muito nosso trabalho no futuro. Para fazer o filhote largar o brinquedo basta parar a disputa, erguer um pouco o brinquedo e passar a mão em sua garganta, de baixo para cima, sendo um bom filhote vai largar fácil, os mais possessivos sugerem uma pequena pressão no pomo.

Podemos também fazer com que persiga o brinquedo enquanto trocamos de mãos, fazendo-o passar entre as pernas e adicionando o comando “Cruza”.

Senta (exercício de controle)

Tendo sido introduzido na fase anterior, agora iremos aperfeiçoá-lo.

Com o cão a sua esquerda, a mão esquerda irá sobre o trem posterior (garupa) do animal, formando uma pinça com o polegar e o indicador, carregando para baixo e para dentro (quando o cão sentar aberto). A mão direita auxiliará puxando com a guia para cima e para a direita, pronunciando o comando “Senta”. Agradando ininterruptamente, subindo e descendo lentamente a mão pelo seu dorso acariciando para confortá-lo e conscientizá-lo que aquela é a situação mais agradável que existe para ele (**obs:** corrigir a

posição da cauda, se este possuir), e mantê-lo no local, deixando o mesmo nesta posição por breves instantes. Uma dica, fazer carinho com a mão esquerda na orelha esquerda do cão. Repetir todos os procedimentos acima até o cão mecanize a sequência do comando e sua execução, ganhando sempre a recompensa após a resposta, e assim, sempre que a situação permitir, instintivamente execute o exercício.

Quando, numa fase seguinte, o condutor fizer alto, o cão terá que sentar automaticamente.

Junto (exercício de amizade)

A correção o será executada da seguinte forma: partindo do exercício “senta”, assim que o cão se adiantar (o cão tem que ser voluntarioso!!!!) mudar bruscamente de direção, fazendo um ângulo reto à direita e chamando o cão, tracionando suavemente com a mão direita para a direita, a mão esquerda fará carícias na orelha esquerda do cão assim que este acompanhar o movimento do exercício proposto. O exercício é sempre um convite à dinâmica de movimento, nunca uma obrigação. Evitar que o cão venha a forçar a garganta, em qualquer direção, devendo o adestrador utilizar de sua criatividade e percepção a fim de contornar respostas indesejadas, sem, contudo, causar danos ao aprendizado do cão.

Já confirmado o elo de amizade, e conseguido introduzir os primeiros comandos:” Não”, “Passear”, e “Aqui”, e ainda, sabendo sentar, que durante o período de amizade funcionou como aproximação para atrair o animal até o condutor, deverá ser desencadeado o processo de ensinamento deste novo exercício. Marcar um ponto de partida com o cão ao seu lado esquerdo - uma convenção o internacional - colar ajustado a seu pescoço, traçará uma reta imaginária, rompendo sempre com a perna esquerda. Primeiramente andar em linha reta, auxílios de voz e carinhos para que o cão se condicione a acompanhá-lo. Se atrasar dará uma leve tração na guia; com passos curtos e vivos, inclinando à dinâmica e impulso ao movimento (o cão tem este impulso), se adiantar, pode-se quebrar a trajetória, de maneira brusca para a direita, e ainda, uma leve carga de guia para junto de si, de modo que o cão entenda que quando se adiantar, correrá o risco de não acompanhar a trajetória de deslocamento de seu dono. Ao se afastar, pode-se utilizar o mesmo procedimento. No início do deslocamento, com a saída da posição básica, com a perna esquerda, comando de voz e ainda, nas mudanças de direção. Vale lembrar que o cão sempre deverá executar o exercício com satisfação.

Com a evolução do aprendizado, pode-se variar o circuito, com deslocamentos em ziguezague, quadrados a esquerda e direita, círculos, trotes, meia volta, ao som de ruídos diversos, etc.

Sempre ao fazer alto, o cão deverá sentar automaticamente, conforme aprendera anteriormente.

Um observação, sempre que for mudar de frente (a pé firme), tenho que deixar um pequeno espaço para que o cão manobre com seu corpo, pois sua coluna encontra-se na horizontal (ele é um quadrúpede), se fizer o movimento sem este espaço, corro o grande risco do cão se mover em demasia e executar o exercício de modo não tão elegante.

Fica (estímulo neutro)

Sendo estímulo neutro, o cão de fato não saberá de sua existência, mas existe, pois o animal deverá permanecer em seu lugar, ou na última posição, sendo reforçado pelo comando a que se quer obter uma resposta, ocorrendo o emparelhamento e posterior anulação de estímulos. A grosso modo, não seria o ideal, mas é muito usual, introduzirmos o comando e depois o extinguímos. (vide psicologia), em síntese, o cão só sairá para acompanhar seu dono se este sair com a perna esquerda.

Partindo do exercício sugerido, o adestrador ensinará o cão a ficar, passando a guia a mão esquerda, a mão direita espalmada, voltada para a trufa do cão, tencionando a guia levemente acima

da cabeça do cão (em movimento simultâneo), sairá lentamente com a perna direita, bloqueando a frente, se for o caso, para que o animal não o acompanhe, utilizando o comando do último exercício para reforçar a situação presente, se for o caso, para que permaneça na posição desejada; logo após retirará a perna esquerda, lentamente, reforçando o comando anterior e posicionando-se a sua frente, permanecendo por algum tempo; retornará ao lado direito do cão, dando-lhe recompensa. Repetirá quantas vezes for necessário, anulando e extinguindo os reforços do emparelhamento, aumentando a distância e posicionamento do adestrador (semicírculos a esquerda e direita).

Deita 1 (exercício de submissão)

Para melhor postura do cão neste exercício, o adestrador deverá observar a posição da cauda e de seu posterior antes que o execute, tomando cuidado para que o cão esteja sentado de lado, conseqüentemente poderá cair de lado quando for deitar, além da posição de sua cabeça, que não deverá ficar apoiada ao solo (a posição ideal é a de esfinge).

O Cão estando em “Senta”, o condutor abaixando-se a sua frente; segurará os antebraços do cão, com o polegar dentro de seu cotovelo (a guia e o mosquetão não devem ser obstáculos para o animal), puxando-os levemente para baixo e para frente, simultaneamente comandando “Deita”, mantendo-o ali por alguns instantes e proporcionando-lhe as recompensas, para que se sinta confortável neste exercício. Após algumas repetições, vem o condicionamento. Para completar o exercício, o condutor levantará lentamente, utilizará uma porção razoável da guia, executando semicírculos a direita e a esquerda, sempre visualizando o mesmo; quando preciso, reforçando o comando de deitar, retomando ao seu lado direito, e comandando “Senta”, utilizando algum estímulo sonoro, evitando que seja utilizado um estímulo negativo (golpe de guia), esta parte do exercício pode ser introduzida no exercício “senta”, dependendo do cão.

Para a execução do “Senta” o adestrador deverá proceder de maneira inversa.

Deita 2 (exercício de submissão)

O cão estará em “Senta”, à esquerda do adestrador com o colar ajustado em seu pescoço, a guia estará na mão direita, com a mão esquerda postada no suporte do mosquetão ou no colar, fazendo um gancho com o polegar envolvendo o colar, próximo ao pescoço, sairá com a perna direita a frente (nunca esquecer que a perna esquerda sai simultaneamente com o comando “Junto”), evitando que o animal não saia da posição nem rasteje a frente, pressionará a mão esquerda, que está sobre o colar, para baixo e para frente, simultaneamente flexionará as pernas e comandará “Deita”, até que o animal execute o movimento, cuidando para que não fique com a cabeça abaixada, se houver resistência por parte do animal, corrigirá com “Não” e reforçando o comando de “Deita”, continuando o movimento até que o execute corretamente sem resistência, quando irá recompensá-lo. Gradualmente irá tirar o reforço do comando, o auxílio no colar. Poderá acariciá-lo, acalmando-o e mantendo-o no local por alguns instantes. Em seguida o adestrador levantará lentamente, fará semicírculos, retornando ao lado direito do animal, agradando-o e recompensando-o.

Aqui

Este exercício tem uma função fundamental, tem que ser o mais forte dos comandos e a melhor das respostas. É um exercício de amizade, pois está alicerçado como sendo uma das bases no convívio social entre ambos, onde o adestrador terá o total controle e domínio de seu cão (nesta fase devemos evitar correções severas), cão estará em “Senta” ou “Deita”, o adestrador se posicionará a frente do animal, chamará com tom de voz, um brinquedo ou petisco, se for preciso, ajudando com a guia, podendo estar abaixado, chamando a sua atenção. O cão deverá se aproximar com velocidade e alegria, sentando-se a sua frente ou ao seu lado, recompensando-o sempre. Será uma situação agradável...

2ª FASE – ADESTRAMENTO AVANÇADO

Proteção

Nesta fase, o cão de maneira alguma poderá sofrer qualquer tipo de repreensão, mas sim estímulos positivos, para que desenvolva com perfeição seu instinto de caça (ou defesa nos cães sensíveis), ao trabalhar de maneira inadequada, tanto o adestrador como o figurante, poderão destruir em vez de construir, causando conflitos, traumas ou deixando o cão incontrolável. O adestrador deverá intensificar ao máximo os estímulos positivos introduzindo os comandos, “Cuida”, para o animal ficar atento a qualquer movimento ríspido em sua área de atuação, através do latido, mordendo e segurando seu oponente, quando este entrar em seu raio de atuação, e o comando de “Larga” para o animal largar de imediato ficando em “Guarda”(já com objetivo definido).

Figurante

O trabalho do figurante neste tipo de condicionamento, é o aspecto mais importante. Do seu trabalho dependerá o sucesso do animal, chegando até em alguns casos a recuperar o cão, despertando inclusive o seu instinto de defesa, quando for o caso. Deverá analisar e estudar o animal juntamente com o adestrador, formando assim o trinômio cão/adestrador/figurante. Aplicará nele técnicas correspondentes a seu temperamento e caráter, afim de evitar possíveis traumas que possam vir a prejudicar seu desenvolvimento no futuro, observando devidas recompensas e estímulos, assim como locais adequados e permitidos a golpear, a saber: cernelha, flancos e coxas, sem com isso causar danos ao animal, e ainda, quando faze-lo. O figurante estará aproveitando ao máximo o mínimo de resposta que o cão possa apresentar, devendo ser versátil e criativo, auxiliando-o, estimulando e reforçando nas horas certas, mostrando assim seu alto grau de profissionalismo, que ao formar o cão, causará grande admiração e respeito por todos em seu meio.

Gestos

O adestrador com a guia estendida, presa pela alça no punho direito, mão direita na altura do joelho direito, perna esquerda a frente, mão no dorso do cão, colar travado (pode ser utilizado o peitoral, mas atenção ao condicionamento...), estando o cão a sua esquerda e a frente. Pode ser utilizado também o Poste, este com duas guias, uma para manter o cão preso ao mesmo e outra para ser utilizada quando por ocasião da recompensa... O figurante partirá em direção do animal (em zigue - zague, em L invertido, em meia lua, etc.), olhando em seus olhos, emitindo sons de insulto e gestos ríspidos, simultaneamente o condutor comandará “Cuida” e a menor resposta do cão, empreenderá o figurante uma fuga em sentido oposto, demonstrando assim um suposto medo para que o animal adquira autoconfiança, e concretize com mais eficiência nessa atitude comportamental. Neste momento o adestrador aplicará reforços e estímulos, com tom de voz para incentivá-lo a permanecer demonstrando, cada vez com mais intensidade, esta atitude.

Com o trabalho evoluindo, deve-se repetir todo este procedimento em outro local, deverá estar com o animal sempre junto de si, para aumentar cada vez mais sua confiança e gana de morder o figurante. Se o animal for muito sensível, deverá o figurante despertar seu instinto de defesa, desferido-lhe pequenas agressões, evitando que o animal vire de costas para a situação.

O adestrador e o figurante repetirão inúmeras vezes os procedimentos acima até que o cão assimile o condicionamento e comece a querer perseguir e figurante, sempre dando passos à frente e recolhendo guia, para evitar que o animal se condicione a abandonar o figurante.

Bastões e Chicotes

Ao ter firmado a fase do gesto, o cão passará para a próxima etapa, que chamamos de ameaça com bastões, esta etapa vem para firmar a coragem e espírito de luta do animal, onde o figurante de posse de um bastão/chicote (evitando possíveis hematomas...), investirá contra o animal olhando em seus olhos, primeiramente emitindo ruídos para chamar sua atenção e depois gesticulando com o bastão. O adestrador ao perceber que o cão está firme pedirá ao figurante que lhe aplique dois golpes suaves em seus flancos para que reaja, respondendo ao estímulo com a intensidade que se deseja, em seguida o figurante partirá em fuga como se estivesse fugindo da situação, momento em que o cão e seu adestrador empreenderão uma pequena perseguição, todos estes acontecimentos regados sempre a estímulos e reforços por parte do adestrador para com o cão.

Caso o animal recue, o figurante, usando de técnicas eficientes, no espaço de tempo adequado, deverá aplicar estímulos negativos para que o cão não crie o hábito de abandonar a situação, ou ainda, retorne e efetue círculos próximo a seu condutor, devendo o cão ficar atento e não dando as costas a seu oponente.

Serão tomados estes procedimentos até que o cão esteja com o padrão de respostas compatível com o

que se deseja e, ao se aproximar o figurante, deverá latir com firmeza e quando este lhe tocar com o bastão, tentará abocanhar e tomar de suas mãos, reagindo com ferocidade como se estivesse capturando uma presa, quando então o figurante partirá em fuga saindo do seu limite de atuação eficaz, e seu adestrador, em ato contínuo, sempre estará pronto a dar estímulos e reforços aos menores indícios de respostas.

Mordente

Durante a amizade com seu cão, o bom adestrador já utilizou a salsicha de cizal como recreação, agora não terá muitas dificuldades em desenvolver esta nova fase, apenas terá que aperfeiçoa-lo tirando sua dependência, pois a salsicha de cizal só mudará sua espessura, consistência e tamanho, tendo em vista que o animal já terá firmeza em sua mordedura (**Obs: a mordida do cão é formada por abocanhar, pressionar e dilacerar**).

O adestrador segurará o cão numa situação de segurança, para todos, dando-lhe o comando devido, o figurante, de posse da salsicha, gesticulará de forma ríspida contra o mesmo, deslocando de acordo com a intensidade dos latidos, assim como sua frequência, efetuando movimentos com a salsicha, sendo que no momento em que perceber que o cão mostrou sua intenção com eficiência, lançará o artefato de modo que possa ser abocanhado pelo cão, fazendo pequenos movimentos de reação, como uma presa se debatendo, fixará seu olhar nos olhos do animal, quando o animal receberá simultaneamente o comando de “Pega”, então soltará imediatamente a salsicha e partirá em fuga, deixando a salsicha de posse do cão, e este, recebendo estímulos e reforços como recompensa.

Fará estes procedimentos até que o cão adquira o condicionamento a largar sob comando, ficando na obediência para que o condutor faça a revista ao figurante. Todo este trabalho deve ter uma frequência e uma mudança de ambiente adequados a realidade que será imposta ao cão e ainda, todo ele foi começado ainda na adolescência do nosso cão, como forma de recreação.

Manga

Com a certeza de que o cão vem se desenvolvendo bem, com segurança e firmeza, passaremos para a fase da manga.

O adestrador segurando o cão na **posição básica**, comandando-lhe “Cuida”, o figurante por sua vez já equipado com macacão e manga, gesticulará e emitirá ruídos passando em sua diagonal, inserindo-lhe a manga na boca; como fizera outrora com a salsicha e, quando o animal mordê-la, fará pequenos movimentos, para que se habitue e firme sua mordedura, adquirindo confiança nesta nova fase, ao tempo em que empreenderá a fuga, podendo ser seguida de perseguição, quando for o caso. Em outras aulas, o cão já tendo firmado a pegar e segurar a manga, sem inibição e com segurança, o figurante dará a manga novamente, só que mantendo uma maior resistência, lutando e aumentando o limite de tensão emocional do cão, sem extenua-lo, devendo, gradativamente aplicar-lhe dois rápidos golpes em seus flancos, obrigando-o a lutar com mais eficiência, então o figurante soltará a manga e empreenderá fuga, diversas vezes repetindo o exercício.

Agora o cão está firme, seguro e na condição de receber novamente o comando “Larga”, este também teve início com a salsicha de cizal, no início de tudo, sob forma de recreação.

O adestrador ao perceber a aproximação ríspida do figurante, comandara e animal “Pega”, liberando-o, efetuando uma curta perseguição, onde seu oponente o enfrentará firmemente com alto tom de voz, recebendo-o em ataque surpresa, e com a evolução, em ataque lançado, desferindo golpes de bastão em seus flancos, em intensidade compatível com o temperamento do cão. Ao perceber a firmeza da mordedura do cão, o adestrador reforçará, quando figurante ficará imóvel cessando a reação (mantendo a manga a altura do tórax) onde comandará “Larga” e “Senta”, em seguida pedirá para que o figurante se afaste, fazendo a revista, desarmando-o e conduzindo juntamente com o cão, fará uma parada deixando o animal por um tempo ao lado do figurante para que guarde a presa, não a abandonando. Após, o condutor retornará ao cão, estimulando e reforçando seu comportamento e liberando o **figurante** (poderá ser feita a premiação ao término do trabalho).

Fica

O cão estará em “Senta” ao lado esquerdo do adestrador, este postar-se-á a de frente para a lateral direita do cão, ficando abaixado em uma posição adequada, de modo que com a perna direita forme uma barreira defronte do cão, para que o mesmo não dê passos a frente; a mão esquerda irá sob sua barriga, empurrando-a para cima e para trás, comandando simultaneamente “Stay”, deixando-o por algum tempo nesta posição, retornando a posição de “Senta”. Após o cão ter condicionado o exercício o condutor repetirá novamente todos os procedimentos anteriores, só que introduzindo os semi-círculos, sem que saia da

posição, estando pronto então para receber o comando por gesto e posteriormente a retirada da guia.

Uma variação deste exercício seria da seguinte forma, o condutor fará todos os procedimentos do primeiro método, só que em vez de utilizar a mão, utilizará o pé esquerdo sob a barriga do animal; ao tempo que comandará “Stay”, levantará o pé esquerdo para cima e para trás, até que o cão fique na posição desejada, agradando - o com tom de voz, deixando-o nesta posição por algum tempo, em seguida retornará a posição de “Senta”, recompensado-o por ter executado o exercício sem resistência, quando o fizer.

Objeto

Este exercício teve início durante a fase da amizade, agora iremos dar continuidade a ele fazendo as devidas correções, lapidando o animal.

O adestrador estará com o cão em “Senta”, o brinquedo na mão direita, atirando o mesmo a sua frente, liberando o cão e comandando busca. Com a repetição vem o condicionamento, passando então a conter o cão até que o objeto caia completamente ao solo. Com a possessividade do cão, busca direcionar seu comportamento para que traga o brinquedo para que se possa repetir o exercício, e este tem que ser de forma lúdica, para que o cão trabalhe com alegria. Gradativamente aumenta distância e o intervalo de tempo entre o estímulo e a resposta, assim como a recompensa.

Em Frente

Afim de não proporcionar conflito ao entendimento do cão, o adestrador aproveitará a possessividade do animal para com o objeto, fazendo o emparelhamento, anulação e extinção de estímulos. Coloca-se o objeto a uma pequena distância, comanda-se busca, em frente e deita. Paulatinamente aumenta-se a distância, procede-se anulação e a extinção do emparelhamento dos estímulos, restando somente um estímulo e uma resposta. Observa-se neste exercício a mesma metodologia dos demais, estímulos e reforços e progressão do trabalho proposto.